



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA DA CULTURA



NOÊMIA DE LOURDES NASCIMENTO

NA MINHA PELE: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DO
LETRAMENTO RACIAL

São João del-Rei

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA DA CULTURA



NOÊMIA DE LOURDES NASCIMENTO

NA MINHA PELE: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DO
LETRAMENTO RACIAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Teoria Literária e Crítica da Cultura

Linha de Pesquisa: Discurso e Representação Social

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Dylia Lysardo-Dias

São João del-Rei

2019

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N244m Nascimento, Noêmia de Lourdes.
Na minha pele : uma análise sob a perspectiva do
letramento racial / Noêmia de Lourdes Nascimento ;
orientadora Dylia Lysardo-Dias. -- São João del-Rei,
2019.
158 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em
Letras) -- Universidade Federal de São João del-Rei,
2019.

1. Letramento racial. 2. Negro. 3. Teoria
Semiolinguística. 4. Lázaro Ramos. I. Lysardo-Dias,
Dylia, orient. II. Título.

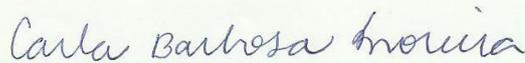
Noêmia de Lourdes Nascimento

*Na Minha Pele: uma análise
sob a perspectiva do Letramento Racial*

Banca Examinadora



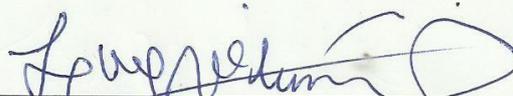
Prof.^a Dr.^a Dylia Lysardo Dias – UFSJ
(Orientadora/Presidente)



Prof.^a Dr.^a Carla Barbosa Moreira - CEFET/MG
(Titular Externo)



Prof. Dr. Cláudio Márcio do Carmo - UFSJ
(Titular Interno)



Prof. Dr. Luiz Manoel da Silva Oliveira
Coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras

Setembro de 2019

AGRADECIMENTOS

Agradecer é ver o mundo pelo viés positivo e otimista. É reconhecer a beleza das coisas, das pessoas e dos bons momentos. É também perceber a oportunidade de aprendizado nas dificuldades e nos momentos difíceis. Mas, principalmente, é olhar ao redor e ter gratidão por aqueles que caminham ao nosso lado, nos incentivando e comemorando conosco cada vitória. O mestrado é um sonho e foi uma etapa de grande crescimento pessoal e acadêmico. Por isso, nada mais justo que prestar alguns agradecimentos.

À CAPES, por ter financiado essa pesquisa.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Dylia Lysardo-Dias, a quem dispenso toda a minha admiração e respeito. Obrigada por “abraçar”, literalmente, esta pesquisa, apontar possibilidades, alertar sobre alguns equívocos e compartilhar sua grandiosa experiência comigo. Agradeço toda a sua generosidade, paciência, atenção, e por me mostrar, desde a graduação, a importância de se trabalhar com a Análise do Discurso.

Aos professores do Promel, principalmente, ao Prof. Dr. Argus Moraes e à Profa. Dra. Nádia Biavati, que foram fundamentais para o delineamento inicial dessa pesquisa; ao Prof. Dr. Edmundo Gasparinni, pelas preciosas contribuições na qualificação interna; e ao Prof. Dr. Cláudio do Carmo, pelos questionamentos e sugestões no processo de qualificação externa, e por se dispor a compor a banca de defesa, junto à Prof^a. Dr^a. Carla Moreira, a quem dispenso meus sinceros agradecimentos.

À minha mãe, Maria de Lourdes, minha maior incentivadora e meu apoio de todos os dias; e ao meu querido pai (*in memoriam*), meu anjo da guarda: essa conquista é nossa! Obrigada por terem me ensinado, desde a infância, a valorizar e acreditar no poder transformador da educação.

Ao meu irmão, Jorge Fernando, por crer no meu potencial e sempre me incentivar a seguir em frente; e ao meu noivo, Henrique, por apoiar todas as minhas decisões e projetos. Agradeço toda sua compreensão e companheirismo.

Aos meus amigos(as) pelo incentivo e apoio de sempre; aos colegas do mestrado e, especialmente, ao Júlio e à Adriene, por compartilharmos conhecimentos, as incertezas, alegrias e as descobertas do universo da pesquisa.

À Deus, força maior que me guia, me protege e me presenteia com o dom da vida.

A todos leitores desse trabalho, muito obrigada!

[...] Sei que isso será só o começo, muito há para ler e assistir sobre o assunto.
Você também é parte dessa solução.
“Sim, mas buscar o que?”, o jovem amigo me perguntou.
Respondi.
Respeito aos nossos traços físicos.
Relações justas.
Ressignificar no nosso dia a dia tudo aquilo que nos diminui.
Aquilo que é feito do mundo para conosco e de nós para nós mesmos.
Ser representado na política.
Ter informação, acima de tudo para sabermos o que houve e o que está por vir [...]
(Lázaro Ramos)

RESUMO

Este estudo teve por objetivo analisar o livro *Na minha pele*, a autobiografia do ator Lázaro Ramos, sob o viés do letramento racial, buscando identificar como a escrita de si pode ter uma função conscientizadora e formativa, no que se refere a(s) identidade(s) dos negros. Adotamos uma abordagem discursiva, centrada na Teoria Semiolingüística, proposta por Patrick Charaudeau (2008). Mobilizamos os conceitos de letramento (KLEIMAN, 1995; ROJO, 2012, 2013; STREET, 2014; SOARES, 2017) e de letramento racial, formulado por Alisson Skerret (2011 apud FERREIRA, 2015), assim como os pressupostos teórico-metodológicos sobre a *verboiconicidade* (MENDES, 2013). A metodologia adotada partiu da geração de dados a partir de buscas manuais, para mapeamento e sistematização de todos os excertos do livro que continham a palavra “negro” e a expressão “ator negro”, bem como pelo mecanismo de busca disponibilizado pelo *Instagram*, para selecionar as publicações de rede social veiculadas com a *hashtag* homônima ao título da obra. As análises evidenciaram que a explicitação de vivências individuais no material examinado, ao tangenciarem as questões de raça, evocam outras vozes e saberes partilhados sobre o negro dispersos na sociedade, produzindo efeitos de sentido relativos a movimentos de identificação com as memórias e pontos de vista do narrador e problematizações sobre a temática racial. Tais constatações confirmaram nossa hipótese sobre a possibilidade de a narrativa de vida funcionar como uma forma de agência para o letramento racial, ampliando a compreensão sobre a relação entre a escrita autobiográfica e experiências intersubjetivas com o racismo.

Palavras-chave: Letramento racial; Negro; Teoria Semiolingüística; Lázaro Ramos.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the book *In my skin*, the autobiography of actor Lázaro Ramos, under the bias of racial literacy, seeking to identify how writing the self can have a conscientious and formative function, regarding the identity of black people. We adopted a discursive approach, centered on the Semiolinguistic Theory, proposed by Patrick Charaudeau (2008). We mobilize the concepts of literacy (KLEIMAN, 1995; ROJO, 2012, 2013; STREET, 2014; SOARES, 2017) and racial literacy, formulated by Alisson Skerret (2011 apud FERREIRA, 2015), as well as the theoretical and methodological assumptions about *verbiconicity* (MENDES, 2013). The adopted methodology was based on the generation of data from manual searches, to map and systematize all the excerpts of the book that contained the word “black” and the expression “black actor”, as well as the search engine provided by *Instagram*, to select the social network posts that presents a hashtag with the title of the book. The analyzes showed that the enunciation of individual experiences in the material examined, when addressing the issues of race, evoked other voices and knowledges shared about black people dispersed in society, producing meaning effects related to movements of identification with the memories and points of view of the narrator and problematizations about the racial theme. These findings confirmed our hypothesis about the possibility that life narrative could function as an agency for racial literacy, broadening the understanding of the relationship between autobiographical writing and intersubjective experiences with racism.

Keywords: Racial literacy; Black people; Semiolinguistic Theory; Lázaro Ramos.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1: Foto da capa do livro <i>Na minha pele</i> (RAMOS, 2017). | 68 |
| Figura 2: Capa da biografia de Gilberto Gil <i>Gilberto bem perto</i> (2013)..... | 74 |
| Figura 3: <i>Printscreen</i> da postagem de Preta Gil com a <i>hashtag</i> #gilbertobemperto..... | 75 |
| Figura 4: <i>Printscreen</i> de postagem 1..... | 77 |
| Figura 5: <i>Printscreen</i> da postagem 2..... | 77 |
| Figura 6: Lázaro Ramos na escola..... | 96 |
| Figura 7: Capa da <i>Revista Época</i> | 99 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| CAPÍTULO 1 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS | 19 |
| 1.1 SOBRE OS ESTUDOS RACIAIS | 19 |
| 1.2 LETRAMENTOS E LETRAMENTO RACIAL | 24 |
| 1.2.1 Os novos estudos do letramento e os letramentos sociais | 29 |
| 1.2.2 Letramento digital, novos letramentos e multiletramentos | 31 |
| 1.2.3 Letramentos críticos, teoria racial crítica e letramento racial | 34 |
| 1.3 TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA..... | 42 |
| CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS | 48 |
| 2.1 ESCOLHAS TEÓRICAS E PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS | 48 |
| 2.2 APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DE ANÁLISE..... | 52 |
| CAPÍTULO 3 - A CAPA DA OBRA NA <i>MINHA PELE</i> | 59 |
| 3.1 A CAPA COMO MATERIALIDADE DISCURSIVA | 59 |
| 3.2 IMAGENS E(M) DISCURSO | 61 |
| 3.2.1 O rosto em foco | 64 |
| 3.3 UM OLHAR MULTIMODAL SOBRE A CAPA DE <i>NA MINHA PELE</i> | 67 |
| CAPÍTULO 4 - A EXPRESSÃO “ATOR NEGRO” | 82 |
| 4.1 PROFISSÃO E QUALIFICAÇÃO | 83 |
| 4.2 EXCLUSÃO, ENUMERAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO | 93 |
| 4.3 REPRESENTATIVIDADE E IDENTIDADE NEGRA | 103 |
| 4.4 AFIRMAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO | 116 |
| 4.5 CARREIRA E EXCEÇÃO..... | 125 |
| CONCLUSÃO | 128 |
| RESULTADOS E PERCURSO DE ANÁLISE..... | 128 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 137 |

| | |
|--|-----|
| REFERÊNCIAS | 140 |
| ANEXO A - Aproximações entre figuras humanas e animais..... | 149 |
| ANEXO B - Livro <i>No seu pescoço</i> (ADICHE, 2009) | 150 |
| ANEXO C - Imagens de capas de livros com rosto negro..... | 151 |
| ANEXO D - Publicações com a capa da autobiografia de Gilberto Gil - <i>Gilberto bem perto</i> (GIL; ZAPPA, 2013) | 152 |
| ANEXO E - Imagem da cantora Daniela Mercury no carnaval do ano de 2017, quando foi acusada de praticar <i>blackface</i> | 153 |
| ANEXO F - Figuras do <i>Homem-Aranha Negro da Marvel</i> e da personagem <i>Milena</i> , da <i>Turma da Mônica</i> | 154 |
| ANEXO G - Imagem publicada no <i>Facebook</i> , na página <i>Liberdade para Rafael Braga</i> , comparando Rafael Braga ao filho da desembargadora | 155 |
| ANEXO H - Imagens publicadas no <i>Instagram</i> retratando o livro <i>Na minha pele</i> sendo utilizado na sala de aula em algumas escolas. | 156 |
| ANEXO I - Lucas Soares, ex-servidor público, exonerado após as investigações concluírem que ele havia forjado o sistema de cotas para negros..... | 158 |

INTRODUÇÃO

A pesquisa acadêmica parte de uma inquietação do pesquisador sobre um problema ou fenômeno verificado no mundo, o qual necessita de tentativas de explicação, a partir de interpretações que indicam essas questões. Desse modo, nos motiva a busca por sistematizações sobre o modo como, na contramão do silenciamento, a explicitação de experiências individuais com o racismo é capaz de suscitar o debate sobre a questão racial e mobilizar outros discursos sobre o tema. Interessa-nos, sobretudo, perceber como a autobiografia de Lázaro Ramos, *Na minha pele*, é capaz de afetar o outro e levá-lo a perceber-se racialmente, bem como compreender e problematizar a maneira como a raça pode influenciar suas experiências.

Considerando nosso interesse sobre as escritas de si, nos deparamos com a obra em questão, lançada no mesmo ano em que começamos a delinear este estudo: 2017. De antemão, notamos que não se tratava de um texto ingênuo, no qual o ator, simplesmente, se dispôs a relatar fatos de sua vida. Percebemos que a obra trazia uma peculiaridade no tocante ao apelo à temática racial que perpassa a maioria das experiências narradas.

Como sujeito, Lázaro Ramos é atravessado por circunstâncias históricas, sociais, culturais e ideológicas que de algum modo interferem na compreensão de suas experiências de vida e na imagem que tem de si mesmo. Postulamos que tal conjuntura traz à tona imaginários discursivos relativos à ideia de racismo que estão dispersos na sociedade e poderão ser retomados, construídos, desconstruídos e reconstruídos pela/a partir da leitura do livro, gerando efeitos de sentido que concorram à uma forma de agenciamento para o letramento racial. Julgamos, por isso, que a narrativa possa funcionar cumprindo uma função conscientizadora e formativa, no que se refere a(s) identidade(s) dos negros.

O conceito de letramento racial nos foi apresentado na obra organizada por Aparecida de Jesus Ferreira¹ - *Narrativas Autobiográficas de Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos de Linguagem* (FERREIRA, 2015). O livro contém um artigo de sua autoria denominado “Narrativas autobiográficas de professoras/es de línguas na universidade: letramento racial crítico e teoria racial crítica”.

¹Aparecida de Jesus Ferreira é professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa e desenvolve pesquisa sobre raça, gênero e letramentos, sendo uma das principais expoentes do letramento racial no Brasil. Seus trabalhos principais sobre o tema são: o livro “Letramento Racial através de narrativas autobiográficas - com atividades reflexivas” (Editora *estudiotexto*, 2015) e o artigo “Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidades raciais de professores de línguas” (2014).

Neste texto, a pesquisadora destaca a relevância da ideia de letramento racial para se trabalhar as políticas públicas relativas às questões de diversidade étnico-racial e as diretrizes para o ensino de História e Cultura afro-brasileira e indígena pontuadas pela Lei nº 10.639/2003. (BRASIL, 2003a) Para tanto, a autora aborda a intersecção entre narrativas autobiográficas e a teoria racial crítica; apresenta as definições de letramento, letramento crítico e letramento racial²; e desenvolve uma análise de narrativas de professores, baseando-se nos conceitos descritos. Por meio do contato com esse trabalho buscamos outros textos da professora que abordassem o tema. Identificamos que Ferreira (2014, 2015) alia a seus estudos sobre letramento racial o exame de aspectos linguísticos e discursivos, como nomeações, formações identitárias, dentre outros.

Assim, nos colocamos diante da possibilidade de atrelar a narrativa autobiográfica em questão às teorias do discurso e analisar o modo como o livro pode construir problematizações sobre as questões de raça e racismo. No contexto brasileiro, os primeiros autores a abordarem a teoria racial crítica foram Gandin, Diniz-Pereira e Hypólito (2002), que entrevistaram a professora Gloria Ladson-Billings, reconhecida por trazer a terminologia para o campo educacional. Não encontramos nos periódicos da *Capes* e no *Google acadêmico* nenhuma dissertação ou tese em língua portuguesa que tenha o letramento racial como um dos pilares da pesquisa. Além dos autores supracitados, alguns citam o termo, tais como, Cruz (2004) e Dias (2013).

Desse modo, por se inserir numa abordagem teórica que ainda está se consolidando no Brasil, este estudo se coloca frente a variadas possibilidades interpretativas do conceito e propõe um trabalho pioneiro. A análise do letramento racial, a partir de uma obra literária, por si, já traz à tona implicações inusitadas de práticas de leitura, de escrita e da própria linguagem verbal e não verbal.

O discurso constitui uma das formas de sustentação e manutenção do racismo. A língua, enquanto prática social que não existe fora das instâncias históricas e culturais, garante a perpetuação de estruturas de poder que alienam, marginalizam e excluem, trazendo consequências expressivas à vida dos sujeitos. O negro, historicamente, é expropriado de possibilidades de representação, invisibilizado e silenciado. Todavia, ao longo dos séculos, os povos africanos e afrodescendentes, continuamente, se envolveram

²Ferreira (2015) explica que utiliza em seus trabalhos a terminologia “letramento racial crítico” pelo fato de a descrição desse termo ser mais adequada às suas pesquisas no âmbito da linguística aplicada. Adotamos a denominação de “letramento racial”, pois a definição adotada nesse estudo é conceituada como “letramento racial” (SKERRET, 2011 apud FERREIRA, 2015), apesar de também partir de uma perspectiva crítica (apresentaremos a definição na seção 1.2).

em movimentos de resistência e, nas últimas décadas, eles têm, cada vez mais, se engajado na luta por representatividade, buscando romper tais estruturas.

Dessa forma, postulamos que o racismo não é mantido somente pelo discurso, no uso de expressões “despretensiosas”, nos estereótipos ligados à sensualidade, à rítmica e à falta de aptidão intelectual, mas também pelo silêncio, pois, apesar de os povos escravizados formarem a base da sociedade brasileira, há um ocultamento da riqueza de sua cultura, organização social e econômica. O silenciamento gera invisibilidade e contribui para a falta de representatividade do negro que pode afetar a formação das identidades e a conscientização sobre o tema. Além disso, funciona para perpetuar o pressuposto de que a cor da pele determina funções e lugares.

Adotamos nesse estudo uma abordagem discursiva, centrada na Teoria Semiolinguística, elaborada por Patrick Charaudeau (2008), para darmos conta da dimensão sociointerativa da língua. Nortearmo-nos, portanto, pela busca de efeitos de sentido da língua, enquanto fazer representativo, parte da construção social e da constituição humana. No domínio da Teoria Semiolinguística (CHARAUDEAU, 2008) admite-se que todo ato de linguagem carrega um dado objetivo comunicativo e envolve um jogo de efeitos de sentido. Ida Lúcia Machado (2015, 2018), ao descrever o conceito de narrativa de vida que se aplica ao material de nossa análise, dialoga com a teoria do pesquisador francês, ponderando que os atos de linguagem constituídos por certos narradores almejam, dentre outros fins, relatar experiências de vida para realizar um determinado objetivo comunicacional.

Desse modo, os pressupostos teóricos de Charaudeau (2008) e Machado (2015, 2018) sustentam nossa hipótese de que a escrita de si pode carregar outros objetivos comunicativos, além de meramente narrar experiências de vida. Acreditamos que o livro *Na minha pele* constrói um discurso crítico e argumentativo, já anunciado no prólogo, quando o narrador diz que a linha que costura o livro é a sua formação identitária e a conscientização sobre o tema que, segundo ele, é um artifício para falar de todos. Lázaro Ramos traz a própria experiência de constituição de identidade social de raça, permeada pelo racismo para dialogar com o seu leitor. Desse modo, para darmos conta desse enfoque argumentativo do texto, manifestado por posicionamentos do narrador e pela tentativa do mesmo em direcionar o olhar do interlocutor para determinados pontos de vista relacionados ao tópico racial, nos baseamos nos pressupostos teóricos de Ruth Amossy (2011, 2018) sobre a argumentação no discurso.

Sendo assim, este estudo tem como tema a relação entre a escrita de si e a difusão de conhecimentos que possibilitem uma visão crítica acerca das implicações das questões de raça no domínio das práticas sociais por meio do discurso. O foco da nossa pesquisa se dá no propósito de explorar o modo pelo qual uma escrita de si pode se transferir do espaço privado para o público e funcionar como um elemento que possa participar da produção de processos de letramento racial³.

O material de análise é constituído pelo livro *Na minha pele*, a autobiografia de Lázaro Ramos, publicada pela *Editora Objetiva*. No entanto, relacionaremos ao livro outros elementos, tais como publicações de rede social, publicidades, capas de outros livros, fotografias do ator, dentre outros materiais que possam contribuir para construirmos apontamentos sobre os efeitos de sentido visados e possivelmente constituídos pela obra.

No relato pessoal, Lázaro Ramos conta acontecimentos de vida sob a perspectiva do “eu”, já expressa no emprego metonímico da palavra “*pele*” no título, assumindo sua identidade de negro, brasileiro, homossexual e criado numa família economicamente desfavorecida. Além disso, o autor compartilha experiências pessoais de convivência com o racismo e assume pontos de vista e posicionamentos, convidando o leitor a uma experiência de alteridade.

A relevância da autobiografia *Na minha pele* deve-se ao fato de ela trazer a voz de um sujeito negro capaz de se articular e direcionar seu discurso a negros e brancos. Lázaro Ramos representa uma exceção que pode reforçar o discurso meritocrático, tendo em vista que o negro, geralmente, não ocupa seu lugar de fala, sendo falado por outros, coisificado e destituído de família e de história. No Brasil, são poucos os negros que se tornaram escritores e tiveram reconhecimento e projeção, como é o caso de Lima Barreto, Ana Maria Gonçalves e Conceição Evaristo, dentre outros. Nessa conjuntura, consideramos que o ator pode ocupar o lugar do chamado “negro único”: aquela pessoa que foge à regra e se destaca dos seus pelo esforço próprio, mas que, ao mesmo tempo, é escolhida pela branquitude para provar que a sociedade não é racista. Mas, por outro ângulo, o reconhecimento da qualidade de sua atuação profissional, de sua postura militante e de seu engajamento em causas sociais, sobretudo, naquelas voltadas às

³Não afirmamos que um único livro possa condensar a responsabilidade pela viabilização do letramento racial. No entanto, pressupomos que a materialidade linguístico-discursiva da narrativa, junto às próprias experiências de vida e conhecimentos dos leitores, possa compor uma atmosfera capaz de colaborar com a ocorrência desse processo.

relações raciais, pode fazer dele uma representação negra positiva e um modelo que hoje é uma exceção. Ramos é premiado nacional e internacionalmente⁴ e visto por muitos como um arquétipo, com admiração e respeito, consolidando-se como uma forma de identidade racial que suscita.

É importante também salientar a grande repercussão do livro, que até junho de 2019 desencadeou mais de 8.000 publicações no *Instagram*⁵, as quais discorrem sobre movimentos de identificação dos usuários da rede com as experiências do narrador, reflexões, questionamentos, constatações, desconstruções e aprendizados trazidos pela/ a partir da obra; ou, ainda, memórias, emoções e outros efeitos suscitados pelo texto e/ou pela leitura.

A importância desse estudo consiste no fato de apontarmos possíveis formas de se construir conhecimentos que podem colaborar com a formação das identidades sociais de raça a partir da escrita de si em contextos formais e informais. Por contemplar, dentre outros materiais, publicações de rede social que de alguma forma articulem-se com o livro, essa pesquisa destaca as mudanças nas interações do mundo contemporâneo, nas quais os diários e os cadernos estão sendo substituídos pelas plataformas virtuais; e as relações têm se tornado mais fluidas, assim como as identidades que se constituem por um constante devir e por movimentos de construção, desconstrução e reconstrução ao longo de toda a vida do sujeito.

Assim, pretendemos desenvolver um estudo crítico, numa perspectiva descritivo-interpretativa, que tem como objetivo geral analisar o modo como a construção linguístico-discursiva do livro *Na minha pele* pode compor efeitos de sentido que constituam uma forma de agência para o letramento racial. Ao instaurar a linguagem verbal e não verbal como objeto de estudo, objetivamos recuperar pistas deixadas na materialidade discursiva que possam compor esse deslocamento, atravessando a perspectiva individual para a coletiva.

⁴Lázaro Ramos foi indicado ao Emmy (2007) de melhor ator por sua atuação na novela *Cobras e Lagartos* (2006), como *Foguinho*. Foi considerado pela *Revista IstoÉ* um dos brasileiros mais influentes dos anos de 2007 e 2009. Em julho de 2009 foi nomeado embaixador da UNICEF. Em 2017, junto à esposa Taís Araújo, recebeu o prêmio *Most Influential People of Africa Descent*, em Nova York/EUA, que também homenageou personalidades como Beyoncé e a escritora Chimamanda Adiche. Em 2018, recebeu o prêmio *Trip Transformadores*, da *Revista Trip*, por ser considerado pela revista um brasileiro que recria a noção de desenvolvimento, transformando a vida das pessoas.

⁵Rede social que funciona como uma espécie de álbum de fotos, no qual os usuários podem tratar de assuntos em comum por meio de *hashtags*. <<https://www.instagram.com/explore/tags/naminhapele/>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

Os objetivos específicos são: (i) identificar na materialidade linguístico-discursiva da obra aspectos que visem efeitos de sentido capazes de gerar conhecimentos sobre raça e racismo; (ii) determinar a maneira como a linguagem verbal e não verbal, disposta na capa do livro e nas imagens das postagens, podem se relacionar às questões que envolvem os negros; (iii) verificar o modo como outras vozes se manifestam nos dizeres do narrador, comprovando ou refutando seus pontos de vista; (iv) caracterizar e analisar os fatores que apontem para a dimensão persuasiva da obra, no que se refere às questões raciais; e (v) abordar o letramento racial a partir da análise de uma narrativa de vida.

Esse trabalho busca, portanto, ultrapassar a estrutura linguística, pois tem como objeto fundamental o próprio discurso. Nosso propósito é o de constituir gestos interpretativos sobre os efeitos de sentido visados nos excertos selecionados, atentando-nos ao modo pelo qual estes aspectos podem afetar os sujeitos, ocasionando deslocamentos e rupturas. Consideramos a linguagem em movimento, enquanto objeto de interação e como um modo de produção social. Serão abordados os embates históricos e sociais inerentes ao discurso, que reforcem certas hierarquias e representações.

A respeito da delimitação do *corpus*, para auxiliar na tentativa de cumprir o objetivo geral, trabalhamos nas análises, principalmente, com (i) a concepção verbo-imagética da capa do livro *Na minha pele*, associada às capas de outros livros e publicações de rede social para mensurarmos efeitos de simbolização, identificação e ressignificações; e (ii) seis excertos que contêm a expressão “ator negro”, por inferirmos que o emprego do termo se faz representativo, ao agregar aspectos que relacionam o papel profissional do sujeito à sua condição racial, envolvendo implicações nas relações sociais, institucionais, de poder e econômicas. Articulamos, ainda, ao exame dessas materialidades, outros trechos do livro em que apareça a palavra “negro” e nos quais sejam abordados aspectos que se façam pertinentes à análise, por meio de variáveis formais e temáticas.

Quanto à organização da dissertação, no primeiro capítulo expusemos as principais perspectivas teóricas do presente trabalho. Inicialmente, tratamos de alguns conceitos presentes no debate sobre as relações e as questões raciais, a saber, preconceito, discriminação, raça, etnia, identidade, dentre outras, calcados em Antônio Guimarães (1999), Kabengele Munanga (1994, 2003) e Nilma Lino Gomes (2005), visto que a temática racial norteia este estudo.

Além disso, tratamos do(s) letramento(s), apresentando postulados referentes a definição e as especificações do conceito, advindos dos novos estudos do letramento e dos letramentos sociais; do letramento digital, dos novos letramentos e do multiletramento; do letramento crítico, da teoria racial crítica e do letramento racial (KLEIMAN, 1995; ROJO, 2012, 2013; SOARES, 2017; MOITA LOPES, 2010; MILNER; HOWARD, 2013 apud FERREIRA, 2015; STREET, 2014; SKERRET, 2011 apud FERREIRA, 2015; FERREIRA, 2014, 2015). Nesta seção, almejamos demonstrar como as formulações teóricas sobre o(s) letramento(s) permitem a concepção de práticas letradas que se dão em nível local e fragmentado, em ambientes escolarizados e não escolarizados a partir de ferramentas inusitadas, como as telas de computadores e *smartphones*, por exemplo.

Em seguida, ainda no primeiro capítulo, discorreremos sobre os princípios e conceituações fundantes da Teoria Semiolinguística (CHARAUDEAU, 2008) que foi adotada nesse estudo por configurar uma teoria do discurso construída a partir do olhar sociodiscursivo e por possuir um grande potencial na análise de discursos variados. O objetivo dessa seção consiste em mostrar as elaborações teóricas que nos permitirão analisar as singularidades das práticas de letramento racial no/a partir do livro *Na minha pele*.

No segundo capítulo, discorreremos sobre as escolhas metodológicas que conduziram este trabalho: o processo de geração de dados, a organização do estudo, a análise dos excertos, assim como os pontos mais relevantes tratados em cada uma das seções. Apresentamos também o livro que constitui o material de análise principal. Conjecturamos que a compreensão geral da obra e dos capítulos do livro se faz necessária para o que leitor assimile alguns pontos abordados no decorrer da análise. A importância deste capítulo se dá pelo fornecimento de informações sobre a disposição do referencial teórico e os procedimentos de análise, imprescindíveis para o entendimento apropriado do trabalho, principalmente, dos dois capítulos que o seguem.

Em relação ao terceiro capítulo, teórico-analítico, optamos por abordar, num primeiro momento, o referencial teórico. Primeiramente, versamos sobre capas de livros, (CARVALHO, 2008); tratamos da ideia de multimodalidade (DIONÍSIO, 2007; NASCIMENTO et al., 2011) e dos pressupostos teórico-metodológicos acerca da *verboiconicidade* (MENDES, 2013). Expusemos, ainda, estudos sobre o rosto (COURTINE; HAROCHE, 1988), tomado enquanto expressão. Logo após, nos dedicamos à análise da capa do livro *Na minha pele*, abarcando sua composição verbo-

imagética e relacionando-a a outros materiais, tais como capas de outros livros e publicações de rede social. A relevância desse capítulo refere-se ao fato de a capa ter se constituído como um ícone do livro e das discussões que ele tem suscitado, voltadas à pauta racial. Além disso, as publicações veiculadas no *Instagram* indicam a manifestação da produção de sentidos relacionados a movimentos de aproximação e identificação com as memórias e proposições do narrador, tangenciadas pelas questões de raça. E tais aspectos contribuem para mensuramos o letramento racial.

Já o quarto capítulo foi destinado à análise dos excertos selecionados na narrativa. Conforme detalharemos no segundo capítulo, nesta parte do trabalho verificamos seis excertos que contêm a expressão “ator negro”. Concomitantemente ao exame dos mesmos, quando possível, inserimos outros excertos que por algum motivo de ordem formal, temática ou de significância a eles se relacionam.

Incluímos, ainda, junto à análise, as formulações teóricas referentes às categorias linguísticas, temáticas e discursivas que ora se manifestaram. Postulamos que, desse modo, a análise se tornaria mais produtiva e abrangente por abordar um conjunto de questões e conceitos, conseqüentemente, à sua evidenciação. Alguns dos tópicos mencionados, além daqueles citados no primeiro capítulo, foram: os *imaginários sociodiscursivos* (CHARAUDEAU, 2017) do/sobre o negro, manifestados pelas *vozes sociais* (BAKHTIN, 2002, 2010); as diversas formas de *heterogeneidade mostrada* (AUTHIER-REVUZ, 1990) e, portanto, da inserção do outro no discurso; a argumentação discursiva (CHARAUDEAU, 2008, 2017; AMOSSY, 2011, 2018) na escrita de si; o racismo estrutural no contexto brasileiro (ALMEIDA, 2018), dentre outros. Intentamos, pois, nesse capítulo, averiguar o modo como a concatenação de tais elementos pode produzir sentidos que concorram à constituição de práticas de letramento racial. Ao assumirmos a perspectiva bakhtiniana, consideramos os processos de leitura e escrita numa relação dialógica, na qual experiências socioculturais individuais, atravessadas pelas questões de raça, são compartilhadas, envolvendo o narrador e o leitor num processo de identificação que culmina com a construção de uma postura crítica sobre o tema. Enfatizamos, ainda, os contextos discursivos diversos, as posições assumidas e os desdobramentos para os sujeitos envolvidos em tais práticas.

Na conclusão, finalizamos o estudo em dois tópicos: no primeiro, apresentamos os principais desafios manifestados no processo de produção da pesquisa, a síntese dos resultados, bem como uma reflexão sobre as escolhas teóricas e a análise; e no segundo, expusemos as considerações finais que apontam para a confirmação de nossa hipótese

inicial - o fato de a escrita de si, permeada pelas questões de raça, ser capaz de engendrar uma forma de agência para o letramento racial. Ressaltamos, ainda, as possibilidades de aprofundamento da teoria e da aplicação do letramento racial em futuros estudos a serem desenvolvidos a partir de abordagens discursivas.

CAPÍTULO 1 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, expomos as perspectivas teóricas deste trabalho. Inicialmente, abordamos alguns conceitos presentes no debate racial (GUIMARÃES, 1999; MUNANGA, 1994, 2003; GOMES, 2005). Logo, tratamos da noção de letramento e seus desdobramentos, até chegarmos aos pressupostos da teoria racial crítica e do letramento racial (KLEIMAN, 1995; ROJO, 2012, 2013; SOARES, 2017; MOITA LOPES, 2010; MILNER; HOWARD, 2013 apud FERREIRA, 2015; STREET, 2014; SKERRET, 2011 apud FERREIRA, 2015; FERREIRA, 2014, 2015). Por fim, apresentamos os postulados e os conceitos fundantes da Teoria Semiolinguística (CHARAUDEAU, 2008). Objetivamos, assim, mostrar os principais fundamentos que nos permitirão analisar as práticas de letramento racial supostamente constituídas a partir do livro *Na minha pele*.

1.1 SOBRE OS ESTUDOS RACIAIS

A diversidade é uma característica que marca a gênese da sociedade brasileira. O debate sobre o racismo é um tema atual e crescente que evidencia as desigualdades relacionadas a cor da pele dos negros no Brasil. Intelectuais de diversas áreas, como a História, a Psicologia, a Filosofia, as Ciências Políticas, Econômicas e Sociais têm se dedicado a tratar dessa temática, delimitando em cada uma dessas perspectivas um espaço de reflexão.

Nesse contexto, o entendimento de alguns termos e conceitos presentes no debate sobre as questões raciais no Brasil pode apresentar sentidos variados. Desse modo, julgamos pertinente definir como tomamos algumas dessas concepções que perpassam este estudo. Basear-nos-emos, sobremaneira, nos trabalhos de Antônio Guimarães (1999), Kabengele Munanga (1994, 2003) e Nilma Lino Gomes (2005). Trataremos, respectivamente, dos conceitos de raça, etnia, identidade, identidade negra, racismo, preconceito e discriminação racial.

Iniciamos com o conceito de raça. Munanga (2003) destaca que, etimologicamente, a palavra raça veio do italiano *razza* que, por sua vez, provém do latim *ratio* que significa sorte, categoria, espécie. O uso do termo raça é comumente rejeitado, devido ao fato de a ideia de raça ter sido utilizada, num passado recente, para defender o pressuposto da subdivisão entre as espécies humanas a partir de características biológicas dos indivíduos e para justificar processos exploratórios, autoritários e violentos contra os

povos. A ideia de raça, inicialmente, caracterizava os sujeitos por particularidades morfológicas, tais como cor da pele, textura do cabelo e forma craniana. Segundo Guimarães (1999), o conceito perdeu relevância científica a partir da segunda metade do século XX e, como consequência dos efeitos negativos do seu uso, ele foi praticamente abandonado pela biologia, a antropologia e a sociologia.

No entanto, conforme admitem Guimarães (1999) e Gomes (2005), atualmente, o próprio movimento negro tem se apropriado do termo para chamar atenção à realidade brasileira, na qual a negação da noção de raça fundiu-se com a negação do racismo e fundamenta o chamado mito da democracia racial (GOMES, 2005). Para Gomes,

o mito da democracia racial pode ser compreendido como uma corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil, como fruto do racismo, afirmando que existe entre estes dois grupos uma situação de igualdade, de oportunidade e de tratamento. (GOMES, 2005, p. 57)

A refutação à ideia de raça entranhou na sociedade brasileira, de tal maneira, que contribui para: (i) a percepção da classe social como um fator determinante, em termos de oportunidades de vida; e (ii) a rejeição do racismo, visto por alguns apenas como casos pontuais de preconceito. Gilberto Freyre na obra *Casa Grande e Senzala* (2005) anunciava que os grupos conviviam harmoniosamente no Brasil e que a miscigenação era motivo de orgulho. Nesse sentido, o autor (2005) desconsiderava o fato de a sociedade brasileira ter sido construída por meio de práticas de dominação, exploração econômica e sexual, e de violência, de povos brancos contra negros e indígenas. Desse modo, alguns estudiosos, como Gomes (2005), acreditam que este livro tenha contribuído para a construção desse mito que implica uma certa homogeneidade entre os grupos que constituem a nação.

Acredita-se que o emprego do termo etnia provoca um distanciamento desse determinismo biológico acarretado pela noção de raça e aproxima-se da ideia do compartilhamento de uma identidade cultural. Todavia Munanga (2003) ressalta que essa concepção pseudocientífica de raça ainda existe, constituindo o imaginário social e as representações coletivas e que, por isso, ela deve ser discutida. Desse modo, optamos por utilizar neste trabalho o termo raça, em concordância com os estudos do letramento racial, principalmente, com aqueles produzidos por Ferreira (2014, 2015). Tais abordagens corroboram com o ponto de vista do movimento negro, defendendo que é preciso falar de raça, pelo fato da noção primeira, que associava raça à superioridade de alguns grupos em detrimento de outros, ainda transitar no imaginário coletivo. Além disso, assim como

Ferreira (2006) consideramos que, tanto a concepção de raça, quanto a de etnia, são construções sociais, históricas, culturais e ideológicas. Por esse viés, Dias e Mastrella-de-Andrade (2015, p. 84) reiteram que dos “traços biológicos e características físicas emergem representações sociais e simbólicas que categorizam cada povo”, assumindo também esse posicionamento.

De acordo com Gomes (2005), o termo etnia ganhou força no contexto de rejeição à noção de raça, sendo comumente empregado para se referir aos povos considerados “diferentes”, como índios, negros, judeus, dentre outros. Assim, pretende-se enfatizar que os grupos não são marcados por características biológicas, mas sim por processos históricos e culturais. Para a autora:

[...] como estamos imersos em relações de poder e de dominação política e cultural, nem sempre percebemos que aprendemos a ver as diferenças e as semelhanças de forma hierarquizada: perfeições e imperfeições, beleza e feiura, inferioridade e superioridade. (GOMES, 2005, p. 51)

Gomes (2005) reitera, ainda, que a diversidade cultural está presente em todas as sociedades e que a questão racial brasileira se encontra dentro desse campo amplo de produção de sentidos e significações. A ex-ministra das Mulheres da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos (GOMES, 2005) acrescenta que por se constituir como uma construção social, política e cultural, a diversidade também deve ser um tema discutido por todos.

Já o termo identidade é de grande relevância para este trabalho, tendo em vista que o letramento racial considera a importância de o sujeito sentir-se pertencente à raça negra para construir uma imagem positiva de si e compreender o modo como a questão racial pode influenciar as suas experiências cotidianas. Lázaro Ramos também menciona no prólogo do livro que abordará ao longo da obra o processo de sua formação identitária, dizendo: “a linha que costura esse livro é a minha formação de identidade e consciência sobre o tema” (RAMOS, 2017, p. 14). Há inúmeras perspectivas sobre o que seja identidade. Assim como algumas teorias modernas, o letramento racial parte do pressuposto de que as identidades são produzidas sócio-histórico-culturalmente. Zigmund Bauman (2005), a partir do conceito *de modernidade líquida* que propõe, considera que as identidades são fluidas, fragmentadas e construídas ao longo de toda a vida do sujeito. Para Munanga (1994),

a identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos etc. (MUNANGA, 1994, p. 177-178)

Nesse sentido, entendemos que a identidade não é algo herdado ou inato. Mas sim que ela se constitui nos processos de interação, na contraposição das semelhanças e diferenças entre os grupos, envolvendo, assim, a alteridade.

Em abordagens recentes, as identidades são apreendidas como múltiplas: de raça, étnica, de gênero, sexualidade, dentre outras. E, por isso, o termo é comumente empregado no plural. Segundo Gomes (2005), essas identidades distintas fundam-se em diferentes contextos, instituições e agrupamentos sociais. A autora (2005) acrescenta que “reconhecer-se numa identidade, supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência” (GOMES, 2005, p. 42). Dessa maneira, o sujeito pode aceitar ou rejeitar essas identidades que estão dispersas e/ou são impostas.

Sobre a identidade negra, Gomes (2005) afirma que:

assim como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividades e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente este processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. (GOMES, 2005, p. 43).

Desse modo, a identidade negra pressupõe uma percepção quanto ao grupo étnico ou racial no qual os sujeitos estão inseridos, assim como um olhar para si e para o outro. Segundo Munanga (1994), a construção da identidade negra pressupõe uma tomada de consciência étnico-racial. Dessa forma, a nosso ver, a formação da identidade negra se entrecruza com a ideia de letramento racial adotada neste trabalho⁶, pelo fato de ambas considerarem relações de poder e de exclusão, atreladas aos processos identitários. Gomes (2005) corrobora com esse ponto de vista e acrescenta que, talvez por isso, seja difícil para nós, negros, construirmos uma identidade positiva, já que o contexto histórico-social nos força a negá-la.

⁶Definiremos o conceito de letramento racial na seção 1.2.

Em relação à concepção de racismo, Munanga (2003) afirma que o termo passou a ser percebido enquanto objeto de interpretação, por volta de 1920. A ideia de racismo geralmente está relacionada à de raça. Em suma, o racismo é uma “tendência que insiste em pressupor que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de seus atributos físicos ou biológicos” (MUNANGA, 2003, p. 8). De acordo com o autor (2003), a relação entre a ideia de raça e racismo passou a mudar a partir dos avanços das ciências biológicas, na década de 70. O pesquisador (2003) acrescenta que, atualmente, há um deslocamento da ideia de racismo que adquire novas faces resultantes da antiga ideia de biologização. Podemos dizer que esses novos mecanismos de exclusão se direcionam também a homossexuais, pobres, mulheres, dentre outros sujeitos subalternizados. Munanga (2003) acredita que o uso generalizado do termo pode levar a um esvaziamento da ideia de racismo e a banalização de seus efeitos. Para mais, o pesquisador (2003) coloca a noção de etnia como uma tentativa de elaborar uma palavra mais aceitável. Mas chama atenção para o fato de que uma simples troca de léxico não consegue apagar as representações e imaginários vinculados à ideia de raças irreais.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU, 1978), o racismo engloba ideologias racistas, atitudes fundadas nos preconceitos raciais, comportamentos discriminatórios, disposições estruturais e práticas institucionalizadas que provocam desigualdade racial. Nos debates sobre essa temática, podemos encontrar definições diferentes de racismo, tais como (i) racismo individualista - relacionado à subjetividade; (ii) institucional - associado ao estado; e (iii) estrutural - referente à economia e a outros aspectos que formam a sociedade brasileira (ALMEIDA, 2018), dentre outros. Interessamos, especialmente, a noção de racismo estrutural desenvolvida por Sílvia de Almeida (2018). Para o pesquisador (2018), o racismo é uma decorrência da própria estrutura social e da naturalização que constitui as relações políticas, econômicas, jurídicas e familiares, não sendo uma patologia ou apenas uma desorganização institucional, como muitos acreditam. Nesse sentido, tomamos o racismo, conforme Almeida (2018), como norma e não como um desvio social.

Quanto ao preconceito racial, concordamos com Gomes (2005) que entende o conceito como um julgamento negativo e prévio de grupos raciais, étnicos, religiosos, dentre outros. Dessa forma, compreendemos que o preconceito racial assim como a identidade, não é inato, mas sim aprendido no desenrolar das relações sociais subjetivas e intersubjetivas. Gomes (2005) conclui, ainda, que

a perpetuação do preconceito racial em nosso país revela a existência de um sistema social racista, que possui mecanismos para operar as desigualdades raciais dentro da sociedade. (GOMES, 2005, p. 55)

Já a discriminação racial atua na esfera das práticas racistas e de efetivação do preconceito racial (GOMES, 2005), operando, portanto, no nível das atitudes e comportamentos de diferenciação e segregação. Maria Aparecida Silva Bento Teixeira (1992) destaca que não se deve generalizar a discriminação como resultado direto do preconceito racial, pois, dessa maneira, foca-se na dimensão individual deste último e camufla-se os processos sociais, políticos e psicológicos ora envolvidos. Teixeira (1992) acrescenta, ainda, que a chamada “discriminação provocada” se concentra na conquista e na manutenção de privilégios de um determinado grupo sobre o outro, apoiada ou não na ideia de preconceito. Luciana Jaccoud e Nathalie Begin (2002) também distinguem a discriminação, classificando-a em direta e indireta. Segundo as autoras (2002), a discriminação racial direta seria no nível mais explícito, quando a pessoa é excluída categoricamente em razão da sua cor. Por outro lado, a indireta é mais mascarada e ocorre nos domínios administrativos, empresariais, públicos, dentre outros. Postulamos que a discriminação indireta é a mais recorrente e se dá, sobremaneira, no nível institucional. A forma indireta pode ser mensurada a partir de índices socioeconômicos nos quais os negros, em geral, ocupam posições amplamente desfavoráveis em relação aos brancos.

1.2 LETRAMENTOS E LETRAMENTO RACIAL

A narrativa que compõe o livro *Na minha pele*, além de trazer experiências do sujeito autobiografado, aproxima-se do debate das questões raciais no Brasil, perpassando a formação identitária dos negros e as implicações do racismo no cotidiano desses sujeitos. Os discursos ora constituídos vão ao encontro dos conceitos de letramentos a serem abordados por evidenciarem a língua como mecanismo de poder, exclusão e inclusão. Concebemos, assim, os letramentos como fenômenos plurais, complexos, atravessados por saberes partilhados, relacionados à manutenção desigual da ordem social.

O letramento é um termo recente no campo da Educação, das Ciências Sociais e Linguísticas. De acordo com Magda Soares (2017), a palavra surge no discurso dos especialistas das referidas áreas, a partir da segunda metade da década de 80. Segundo a autora (2017), a primeira ocorrência de “letramento” está em Mary Kato (*No mundo da*

escrita: uma perspectiva psicolinguística, 1986). Já em 1995, quando a palavra estava mais popularizada entre especialistas, foi título de um livro organizado por Ângela Kleiman - *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita (Mercado das Letras)*. Neste livro, Kleiman (1995) levanta a hipótese de que Kato (1986) tenha cunhado o termo.

Para Soares (2017), o conceito de letramento surge quando há uma nova compreensão da leitura e da escrita no mundo social. No momento em que já não basta somente adquirir a “técnica” de ler e escrever, mas sim compreender a importância de dominar o uso da leitura e da escrita em contextos e práticas sociais. A autora (2017) distingue a noção de letramento das concepções de analfabetismo, analfabeto, alfabetizar, alfabetização e alfabetizado. Soares (2017) acrescenta que o termo *letrar-se*, inicialmente, era vinculado à aquisição de conhecimentos literários e ressalta que, até mesmo nos dias atuais, essa ideia se mantém. Segundo a pesquisadora (2017), até alguns anos atrás, os dicionários ainda não registravam o conceito. Mas, atualmente, o termo está lexicografado e é definido no Dicionário Online de Português (Dicio) como o (i) “processo pedagógico de aquisição e domínio da capacidade de ler, escrever e interpretar textos; e/ou a (ii) ação ou efeito de escrever; escrita⁷”.

De acordo com Soares (2017), o sentido que atribuímos hoje ao conceito de letramento não coincide exatamente com a definição dicionarizada. A autora (2017) pressupõe que, provavelmente, fomos buscá-lo na palavra de língua inglesa *literacy*. Etimologicamente, o termo *literacy* vem do latim *litera* (letra), com o sufixo “cy”, “[...] que denota qualidade, condição, estado, fato de ser” (SOARES, 2017, p. 17). Desta forma, de acordo com a pesquisadora (2017),

literacy é o estado ou condição que assume aquele que aprende ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. (SOARES, 2017, p. 18).

Nessa perspectiva, a aquisição da “tecnologia” de ler e escrever e, conseqüentemente, envolver-se em práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita geram implicações sobre o indivíduo e pode alterar a sua condição de sujeito. Nas palavras de Soares (2017, p. 18), no âmbito da perspectiva educacional, o letramento é, pois, “o estado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição

⁷Consulta ao endereço eletrônico <<https://www.dicio.com.br/letramento/>>, acessado em 10 mar. 2019.

que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Num prisma similar, Kleiman (1995) compreende o letramento como

um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder. (KLEIMAN, 1995, p. 11)

Dessa forma, para Kleiman (1995), é preciso relevar as diversas configurações que tais práticas podem adquirir, em função de valores, culturas e contextos específicos envolvidos em cada processo. Por esse viés, a escola configuraria, portanto, apenas uma agência de letramento, dentre várias outras. Concordamos com a perspectiva da pesquisadora (1995) e consideramos o livro *Na minha pele* como uma forma de agência. O conceito de agência relacionado ao letramento é abordado por Bazerman (2006) e no entendimento do autor (2006), as práticas de leitura e escrita tornam-se um instrumento de ação por fornecerem meios “pelos quais alcançamos outros através do tempo e do espaço, para compartilhar nossos pensamentos, para interagir, para influenciar e para cooperar” (BAZERMAN, 2006, p. 11-12).

Assim, nas práticas de letramento envolvidas nos processos de leitura escrita abordados, os gêneros são transformados em ferramentas de agência. Por esse viés, o domínio da língua e a reflexão sobre as problemáticas que cercam o sujeito, tal como a racial, aumentam o seu poder de agência, pois, a partir desses recursos ele será capaz de questionar representações e comportamentos do/em relação ao negro e propor mudanças de condutas e situações.

Alguns autores, como Wagner (1986, p. 259), sugerem que seria mais adequado referir-se, então, a “letramentos” no plural, “tanto no sentido de diversas linguagens e escritas, quanto no sentido de múltiplos níveis de habilidades, conhecimento e crenças, no campo da língua e/ou escrita”. Ao atrelar um estado ou condição ao letramento, pressupõe-se uma mudança ampla que envolve o sujeito letrado, pois,

não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar de lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente. (SOARES, 2017, p. 37)

Portanto, a noção de letramento está relacionada à autopercepção do sujeito dentro de seu grupo social, ao modo em que vive e à forma como o simbólico pode afetar as suas experiências. Soares (2017) faz referência à hipótese de que o sujeito letrado também evolua cognitivamente, mudando sua forma de pensar. Reitera que o letramento, na perspectiva por ela adotada, também pode trazer consequências que alteram o modo

como o sujeito utiliza a linguagem oral, as estruturas linguísticas e o vocabulário. Ou seja, ao tornar-se letrado, o sujeito torna a escrita própria e tem dela um maior domínio.

Dentre as várias definições e exemplificações da aplicação do letramento em práticas sociais trazidas por Soares (2017), depreendemos que uma delas coaduna-se com a ideia de letramento racial:

letramento é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, é entender-se, lendo ou escrevendo (delinear o mapa de quem você é), e é descobrir alternativas e possibilidades, descobrir o que você pode ser. (SOARES, 2017, p. 43).

Essa descrição, assim como a noção de letramento racial por nós adotada⁸, abarca, pois, a condição adquirida pelo sujeito que faz com que ele se volte para si e compreenda o seu lugar no mundo, para que a partir desse entendimento ele possa apreender as possibilidades e os impedimentos que o cercam. Nesse sentido, Soares (2017, p. 66) acrescenta que “o letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais”, extrapolando, assim, a mera leitura ou elaboração de códigos.

A pesquisadora (2017) pontua que há uma *dimensão individual* e uma *dimensão social* no letramento. A primeira considera as habilidades de leitura e escrita que devem ser adquiridas pelo indivíduo, envolvendo habilidades mentais e aproximando-se, pois, da noção de alfabetização. Já a *dimensão social* do letramento considera-o como um “um conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social” (SOARES, 2017, p. 72), relacionando-se, portanto, a aspectos culturais.

Tendo em vista que os materiais que analisaremos - um livro impresso e, porventura, publicações de rede social - estão circunscritos em contextos que envolvem práticas de letramento, desenvolveremos, brevemente, algumas percepções sobre os conceitos de leitura e escrita.

A leitura, vista em sua *dimensão individual* de letramento, compreende um

conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas, que se estendem desde a capacidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos. (SOARES, 2017, p. 68)

Compactuamos com o entendimento da pesquisadora (2017) de que as práticas de leitura e escrita não constituem polos distintos e isolados, mas se complementam, visto que a escrita constrói símbolos e a leitura os decodifica. Desse modo,

⁸Apresentaremos o conceito ainda nesta seção.

a leitura estende-se da habilidade de traduzir em sons e sílabas sem sentido as habilidades cognitivas e metacognitivas; inclui, dentre outras: a habilidade de decodificar símbolos escritos; a habilidade de captar significados; a capacidade de interpretar sequências de ideias ou eventos, analogias, comparações, linguagem figurada, relações complexas, anáforas; e, ainda, a habilidade de fazer previsões iniciais sobre o sentido do texto, de construir significado combinando conhecimentos prévios e informação textual, de monitorar a compreensão e modificar previsões iniciais quando necessário, de refletir sobre o significado do que foi lido, tirando conclusões e fazendo julgamentos sobre o conteúdo. (SOARES, 2017, p. 69)

Já a escrita, na sua *dimensão individual*, compreende também um conjunto de habilidades, mas diferentes daquelas de leitura. As práticas de escrita englobam uma capacidade de registro e de transmissão de significado. Assim sendo,

a escrita engloba desde a habilidade de transcrever a fala, via ditado, até habilidades cognitivas e metacognitivas; inclui a habilidade motora (caligrafia), a ortografia, o uso adequado de pontuação, a habilidade de selecionar informações sobre um determinado assunto e de caracterizar o público desejado como leitor, a habilidade de estabelecer metas para a escrita e decidir qual a melhor forma de desenvolvê-la, a habilidade de organizar ideias em um texto escrito, estabelecer relações entre elas, expressá-las adequadamente. (SOARES, 2017, p. 70).

Roxane Rojo (2013) destaca que as mudanças nas formas de se comunicar e de circular a informação, bem como o surgimento constante de ferramentas tecnológicas distanciam, cada vez mais, os sujeitos do contato com materiais impressos. E essas transformações vêm alterando as maneiras de ler, produzir e circular textos na sociedade.

Logo, depreendemos a leitura e a escrita como competências aplicáveis às mais diversas materialidades que envolvem não somente atividades mecanicistas, mas sim processos complexificados. A partir das definições de Kleiman (1995), Rojo (2012, 2013) e Soares (2017) entendemos que a atividade de leitura abrange as habilidades de compreensão, interpretação, elaboração de significado, rememoração e reflexão. E, do mesmo modo, inferimos que a escrita inclui modos de transcrição, seleção, estratégias de captação e o estabelecimento de relações entre ideias. Dessa maneira, atrelamos à tais práticas possibilidades de reinvenção subjetivas e intersubjetivas que extrapolam a mera decodificação de símbolos.

1.2.1 Os novos estudos do letramento e os letramentos sociais

Conforme explicitado, visto a partir da *dimensão social* (SOARES, 2017), o letramento não consiste puramente num agrupamento de habilidades individuais, mas sim, no âmbito de uma perspectiva educacional, num “conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social” (SOARES, 2017, p. 72). De acordo com Soares (2017), há diferentes vertentes da *dimensão social*, algumas mais liberais e funcionalistas e outras mais transgressoras. Estas últimas afastam o letramento de seu caráter funcional e consideram que ele

não pode ser considerado um instrumento neutro a ser usado nas práticas sociais quando exigido, mas é essencialmente um conjunto de práticas socialmente construídas que envolvem a leitura e a escrita, geradas por processos sociais mais amplos, e responsáveis por reforçar ou questionar valores, tradições e formas de distribuição de poder presentes nos contextos sociais. (SOARES, 2017, p. 75)

Nesse contexto, os novos estudos do letramento, *New Literacy Studies*, *NEL* doravante, surgem nos anos 80, como uma revisita aos conceitos de letramentos que já não mais se adequavam as mudanças culturais e socioeconômicas das comunidades. O termo letramento, no âmbito dos novos estudos do letramento, abrange todos os usos sociais e o conjunto de práticas sociais mediadas pela escrita, conforme ressalta Soares (2017).

Brian Street (2014) se destaca dentre os representantes dessa corrente de estudos. Segundo o pesquisador (2014, p. 1), letramento “é um termo-síntese para resumir as práticas sociais e as concepções de leitura” e acrescenta que o letramento tem um significado político e ideológico do qual não pode ser desvinculado. Street (2014) contribuiu para a ampliação dos *NEL* do ponto de vista teórico, prático e metodológico. Suas pesquisas buscaram compreender o papel da oralidade na história, na cultura e sua interrelação com as práticas de letramento. Nessa perspectiva, tais processos são vistos como fenômenos culturais, sujeitos a variações no tempo e no espaço. Para Street (2014), é preciso atentar-se ao modo como as pessoas utilizam a linguagem em diferentes contextos históricos e sociais, considerando as ideologias e as relações de poder que os atravessam, bem como as culturas locais, as questões de identidade e as relações entre os grupos.

Admitindo a multiplicidade de faces do letramento praticado em contextos diversificados, o pesquisador sugere que os leitores rejeitem o que ele chama de teoria da grande divisão (STREET, 2014), que consiste na adoção de um olhar etnocêntrico e hierárquico e no privilégio de uma única forma de letramento, em detrimento das variações que junto a ela coexistem. Um exemplo desse fenômeno consiste no apagamento do negro nos livros didáticos ou a sua apresentação de forma estereotipada.

Partindo de uma perspectiva teórica transcultural, Street (2014) focaliza a natureza social do letramento e formula alguns conceitos como os de *letramento colonial*, *letramento dominante*, *modelo autônomo* e *modelo ideológico*, *práticas de letramento* e *eventos de letramento*. Tais definições articulam-se ao nosso trabalho por abordarmos o letramento racial como uma forma de letramento vernacular, não necessariamente escolar, que escapa da naturalização dos letramentos dominantes e da norma eurocêntrica e branca.

Para o autor (STREET, 2014), o *letramento colonial* ocorre quando são transferidos valores e impostas visões de letramentos a comunidades locais, nas quais já havia algum grau de letramento. Nessa concepção são estabelecidas determinadas visões dominantes sobre uma população local, que interage com esse letramento e faz com que ele assuma novas formas e usos.

No mesmo viés, o *letramento dominante* (STREET, 2014) acontece quando um grupo se responsabiliza por difundir o letramento a outros membros de uma sociedade e as subculturas dentro dela. Nessa conjuntura, o “letramento está sendo introduzido junto com uma gama de características da sociedade ocidental - formas de industrialização, burocracia, escolarização formal, medicina e assim por diante” (STREET, 2014, p. 52). Nesse sentido, acreditamos que os *letramentos coloniais* e *dominantes* podem sobrepor os sujeitos em posições de deslocamento, inferioridade e legitimar a violência contra determinados grupos, tais como os afrodescendentes.

O *modelo autônomo* (STREET, 2014) orienta o letramento apenas para as habilidades de leitura e escrita e para o individual. Em contrapartida, o *modelo ideológico* insere as práticas de leitura e escrita em contextos culturais, alegações ideológicas e relações de poder. Street (2017) considera a ideologia num sentido “que abrange a relação entre o indivíduo e a instituição social e a mediação da relação através de sistemas de signos” (STREET, 2014, p. 143) e não apenas como um conjunto de ideias sobre algo.

Os *eventos de letramento* (STREET, 2014, p. 73) são definidos como “qualquer ocasião em que um fragmento de escrita integra a natureza das interações dos participantes e seus processos interpretativos”. Já *as práticas de letramento* operam num nível mais elevado de abstração e referem-se “a comportamentos e conceitualizações relacionados ao uso da leitura e/ou escrita” (STREET, 2014, p. 174). *As práticas de letramento* incorporam, portanto, *os eventos de letramento*. Apesar dessas caracterizações serem teoricamente operacionais, na aplicabilidade *os eventos* se fundem às *práticas de letramento*.

O autor (STREET, 2014) chama atenção ao fenômeno da *pedagogização do letramento* que consiste na associação do letramento às noções de ensino e aprendizagem, em detrimento de outros usos e significados, como o etnográfico. De acordo com o antropólogo (2014),

o letramento pedagogizado que temos discutido se torna, então, um conceito organizador em torno do qual se definem ideias de identidade e valor social; [...] O letramento, nesse sentido, se torna uma chave simbólica para vários dos problemas mais graves da sociedade: questões de identidade étnica, conflito, sucesso (ou fracasso) podem ser desviadas na forma de explicações sobre como a aquisição do letramento pode ser aperfeiçoada e como a distribuição do letramento pode ser ampliada. (STREET, 2014, p. 141)

Partindo da ideia de Street (2014) acerca da possibilidade de ocorrência de letramentos em contextos não escolares, postulamos a viabilidade da manifestação de processos de letramento nos ambientes íntimos e individuais, como o familiar e nos espaços compartilhados, como o ambiente virtual.

1.2.2 Letramento digital, novos letramentos e multiletramentos

O surgimento da internet tem desencadeado uma revolução ainda imensurável no que se refere ao acesso à informação, à produção de conhecimento, às relações sociais e às formas de sociabilidade, que se dão por meio das chamadas redes sociais (LEMOS, 2002; RECUERO, 2009).

Para Gee e Hayes (2011) o ambiente virtual posicionou o sujeito comum no centro das práticas sociais, dando-lhe condições para produzir e propagar seus discursos e ideologias. É possível afirmar que, de certo modo, as redes sociais rompem e enfraquecem o controle do que pode e deve ser dito, já que essas plataformas têm dado voz à grupos subalternizados, como negros e Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros (LGBT's).

O advento das redes também trouxe consigo novas formas de interações e de obtenção de conhecimento. A era virtual tem concebido espaços não convencionais para a propagação de discursos e informações variadas, a atuação política dos sujeitos e a mobilização em torno de ideias comuns. No âmbito dessas mudanças socioculturais, surgem novas formas de letramentos que abrem espaço para a veiculação de discursos outrora silenciados, como o do movimento negro, do feminismo, dentre outros.

No domínio desses novos letramentos, podemos citar o letramento digital, definido por Freitas (2010) como o

conjunto de competências necessárias para que um indivíduo entenda e use a informação de maneira crítica e estratégica, em formatos múltiplos, vinda de variadas fontes e apresentada por meio do computador-internet. (FREITAS, 2010, p. 339)

Desse modo, acreditamos que a apropriação das práticas de uso do meio digital pode levar o sujeito a se engajar em variadas e inusitadas práticas de leitura e escrita sobre temas diversificados, inclusive, sobre o racismo, motivando outros letramentos, como o letramento racial.

Segundo Moita Lopes (2010, p. 394), no bojo de sua natureza colaborativa “[...] os novos letramentos digitais podem ser compreendidos como espaços de discussão, de reinvenção social, de agenciamento e de transgressão”. Assim, partindo do pressuposto de que as redes sociais constituam novos espaços de informação e aprendizagem, depreendemos que o letramento racial é capaz de atravessar os letramentos escolares e os sujeitos e de se constituir dentro e fora das instituições de ensino.

No domínio dos letramentos digitais surgem novos gêneros discursivos e, dentre eles, as publicações de rede social ou postagens. Maingueneau (2015) admite que as postagens constituem enunciados ainda difíceis de serem definidos, especialmente, pelo fato de as redes sociais disponibilizarem ferramentas como “curtir” e as “reações”⁹. O autor (2015) depreende que esses gêneros são constituídos por enunciados verbais e não verbais, que não se inscrevem numa cadeia fechada de interações, podendo, inclusive, demorar um certo tempo para encontrar seu(s) destinatário(s). O pesquisador (2015) acrescenta que, desse modo, assistimos a uma *des-localização* da produção e da recepção dos enunciados e a uma libertação das restrições usuais da organização textual e dos turnos de fala.

⁹O *Facebook*, por exemplo, disponibiliza reações como “amei”, “risos”, “raiva”, dentre outras, manifestadas por *emoticons*.

As *hashtags*, nesse domínio, são definidas por Claudiene Dias (2017) na perspectiva dos estudos linguísticos, como uma “cadeia de caracteres que formam um único bloco precedido pelos símbolos cerquilha (#)”. Além disso, a autora (2017) afirma, ainda que

os caracteres que compõem as *hashtags* são de natureza diversa pois podem formar palavras (incluindo siglas e acrônimos), expressões, sentenças, mas também podem ser compostas por letras e números. (DIAS, 2017, p. 42)

Retomando Street (2014), suas formulações teóricas posteriormente motivaram os estudos dos novos letramentos (*New Literacies*), *NL* doravante, e dos multiletramentos. As postulações sobre os novos letramentos surgem da década de 90. Além de considerarem os letramentos como práticas sociais, esses trabalhos articulam as especificidades e possibilidades trazidas pelas mídias digitais. Assim, os novos letramentos pressupõem que os letramentos devem acompanhar as mudanças sociais, devido ao grande número de pessoas afetadas pela internet e pelas tecnologias de informação e comunicação (COSTA LEITE, 2017). Desse modo, os *NL* reconhecem que o letramento não é viabilizado somente pela escola.

Simultaneamente aos novos letramentos surgiram os multiletramentos. Segundo Rojo (2012), os multiletramentos diferenciam-se dos “letramentos múltiplos” por não focarem somente na diversidade de práticas letradas existentes na sociedade como um todo. De acordo com a autora (2012), o conceito de multiletramento

aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ele se informa e se comunica. (ROJO, 2012, p. 13),

Em relação às multiplicidades culturais, Nestor Garcia Cancline (2008) critica as visões dicotômicas que antagonizam o erudito e o popular, por exemplo, e defende que a produção cultural atual se caracteriza por um processo de *desterritorialização*, de *descolecção* e de *hibridação* (CANCLINE, 2008). Ou seja, as mudanças trazidas pela contemporaneidade pressupõem a criação de fronteiras entre a cultura marginalizada e a “prestigiada”, a desconstrução de barreiras e da hierarquização entre os grupos. Ocorre, assim, um processo de descentralização cultural.

Já a multimodalidade¹⁰ compreende a multiplicidade de linguagens, modos ou semioses recorrentes, sobretudo, na composição dos textos contemporâneos. Segundo Rojo (2012), os textos multimodais são compostos por linguagem verbal, imagens,

¹⁰Tratamos mais especificamente da multimodalidade na seção 3.2.

diagramação, dentre outros recursos. Nesse contexto, para a autora (2012), são requeridas novas práticas de (i) produção e de (ii) análise crítica como receptor.

O termo multiletramento foi cunhado por um grupo de professores e pesquisadores denominado *New London Group* (1996) (Grupo Nova Londres). O grupo publicou o manifesto *A Pedagogy of Multiliteracies - Designing Social Futures* (Uma pedagogia dos multiletramentos - desenhando futuros sociais), no qual afirmavam a necessidade de a escola se adequar aos letramentos emergentes na sociedade contemporânea e incluir no currículo a diversidade cultural.

Rojo (2012) enumera, ainda, três características dos multiletramentos: (i) a interatividade, (ii) o caráter de rompimento e transgressão das relações de poder e (iii) as propriedades de hibridização e fronteirização. Em outros termos, além de múltiplas semioses, os multiletramentos abrangem novas formas de interação, rupturas com os padrões sociais e deslocamentos nas relações de poder a partir da construção de uma visão crítica.

1.2.3 Letramentos críticos, teoria racial crítica e letramento racial

As formulações teóricas sobre o letramento crítico derivam dos postulados de Paulo Freire, sobretudo da obra *Pedagogia do Oprimido*, publicada em 1987. Concordamos com Pennycook (2001), para quem o letramento crítico atua como um instrumento para se compreender o contexto social, político e ideológico em que o sujeito se insere. Além disso, o autor afirma que o entendimento desses contextos pode viabilizar uma compreensão sobre o modo como o(s) letramento(s) se relacionam às questões de poder e às desigualdades. O emprego do termo “crítico” advém de teorias neomarxistas. De forma geral, o pensamento crítico pressupõe uma reflexão crítica que evolua para uma tomada de consciência que, por sua vez, desencadeie ações em torno de uma dada realidade (COSTA LEITE, 2017). Em consonância com Ferreira (2014, 2015), postulamos que o letramento racial parte, sobremaneira, dos pressupostos do letramento crítico por implicar movimentos reflexivos e de ressignificação das questões e relações raciais. Alguns pesquisadores, como Melissa Mosley (2010), utilizam, inclusive, a terminação letramento racial crítico.

Letramentos locais e específicos, como o letramento racial, transitam por todas as formas de letramento supracitadas, além do letramento crítico. Nessa esfera, formulações teóricas sobre o letramento, tais como aquelas cunhadas por Street e Bagno (2006), são relevantes para este estudo por atrelarem os letramentos à questão identitária. Os autores (2006) afirmam que,

[...] as práticas de letramento são constitutivas da identidade e da personalidade. [...] quaisquer que sejam as formas de leitura e escrita que aprendemos e usamos, elas são associadas a determinadas identidades e expectativas sociais acerca de modelos de comportamento e papéis a desempenhar. (STREET; BAGNO, 2006, p. 466)

Ao tratarem dos letramentos dominantes e vernaculares, Street e Bagno (2006) abordam, ainda, a relação da questão identitária com a problemática étnico-racial:

o fato de uma forma cultural ser dominante é, no mais das vezes, disfarçado por trás de discursos públicos de neutralidade e tecnologia nos quais o letramento dominante é apresentado como o único letramento. Quando outros letramentos são reconhecidos, como, por, exemplo, nas práticas de letramento associadas a crianças pequenas ou a diferentes classes ou grupos étnicos, eles são considerados como inadequados ou tentativas falhas de alcançar o letramento próprio da cultura dominante: exige-se então a atenção remediadora, e os que praticam esses letramentos alternativos são concebidos como culturalmente desprovidos. (STREET; BAGNO, 2006, p. 472)

Nesse sentido, os pesquisadores (2006) reforçam o fato de os letramentos dominantes excluírem e deslegitimaram os letramentos vernaculares que surgem como tentativas de reparação e diminuição das desigualdades. No domínio dos estudos raciais, surgiram outras terminologias além da noção de letramento racial, tais como *letramento de reexistência* (SOUZA, 2009), *letramento de sobrevivência* (LOPES et al., 2018), dentre outras.

O conceito de letramento racial é relativamente recente e tem sido utilizado em estudos no campo da Educação, da Sociologia, da Linguística aplicada e da Psicologia (GUINIER, 2004; SKERRET, 2011 apud FERREIRA, 2015; SCHUCMAN, 2012; TWINE; STEINBUGLER, 2006; FERREIRA 2014, 2015). As formulações sobre o letramento racial que adotamos, baseiam-se, sobretudo, nos estudos de Aparecida de Jesus Ferreira (2014, 2015), que é uma das principais expoentes do letramento racial no Brasil. Assim como Ferreira (2014, 2015), relacionamos alguns pressupostos da teoria racial crítica (MILNER; HOWARD, 2013 apud FERREIRA, 2015) ao letramento racial, mais especificamente, a vinculação entre narrativas individuais e processos de ressignificação da/sobre a raça.

O conceito de letramento racial enfatiza a ideia de raça, sendo uma terminologia bastante questionada no meio acadêmico, conforme discorremos na seção 1.1. (*Sobre os estudos raciais*). Todavia, concordando com Ferreira (2014, 2015) e com Dias e Mastrella-de-Andrade (2015, p. 84), pressupomos que os “traços biológicos e características físicas emergem de representações sociais e simbólicas que caracterizam cada povo”. Assim como Ferreira (2012, p. 24), também concebemos raça “como social, histórica e culturalmente construída”.

Além disso, conforme Gomes (2005) e Munanga (2003), acreditamos que a substituição do termo raça por etnia não é capaz de promover mudanças efetivas, já que os discursos e os símbolos sobre o negro ainda funcionam como instrumentos de segregação. Dessa forma, a mudança de terminologia, apesar de ocasionar um modesto deslocamento no campo de sentidos, não desconstrói os imaginários depreciativos do/sobre o negro disperso na sociedade.

O conjunto de questões que constituem o letramento racial também perpassa a ideia de identidade social de raça¹¹. Segundo Dias e Mastrella-de-Andrade (2015), por emergirem da linguagem, as identidades sociais se constroem por classificações binárias. Alguns grupos étnicos, como brancos, recebem características positivas a partir de seus traços fenotípicos. Enquanto a outros, como negros, são atribuídas características negativas.

Dessa forma, a produção da identidade social de raça está estreitamente ligada a questões de poder, associada a representações sociais que sujeitos (em posições de privilégio) constroem acerca de outros (dentre eles, aqueles em posições desprivilegiadas). (DIAS; MASTRELLA-DE-ANDRADE, 2015, p. 84)

Considerando que as raças são culturalmente construídas, por conseguinte, admitimos que as identidades sociais se constituem nas interações entre os indivíduos, no uso da língua e nos discursos.

Conforme já mencionado, Ferreira (2014, 2015) articula pressupostos da teoria racial crítica (*Critical Race Theory*), *TRC* doravante, ao letramento racial. A *TRC* surgiu no campo legal como uma resposta às limitações da lei e às desigualdades sociais que afetavam os negros nos Estados Unidos, em meados da década de 70. Gloria Ladson-Billings é reconhecida por introduzir a *TRC* no campo educacional. Em entrevista concedida a pesquisadores brasileiros (GANDIN; DINIZ-PEREIRA; HIPÓLITO, 2002), a pesquisadora explica que a noção de raça não tem sido devidamente teorizada e que

¹¹Discorremos sobre a ideia de identidade racial na seção 1.1.

essa é a base da TRC. Segundo Ladson-Billings, a TRC expõe o fato de que existem outras histórias a serem contadas além daquelas que provém dos grupos dominantes. Esclarece que a teoria “baseia-se fortemente na recuperação da história e da memória em oposição ao tradicional, empírico e estéril *Estes são os fatos; Isto foi o que aconteceu*” (GANDIN; DINIZ-PEREIRA; HIPÓLITO, 2002, p. 277, grifo dos autores). A entrevistada afirma que ser branco é um privilégio e elucida que a raça é um significante móvel e que, por isso, a ideia do que é ser branco pode apresentar uma variação espaço-temporal. Ladson-Billings acrescenta, ainda, que o grande desafio do Brasil é o de conectar-se com a diáspora africana, para que a raça seja discutida num nível mais global (GANDIN; DINIZ-PEREIRA; HIPÓLITO, 2002).

Tate (1997) elaborou cinco princípios que definem a teoria racial crítica, adaptados por Milner e Howard (2013 apud FERREIRA, 2015). Esses fundamentos tratam, em síntese: (i) da interrelação entre as ideias de raça e racismo e outras formas de subordinação; (ii) do desafio à ideologia dominante; (iii) do engajamento na luta por justiça social; (iv) da interdisciplinaridade; e (v) da relevância da experiência individual de pessoas negras para a compreensão das implicações da raça, em todas as suas manifestações.

Embora os cinco princípios se inter-relacionem, consideramos que a premissa *v: a centralidade do conhecimento experiencial* (MILNER; HOWARD, 2013 apud FERREIRA, 2015) seja mais adequada ao nosso estudo, visto que analisamos um livro de memórias e tal princípio elege as narrativas individuais como importantes ferramentas para o entendimento de como a raça pode tangenciar as experiências de vida dos sujeitos:

A centralidade do conhecimento experiencial. A teoria racial crítica reconhece o conhecimento empírico das pessoas de cor como credível, altamente valioso e imprescindível para a compreensão, a análise e o ensino sobre a subordinação racial em todas as suas facetas. A teoria racial crítica solicita, explicitamente, analisa e escuta as experiências vividas das pessoas de cor através de métodos contranarrativos “counterstorytelling”, tais como histórias de família, parábolas, depoimentos e crônicas. (MILNER; HOWARD, 2013, p. 539 apud FERREIRA, 2014, p. 243)

Apesar de esses fundamentos terem sido cunhados a partir da observação da realidade estadunidense, conjecturamos que eles sejam condizentes com à conjuntura brasileira. As questões raciais constituem um tema atual na pauta política de nosso país, que também conjuga de um passado escravocrata. Além disso, o fato de “ser negro” e/ou assumir essa identidade acarreta, ainda, implicações negativas à vida dos negros, conforme aquelas relatadas por Lázaro Ramos.

Para Ladson-Billings e Tate (1995), no âmbito da TRC, a realidade social se constrói a partir da concepção e do compartilhamento de histórias individuais que funcionam como esquemas interpretativos, nos quais ordenamos a experiência e a elaboramos subjetivamente.

Desse modo, como nossa análise parte da narrativa de relatos de vida, que perpassam os temas de raça e racismo, julgamos importante destacar o que a teoria racial crítica compreende por histórias, narrativas, autobiografias e narrativas contra-hegemônicas (LADSON-BILLINGS, 1998; CLANDININ; CONNELLY, 1998; BELL, 2003). Nos estudos do discurso, apresentaremos, brevemente, as concepções sobre a escrita de si a partir de Philippe Lejeune (2008), Dylia Lysardo-Dias (2012) e Ida Lúcia Machado (2015, 2018).

Bell (2003) afirma que quando o sujeito conta histórias sobre raça e racismo ele evidencia o uso e a reverberação de construções culturais e históricas, reconstruindo lembranças individuais. Ladson-Billings (1998) alega que, historicamente, a contação de histórias tem funcionado como um recurso para “curar” as dores ocasionadas pela opressão racial. A autora (1998) atesta que a história da própria condição racial leva ao entendimento das razões da subjugação e ao cessar da violência psicológica sobre si mesmo. Ladson-Billings (1998) afirma, ainda, que a TRC pode funcionar como um importante instrumento para a desconstrução de estruturas e discursos opressivos, a ressignificação da agência humana e a construção de equidade racial e de relações de poder mais justas.

Assim sendo, depreendemos a relevância de dar voz a sujeitos ocultados nas narrativas hegemônicas, como os negros, para que sejam construídos novos discursos e novas experiências. Clandinin e Connelly (1998) defendem que a construção de narrativas de vida envolve processos refletivos entre viver, contar, recontar e reviver uma história de vida, gerando, assim, uma cadeia de significados. Os autores (1998) especificam que há um espaço tridimensional na narrativa, no qual estão envolvidos o aspecto temporal, as interações pessoais e sociais e as posições e lugares em que acontece a situação narrada.

Temos como objeto de análise uma escrita de si protagonizada e contada por um sujeito negro que constrói um discurso no qual os entremeios expõem relações de poder, opressão, desigualdades e ideologias dominantes. Logo, a narrativa estabelece-se como um elemento capaz de fazer com o que sujeito avalie criticamente a realidade que o cerca.

Lejeune (2008) é um autor indispensável no estudo sobre autobiografias pelo seu pioneirismo, por possuir uma vasta produção sobre o tema e ter adquirido notabilidade acadêmica nos meios em que circula. Em seu livro clássico intitulado *O pacto autobiográfico - de Rousseau à internet* (2008), o autor reconsidera sua primeira definição de autobiografia, tomada como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14). O pesquisador (2008) estabelece quatro características para as autobiografias: (i) forma de linguagem: narrativa e em prosa; (ii) assunto tratado: vida individual, história de uma personalidade; (iii) situação do autor: identidade do autor (cujo nome remete a uma pessoa real) e do narrador; (iv) posição do narrador: identidade do narrador e do personagem principal, com perspectiva retrospectiva da narrativa. Todavia, essa concepção, conforme constatado pelo próprio Lejeune, desconsiderava a possibilidade da produção de discursos autobiográficos em outros gêneros, tais como o poético, desvinculando a necessidade de a autobiografia trazer somente histórias de personalidades.

Verificamos alguns pontos comuns e diferenças entre o conceito de autobiografia proposto por Lejeune (2008) e a descrição de narrativa de vida desenvolvida por Machado (2015, 2018). Segundo a própria autora (2015), esse sintagma difere-se, de certa maneira, dos estudos de Lejeune (2008) - que trabalha, especialmente, com a definição de autobiografia - por dar uma ênfase maior aos atos de linguagem construídos por certos narradores que têm por objetivo alinhavar os acontecimentos de suas vidas num todo coerente; e narrar sua vida para realizar um determinado objetivo: um esclarecimento ou justificativa, por exemplo. Além disso, a autora (2015, 2018) ressalta que o conceito de narrativa de vida tem origem na sociologia e na antropologia, assim como a Teoria Semiolinguística (CHARAUDEAU, 2008) que, para se complementar, buscou conceitos oriundos dessas ciências.

Para Lysardo-Dias (2012, p. 85), “a diversidade de suportes e formatação das narrativas de vida aponta para uma legitimação da biografia como um gênero plural de reconhecido valor mercadológico e cultural, o que corrobora a tese de uma atual *febre biográfica*”. Desse modo, tanto a pesquisadora (2012), quanto Machado (2015, 2018) desenvolvem uma concepção mais ampla das narrativas, inserindo-as em contextos situacionais, culturais e discursivos diversos. Não desconsiderando a importância das formulações de Lejeune, postulamos que o direcionamento conferido à narrativa de si, por Machado (2015, 2018), se ajusta de forma à nossa proposta pelo fato de a

pesquisadora (2015, 2018) considerar os meios estratégicos e argumentativos pelos quais o narrador atua em seu texto¹². Conjecturamos que, ao falar que a narrativa de vida visa alcançar um determinado objetivo comunicativo, Machado (2015, 2018) destaca tal enfoque argumentativo da escrita de si. Dessa maneira, podemos sustentar a hipótese de que os relatos de vida apresentados por Lázaro Ramos apresentam uma *dimensão argumentativa* (AMOSSY, 2011), pois promovem uma discussão sobre a temática racial e demonstram uma tentativa de direcionar o olhar do leitor para determinados pontos de vista.

Reiteramos a compatibilidade da *TRC* e das escritas de si com o letramento racial, em razão da *TRC* conferir notabilidade ao debate sobre raça por meio de narrativas não hegemônicas. Como a *TRC* propõe, consideramos que a visibilidade desses discursos que perpassam processos de elaboração, interpretação, identificação, reconstrução e desconstrução é capaz de ocasionar formas de compreensão sobre como os mecanismos do racismo acometem as experiências dos sujeitos, podendo gerar deslocamentos em posições sociais e mudanças de comportamento produzidos, sobretudo, por transformações de ordem simbólica.

Finalmente, o letramento racial, entendido por nós como uma forma de letramento vernacular e alternativo, é descrito de formas distintas, conforme o campo de estudos do qual provém. Skerret (2011, p. 314 apud FERREIRA, 2014) define o letramento racial como “uma compreensão das formas poderosas e complexas em que raça influencia experiências sociais, econômicas, políticas e educacionais de indivíduos e grupos”. Guinier (2004, p. 114 apud FERREIRA, 2015) afirma que o “letramento racial [...] obriga-nos a repensar a raça como um instrumento de controle social, geográfico e econômico de ambos brancos e negros”. Concordamos com essas formulações e nos norteamos, sobremaneira, pela definição de Skerret (2011 apud FERREIRA, 2015), pois assim como Ferreira (2015), inferimos que a reflexão sobre raça e racismo possibilita ao indivíduo construir e ressignificar o próprio entendimento de como essas construções são tratadas nas relações cotidianas e o quanto podem impactar as identidades nos diversos papéis sociais assumidos pelos sujeitos. Alguns autores, como Mosley (2010), adotam a nomenclatura letramento racial crítico, enfatizando a relação do letramento racial com os letramentos críticos e escolares. Todavia, optamos pela terminologia letramento racial elaborada por Skerret (2011 apud FERREIRA 2014) por tratarmos, de modo geral, de

¹²Entretanto, utilizaremos ambas as terminologias por considerarmos que elas não são excludentes e por esse não constituir um problema para nossa pesquisa.

letramentos que, além de pressuporem movimentos de reflexão e ressignificação, extrapolam o espaço escolar.

Verificamos que a literatura sobre o letramento racial em língua portuguesa está em processo de construção e ainda é bastante limitada. Conforme salientado, encontramos, sobretudo, em Ferreira (2014, 2015) o emprego do letramento racial como categoria analítica, em estudos voltados para a linguagem.

No âmbito da Psicologia, Lia Vainer Schucman em sua tese intitulada *Entre o encardido o branco e o branquíssimo* (2012) pesquisa as ideias de raça e os significados da branquitude. A autora (2012) cita a definição de letramento racial elaborada por Winddance Twine e Amy Steinbugler (2006). Para Schucman (2012, p. 103), as pesquisadoras (2006) adotam o conceito de letramento racial (*Racial Literacy*) “para ser usado na compreensão de como os sujeitos brancos adquirem consciência dos privilégios da branquitude, da estrutura racista da sociedade e como negociam sua branquitude”. Ao contrário das formulações sobre o letramento racial trazidas por Ferreira (2014, 2015), que se direcionam, principalmente, aos sujeitos negros, Twine e Steinbugler (2006) concebem o letramento racial como uma ferramenta para que haja uma desconstrução do racismo nas identidades raciais brancas. As autoras (2006) caracterizam o conceito como um conjunto de mecanismos que determinam uma “prática de leitura” do mundo e uma forma de resposta às hierarquias raciais da estrutura social.

Schucman (2012, p. 103) esclarece que compreende o letramento como a “competência de utilizar a linguagem adequada, para cada situação social necessária”. Nesse sentido, a noção de letramento racial trabalhada por Twine e Steinbugler (2006) e Schucman (2012) também se filia aos novos estudos do letramento por considerar o uso da linguagem em contextos e práticas sociais.

Lázaro Ramos (2017) enfatiza que o racismo deve ser um tema discutido por todos, independentemente do pertencimento racial. Nesse sentido, demonstraremos na seção 3.3 que as postagens sobre o livro explicitam que a narrativa construída pelo ator alcançou negros e brancos. Os autores das publicações relataram identificações, reflexões, compreensões, ressignificações, dentre outros efeitos de sentido suscitados pela obra, coincidentes com aqueles previstos pelas abordagens da teoria racial crítica e do letramento racial.

1.3 TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA

No âmbito dos estudos discursivos, a Teoria Semiolingüística, TS doravante, elaborada por Patrick Charaudeau na década de 80, tem se mostrado como um relevante instrumento de análise, por se fazer produtiva no exame de discursos de gêneros diversos, como o político e o literário. A TS insere o discurso numa problemática comunicacional e pragmática, enfatizando os sujeitos da linguagem e suas intencionalidades¹³.

A noção de *ato de linguagem* (CHARAUDEAU, 2008) é central na teoria, sendo tal ato definido como uma prática comunicativa, na qual um “eu” se dirige a um “tu”, num determinado contexto sócio-histórico, constituindo um objeto duplo, formado de uma dimensão explícita (o que é manifestado) e outra implícita (que depende das circunstâncias de comunicação). Os *atos de linguagem* pressupõem uma *intencionalidade*¹⁴ e visam uma influência. Além disso, decorrem da identidade dos parceiros e carregam uma proposição sobre o mundo.

Essa dupla dimensão dos *atos de linguagem* é caracterizada por dois movimentos: a *simbolização referencial* e a *significação* (CHARAUDEAU, 2008). O primeiro, compreende uma atividade de reconhecimento morfossemântico construtor de sentido a partir da realidade que circunda o sujeito. Já o segundo, remete à linguagem como uma premissa de produção do signo.

De acordo com o linguista francês (CHARAUDEAU, 2008), os processos de produção e interpretação dos *atos de linguagem* - que podem, inclusive, ser assimétricos - se constituem no âmbito de *circunstâncias de discurso* (CHARAUDEAU, 2008). Tais circunstâncias são concebidas como um “conjunto de saberes supostos que circulam entre os protagonistas da linguagem” (CHARAUDEAU, 2008, p. 32), trazendo à tona construções discursivas a respeito do mundo e sobre os pontos de vista recíprocos dos protagonistas do *ato de linguagem*. Portanto, as *circunstâncias do discurso* regem o ambiente material.

¹³Não podemos desconsiderar a noção de intencionalidade, tendo em vista que na Teoria Semiolingüística (CHARAUDEAU, 2008) ela está envolvida nos processos de produção e interpretação discursiva.

¹⁴Utilizamos o termo *intencionalidade*, assim como Charaudeau (2008), para designar intenções que poder ser mais ou menos conscientes, equivalendo ao projeto de fala do sujeito que toma a palavra. Não almejamos reduzir o ato de linguagem a um fenômeno concebido a partir de uma única intenção, mas a uma totalidade, a um conjunto de intenções atravessados pelo inconsciente e pelo contexto sócio-histórico.

Na TS, o processo de construção de sentido se dá por meio da enunciação, quando o sujeito realiza o procedimento de *semiotização do mundo* (CHARAUDEAU, 2008). Tal mecanismo acontece a partir de dois processos: o de *transformação* e o de *transação* (CHARAUDEAU, 2008). No processo de *transformação*, o sujeito transforma um “mundo a significar” em um mundo significado”. Já no processo de *transação*, a partir desse “mundo significado”, o sujeito falante assume o papel de enunciador e é instituído um outro sujeito como destinatário.

O processo de *transformação* pressupõe quatro operações: *de identificação, de qualificação, de ação e de causação* (CHARAUDEAU, 2008). Já o processo de *transação* funda-se em quatro princípios, relacionados à enunciação: *princípio de alteridade, princípio de influência, princípio de regulação e princípio de relevância* (CHARAUDEAU, 2008). Interessa-nos, principalmente, o *princípio de alteridade* e o *princípio de influência* por inferirmos que o processo de letramento racial na escrita de si passa por um processo de reconhecimento do outro; e por supormos que o livro *Na minha pele* busca redirecionar o olhar do leitor para determinados pontos de vista, relativos à pauta racial.

O *princípio de alteridade* consiste no fato de todo *ato de linguagem* pressupor uma situação de troca entre parceiros. Estes devem se reconhecer como semelhantes e diferentes: semelhantes por partilharem saberes e terem motivações comuns; e diferentes, em razão do outro ser reconhecido na dissemelhança e por desempenharem papéis distintos nos *atos de linguagem*. Já de acordo com o *princípio de influência*, “todo sujeito que produz um ato de linguagem visa atingir seu parceiro, seja para fazê-lo agir, seja para afetá-lo emocionalmente, seja para orientar seu pensamento” (CHARAUDEAU, 2008, p. 3). Do mesmo modo, todo *sujeito-interpretante* sabe que é alvo dessa influência, podendo interagir e aderir à proposta do *sujeito-comunicante* ou rejeitá-la. Assim, conforme Charaudeau (2008), o *princípio de influência* constitui-se como um princípio geral de todo e qualquer *ato de linguagem*, independentemente de sua configuração discursiva. Nesse sentido, entende-se que o sujeito pode argumentar não só no modo argumentativo, mas também no modo descritivo e no modo narrativo, conforme propomos nesse estudo.

Charaudeau (2008) compreende o *ato de linguagem* também como um *dispositivo*, composto por quatro elementos: *a situação de comunicação, os modos de organização do discurso, a língua* (entendida como material verbal, que se organiza por uma forma e um sentido) e *o texto* (resultado material do ato de linguagem).

A linguagem é tomada sob a perspectiva da TS como uma encenação (*mise-en-scène*) e como um produto de três competências: a *situacional*, a *semiollingüística* e a *semântica*. A *competência situacional* considera a *situação de comunicação*, sua *finalidade* e a *identidade* dos sujeitos nela inseridos. A *competência semiollingüística* refere-se à organização do ato comunicativo, em concordância com as visadas enunciativa, descritiva, narrativa e argumentativa e à utilização das categorias de língua. Já a *competência semântica* diz respeito à construção do sentido, a partir de formas verbais (gramaticais ou lexicais) e mobiliza *saberes de conhecimento e de crença*, levando em conta informações referentes à situação de comunicação e aos mecanismos de encenação do discurso (CHARAUDEAU, 2008).

Nesse sentido, Charaudeau (2008, p. 45-52) especifica os desdobramentos dos sujeitos dos *atos de linguagem* - o “eu” e o “tu”, a partir de processos de produção e interpretação da imagem desses sujeitos. Para o teórico (2008), existe um sujeito no mundo, empírico, produtor do *ato de linguagem*, denominado *sujeito comunicante* - o *EUc*. O interlocutor, também empírico, a quem se dirige o *sujeito comunicante* é instaurado como *sujeito interpretante* - o *TUd*. O *TUd* é idealizado pelo *EUc* como parceiro adequado ao seu ato de enunciação. Já o *sujeito interpretante* (*TUi*) se difere do *TUd* por ser responsável por interpretar o *ato de linguagem* fora do domínio do EU. O *TUi*, ao recuperar a imagem construída pelo EU, pode aceitá-la e se identificar com o *TUd* ou recusá-la e transgredir o discurso. Do mesmo modo que o *TUi* é construído discursivamente, o *EUc* elabora a imagem de um *sujeito enunciador* - o *EUe*, produtor da fala, a partir da imagem percebida pelo *TUi* e daquela que ele acredita que o *sujeito interpretante* espera encontrar.

Charaudeau (2008) compara o *ato de linguagem* a uma “aventura” e uma “expedição”. Do ponto de vista da produção, o *ato de linguagem* é tomado como uma expedição por participar de um projeto de comunicação concebido por um *EUc* que “deve organizar o que está disponível no conjunto de suas competências, levando em conta a margem de liberdade e de restrições de ordem relacional de que dispõe” (CHARAUDEAU, 2008, p. 56). Além disso, o *EUc* deve também desejar que seu ato seja bem-sucedido e coincida com as interpretações do *TUi* e do *TUd*.

Para realizar seu projeto de fala, o sujeito comunicante fará uso de um *contrato* e de *estratégias* (CHARAUDEAU, 2008). A noção de *contrato* é um ponto fundamental da TS e pressupõe que “os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações lingüísticas dessas

práticas sociais” (CHARAUDEAU, 2008, p. 56). Desse modo, o *ato de linguagem* se constitui como uma *proposição* que o “eu” faz do “tu”, do qual ele espera uma resposta de convivência. Já as *estratégias* respaldam-se

na hipótese de que o sujeito comunicante (EUc) concebe, organiza e encena suas intenções de forma a produzir determinados efeitos de persuasão ou de sedução - sobre o sujeito interpretante (TUi), para levá-lo a se identificar - de modo consciente ou não - com o sujeito destinatário ideal (TUd), construído por EUc. (CHARAUDEAU, 2008, p. 56).

Dessa forma, o *EUc* será capaz de utilizar *contratos* de reconhecimento, mas também recorrer a outros procedimentos inscritos em dois polos:

a fabricação de uma *imagem real* como lugar de uma *verdade* exterior ao sujeito e que ele teria força de lei; - a fabricação de uma *imagem de ficção* como lugar de identificação do sujeito com um outro, imagem esta que constitui um lugar de projeção do imaginário desse sujeito. (CHARAUDEAU, 2008, p. 57, grifo do autor)

Assim, depreendemos que o sujeito falante, dotado de certa intencionalidade, constrói o discurso visando que os *contratos* por ele propostos sejam bem recebidos pelo sujeito interpretante e que as *estratégias* empregadas alcancem o efeito desejado.

Nessa perspectiva, o *ato de linguagem* também é uma aventura, dado que “toda encenação intencional se encontra revista e corrigida - ou pode até mesmo ser mal recebida - pelo sujeito interpretante que detecta e interpreta, à sua maneira, tais contratos e estratégias” (CHARAUDEAU, 2008, p. 57). Ou seja, na instância da recepção o *ato de linguagem* está inscrito no campo do imprevisível.

Machado (2001) ressalta que o sujeito da TS adere a uma voz social, mas não é totalmente subordinado a ela e que a dimensão psicossocial-situacional lhe garante também uma individualidade. Portanto, o sujeito não será “nem completamente individual, nem completamente coletivo: uma amálgama [mescla] dos dois”, (MACHADO, 2001, p. 46).

O discurso na TS é um objeto que resulta da combinação entre a (i) percepção do mundo - como real construído a partir do processo de semiotização do mundo, a (ii) linguagem - enquanto forma e sentido e a (iii) interação social (CHARAUDEAU, 2008). Dessa maneira, o termo discurso na TS imputa dois sentidos: o primeiro, que relaciona o discurso a encenação do ato de linguagem; e o segundo, que compreende o discurso em sua relação com saberes partilhados na sociedade.

Os *modos de organização do discurso*, MOD doravante, segundo Charaudeau (2008), instituem-se como princípios de organização da materialidade linguística e dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante. Os procedimentos envolvidos nos MOD consistem no uso de certas categorias de língua, ordenadas em função dos propósitos discursivos do *ato de linguagem*. Os MOD são quatro: *enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo* (CHARAUDEAU, 2008). Cada um dos modos possui uma *função de base*, compatível com a finalidade discursiva do projeto de fala do locutor (*enunciar, descrever, narrar e argumentar*) e um *princípio de organização* que é duplo para o descritivo, o narrativo e o argumentativo (CHARAUDEAU, 2008).

A TS é, portanto, basilar nesse estudo. Adotamos a noção de discurso construída ao longo da teoria, especialmente, por Charaudeau (2008) atrelar à sua ideia de discurso saberes partilhados socialmente, os quais buscaremos resgatar. A concepção de *estratégia* também se faz pertinente, uma vez que o autor (2008) postula que os *atos de linguagem* podem constituir efeitos de identificação entre os sujeitos. Operacionalizamos, ainda, algumas categorias¹⁵ presentes no *modo de organização enunciativo*, como *alocução e elocução*; no *modo descritivo*, tais como os *procedimentos discursivos* de *nomear, qualificar* e a *quantificação*; e no *modo argumentativo*, no que tange a *citação* e o *questionamento*; dentre outros (CHARAUDEAU, 2008).

Como trabalhamos com uma narrativa de vida, utilizamos as denominações dos sujeitos trazidas por Charaudeau (2008) na descrição da *encenação narrativa*, do *modo de organização narrativo*. O linguista ressalta que

Quem conta (uma história) não é *quem escreve* (um livro) nem *quem é* (na vida). [...] embora aparentemente seja uma mesma pessoa, como na autobiografia, não se pode confundir o *indivíduo*, ser psicológico e social, o *autor*, ser que escreveu, por exemplo, um romance, e o *narrador*, “ser de papel” que conta uma história. (CHARAUDEAU, 2008, p. 183, grifo do autor).

Charaudeau (2008) destaca que as mesmas classificações se aplicam ao leitor, salientando que não se pode confundir tal *indivíduo* com o *leitor real*,

em que ele se torna e ao qual é pedido um mínimo de *competência de leitura*; nem este leitor real, com o *leitor*, “ser de papel”, que se acha implicado como *destinatário* de uma história contada por um narrador. (CHARAUDEAU, 2008, p. 183-184, grifo do autor).

¹⁵Definiremos melhor essas categorias no capítulo 4, concomitantemente à análise, conforme nos propomos na metodologia.

Ainda para Charaudeau (2008), o dispositivo de encenação narrativa compreende quatro sujeitos, que podem estar presentes numa mesma narrativa, implícita ou explicitamente, e sob diferentes formas. No circuito externo do *ato de linguagem* encontra-se o autor (indivíduo, escritor), que se dirige a um leitor real (indivíduo). Já no circuito interno “o *narrador* é um ser de papel (ou de fala), que existe no mundo da *história contada*” (CHARAUDEAU, 2008, p. 186, grifo do autor). Esse narrador implica um leitor como destinatário dessa história. A partir dessas categorias, consideramos: (i) Lázaro Ramos, ser empírico, como autor; (ii) Lázaro Ramos, sujeito biógrafo e biografado, como narrador ou enunciador; e (iii) o sujeito a quem ele se dirige como leitor ou destinatário, conforme a TS.

CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos os fundamentos teóricos e metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa e caracterizaremos o *corpus*. Interessa-nos demonstrar como, dialógica e discursivamente, a escrita de si, atravessada pela temática da raça, pode funcionar como uma forma de agência para o letramento racial.

2.1 ESCOLHAS TEÓRICAS E PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS

Conforme já explicitado, o embasamento teórico-metodológico dessa pesquisa filia-se às teorias do discurso, mais especificamente, à Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau (2008), utilizada para analisar os sentidos produzidos a partir da materialidade discursiva, relacionando-os a aspectos culturais, históricos e sociais. Tomamos a teoria charaudeana como princípio e agregamos a ela formulações teóricas provenientes dos estudos raciais, enunciativos, das escritas de si, dos letramentos e de outras áreas para darmos conta de nosso objeto de estudo. Para a análise do conteúdo imagético, utilizamos, basicamente, as elaborações teóricas e metodológicas de Emília Mendes (2013) sobre a *verboiconicidade*, uma vez que a autora propõe algumas categorias que se correlatam a conceitos da Teoria Semiolinguística.

Quanto ao processo de geração de dados, realizamos, basicamente, dois procedimentos. Inicialmente, nos debruçamos sobre a capa do livro, caracterizamos os elementos verbais e imagéticos nela dispostos e relacionamos alguns desses tópicos a trechos da narrativa e a duas publicações da rede social *Instagram* denominadas *postagem 1 ([P1])* e *postagem 2 ([P2])*, respectivamente. Para selecionar essas postagens, utilizamos a ferramenta de busca por *hashtags*, disponibilizada pela rede e destacamos, manualmente, aquelas que melhor caracterizassem a maioria dos textos publicados. A escolha por tais publicações se deu em razão de julgarmos que a análise desses textos, que apresentam elementos com múltiplas semioses, poderia dar subsídios para mensurarmos o potencial de agenciamento de letramento racial do livro, bem como os efeitos de sentido constituídos por esses discursos, numa perspectiva interracial. Tais aspectos foram enfocadas no capítulo 3.

Na sequência, para selecionarmos os excertos provenientes da narrativa que seriam analisados no capítulo 4, marcamos, manualmente, ao longo de toda a obra, todas as ocorrências da palavra “negro”. Em seguida, confeccionamos uma tabela com esses excertos. Diante da grande quantidade de ocorrências do termo, optamos por trabalhar, inicialmente, somente com os seis excertos que continham a expressão “ator negro”. Denominamos tais citações como “excertos primários” e as identificamos com as letras do alfabeto de A a F ([EA], [EB], [EC], [ED], [EE], e [EF]), respectivamente. Tais trechos não necessariamente traziam apenas uma ocorrência da expressão em questão. Em alguns deles, como nos excertos D e E, por exemplo, a expressão “ator negro” se repete várias vezes. Por isso, ao invés de desmembrá-los, julgamos mais adequado destacar trechos mais extensos. Postulamos que o emprego da expressão “ator negro” se faz representativo por agregar aspectos da profissão e da raça, que envolvem, por sua vez, relações sociais, institucionais, de poder e econômicas.

Buscando enriquecer nossa análise, agregamos, quando possível, outros trechos do livro que de algum modo se articulavam a elementos da capa (no capítulo 3) ou aos excertos primários (no capítulo 4), seja pela manifestação de algum aspecto formal, temático ou pela produção de efeitos de sentido similares. Denominamos essas citações como “excertos secundários” e identificamo-las com números. A numeração iniciou-se no terceiro capítulo e teve sequência no quarto capítulo, totalizando 36 excertos. Quanto a esses enunciados, optamos por destacar trechos mais curtos, já que eles cumprem no texto uma função demonstrativa e para não estender muito o trabalho. Cabe ressaltar que na verificação dos excertos primários A, B e C, conseguimos agrupar um número maior de ocorrências sobre determinados pontos que se fizeram presentes nesses trechos. Por isso, como citamos também outras passagens do livro, dispusemos a verificação desses enunciados no final da análise das subseções para não tornar o texto confuso. Tais excertos secundários, reunidos em [EA], [EB] e [EC], relacionam-se, majoritariamente, aos procedimentos discursivos de *qualificação*, *quantificação*, *enumeração* (CHARAUDEAU, 2008) e ao tema da identidade de raça (MUNANGA 1994, 2003; GOMES, 2005), nessa ordem.

Diferenciamos as citações dos autores que compõem o arcabouço teórico dos excertos retirados do livro *Na minha pele*, destacando-os dos parágrafos, com formatação em itálico. Quando foi necessária a transcrição de alguma parte destes excertos no corpo do texto, a mesma foi colocada entre aspas e em itálico.

Organizamos este trabalho da seguinte maneira: o primeiro capítulo é teórico; o segundo apresenta as escolhas teóricas e metodológicas, bem como o material de análise; e o terceiro e o quarto são constituídos por teoria e análise, em arranjos distintos. No primeiro capítulo, inserimos os pressupostos teóricos basilares deste estudo para situá-lo dentro de um campo de saber. No que tange o referencial teórico introduzido nessa parte do trabalho, abordamos, primeiramente, algumas terminologias utilizadas no debate racial, tais como, preconceito, discriminação, raça, etnia, identidade, dentre outras, amparados em Antônio Guimarães (1999), Kabengele Munanga (1994, 2003) e Nilma Lino Gomes (2005). Consideramos pertinente iniciar o trabalho com esse tema, tendo em vista que a questão racial é preponderante no todo da pesquisa.

Logo após, tratamos da noção de letramento, iniciando, com as primeiras ocorrências do uso do termo; prosseguimos, com a abordagem dos novos estudos do letramento e dos letramentos sociais; do letramento digital, dos novos letramentos e do multiletramento; bem como do letramento crítico, da teoria racial crítica e do letramento racial (KLEIMAN, 1995; ROJO, 2012, 2013; SOARES, 2017; MOITA LOPES, 2010; MILNER; HOWARD, 2013 apud FERREIRA, 2015; STREET, 2014; SKERRET, 2011 apud FERREIRA, 2015; FERREIRA, 2014, 2015). Nesta seção, objetivamos demonstrar como as diversas formulações sobre os letramentos respaldam a conceituação e a viabilidade do letramento racial.

Em seguida, introduzimos os pressupostos fundamentais da Teoria Semiolinguística (CHARAUDEAU, 2008), tendo em vista que empregamos na análise conceitos advindos, principalmente, do *modo de organização do discurso descritivo* - como os componentes da construção descritiva de *nomear, qualificar e a quantificação*; e *procedimentos discursivos, do modo de organização do discurso argumentativo*, tais como, *a citação e o questionamento* (CHARAUDEAU, 2008).

No segundo capítulo, dispusemos os pressupostos teórico-metodológicos e a apresentação do material de análise. Julgamos pertinente separar a metodologia e a caracterização do material das seções subsequentes, pelo fato de a disposição do referencial teórico e da análise nos capítulos 3 e 4 ter se dado de formas distintas, e em razão da apresentação do material expor dados sobre a obra e o autor relevantes para a compreensão de relações estabelecidas na análise da capa e dos excertos que contém a expressão “ator negro”.

No terceiro capítulo, apresentamos o referencial teórico e, em seguida, analisamos a capa da obra. Caracterizamos as capas de livros (CARVALHO, 2008); expusemos o conceito de multimodalidade (DIONÍSIO, 2007; NASCIMENTO et al., 2011) e os pressupostos teórico-metodológicos acerca da *verboiconicidade* (MENDES, 2013); e apresentamos, ainda, estudos sobre o rosto (COURTINE; HAROCHE, 1988). Ao longo da análise da capa, intentamos demonstrar como a sua construção verbal e imagética é capaz de constituir-se com um símbolo da narrativa e contribuir com a composição de processos de letramento racial. Inserimos, nessa parte, dentre outros materiais, duas publicações de rede social que continham a imagem da capa para mensurarmos como elas podem manifestar movimentos de identificação com as memórias e proposições ao autor.

No quarto capítulo, articulamos a análise aos fundamentos teóricos, pois constatamos que cada excerto trazia questões singulares que buscamos abordar de forma mais funcional e específica nessa parte do trabalho. Desse modo, conforme identificávamos nos excertos elementos linguísticos, temáticos e conceituais que projetavam efeitos de sentido relacionados à condição racial do negro, resgatávamos as formulações teóricas e as inseríamos na discussão. Criamos, ainda, nesse capítulo, seções que constituíram blocos temáticos intitulados a partir dos tópicos preponderantes nos excertos, a saber, “profissão e qualificação”, “exclusão e quantificação”, “representatividade e identidade negra”, “afirmação e ressignificação” e “carreira e exceção”. Cabe informar que agrupamos na seção 4.2. “*exclusão e quantificação*” os excertos primários B e C, devido à aproximação dos assuntos trazidos por ambos.

A maioria das categorias citadas no quarto capítulo derivam da Teoria Semiollingüística (CHARAUDEAU, 2008), conforme mencionado. Todavia, tratamos também, a partir dos aspectos identificados nos excertos, do conceito de *voz* na teoria bakhtiniana (BAKHTIN, 2002, 2010); das heterogeneidades enunciativas (AUTHIER-REVUZ, 1990); da argumentação discursiva (AMOSSY, 2011, 2018); da noção de imaginários (CHARAUDEAU, 2017); das formulações sobre o racismo estrutural (ALMEIDA, 2018), dentre outras, que se fizeram pertinentes. É importante esclarecer que, apesar de basearmos-nos nos pressupostos teóricos supracitados, utilizamos como critério a produtividade das categorias na produção dos sentidos dos enunciados, o que acarretou ao estudo um contorno mais amplo e possibilitou o apontamento de aspectos formais, temáticos e discursivos que poderiam contribuir para a construção de conhecimento do/sobre o povo negro.

A conclusão foi dividida em dois momentos distintos: (i) resultados e apontamentos de análise e (ii) considerações finais. Primeiramente, apresentamos uma reflexão sobre a pesquisa, alguns desafios que se manifestaram ao longo do trabalho e o modo como alcançamos os objetivos específicos e sistematizamos a bibliografia. Logo, nas considerações finais, promovemos uma discussão sobre os resultados, que apontam para o modo como a escrita de si - por meio do estudo de caso do livro *Na minha pele* - pode constituir-se como uma forma de agência para o letramento racial: enfatizamos, sobretudo, como os processos analisados evidenciam práticas singulares e contemporâneas do uso da leitura e da escrita em espaços não escolarizados; as especificidades da narrativa, manifestadas na materialidade linguístico-discursiva; ressaltamos os elementos que demonstram como a nossa hipótese foi confirmada, ampliando a compreensão sobre a relação entre narrativas de vida individuais e experiências intersubjetivas relacionadas à raça; e expusemos, ainda, nosso posicionamento diante do tema e as possibilidades de aprofundamento e direcionamento em estudos sobre o letramento racial.

2.2 APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DE ANÁLISE

O livro *Na minha pele* se constitui como uma escrita de si, na qual o narrador, Lázaro Ramos, conta acontecimentos de sua vida sob a perspectiva do “eu”, já expressa no emprego metonímico da palavra “*pele*” - no título, assumindo sua identidade de negro, brasileiro, homossexual e criado numa família economicamente desfavorecida. Em meio a esses relatos, ele compartilha experiências pessoais de convivência com o racismo e assume pontos de vista e posicionamentos sobre o tema, convidando o leitor a uma experiência de alteridade.

O livro foi lançado em agosto de dois mil e dezessete pela *Editora Objetiva* e possui cento e quarenta e sete páginas, o prólogo e dez capítulos que seguem uma lógica espaço-temporal e temática. Lázaro Ramos, narrador-personagem, desenvolve um processo de rememoração que se inicia com as memórias da infância em uma comunidade de negros na Bahia; passa pelas lembranças da escolaridade e da adolescência; aborda a inicialização no universo dramaturgico; e chega ao tempo presente, no qual debate a questão racial, acionando temas como o empoderamento, a representatividade e a afetividade.

A obra é perpassada por uma perspectiva crítica acerca da conscientização sobre a formação identitária dos sujeitos negros. O livro ganhou grande repercussão no cenário nacional: foi uma das grandes atrações da 15ª Festa Literária de Paraty (Flip), no ano de dois mil e dezessete, e figurou entre os livros de não-ficção mais vendidos do ano mesmo (MURARO, 2017). Foram realizadas diversas entrevistas com o autor, reportagens e críticas positivas da obra. Nas mídias digitais, mais especificamente, na rede social *Instagram*, a obra desencadeou uma série de publicações, com a *hashtag* homônima ao título do livro, e até o dia vinte e seis de junho de dois mil e dezenove, perfaziam um total de 8.326 ocorrências.

As publicações do *Instagram* começaram a surgir a partir do lançamento do livro e, de acordo com as descrições trazidas pelos textos das postagens, foram escritas após os usuários da rede social terem algum tipo de contato com a obra. Os textos tratam de assuntos diversificados, tais como: identificação com os posicionamentos do narrador ou com suas experiências; alusão a reflexões, questionamentos, constatações, desconstruções e aprendizados trazidos pela/a partir da obra; menção a emoções e sentimentos suscitados pela leitura; memórias; referências à imagem pública do autor, dentre outros.

Consideramos relevante mencionar essas postagens, pois elas indicam que o livro possui algum diferencial em relação a outros congêneres. *Na minha pele* se tornou um multiplicador de discursos sobre o racismo. Os relatos acerca das problematizações sobre a questão racial suscitados pela narrativa colaboram com o delineamento do nosso objeto de estudo e para o levantamento de nossa hipótese sobre o seu potencial para compor processos de letramento racial.

O livro traz a voz de um sujeito negro que narra a partir desse lugar, em geral, silenciado. Nesse sentido, a narrativa construída por Lázaro Ramos constitui-se, pois, como instrumento de perturbação das estruturas de poder e controle, no sentido foucaultiano, que trata o discurso como um sistema que estrutura determinado imaginário social. O narrador dá visibilidade e problematiza saberes e modos de se referir ao negro que são naturalizados e contribuem para a manutenção de práticas racistas. Além disso, a autobiografia de um negro bem-sucedido é passível de reverberar como um ponto de representatividade.

Por outro lado, os relatos apresentados pelo narrador podem ser questionados, por trazerem à tona apenas um ponto de vista: daquele que supostamente sofre com o preconceito e a discriminação a partir da posição que ocupa. Devido às próprias restrições do texto autobiográfico, não podemos contemplar de forma abrangente posições contrárias às do narrador. Todavia, ele mesmo evoca em seu discurso algumas dessas vozes, como aquelas que afirmam que não existe racismo no Brasil e/ou que a questão se trata apenas de puro vitimismo por parte dos negros.

Dedicado aos filhos do autor, João Vicente e Maria Antônia, o livro inicia-se com o prólogo intitulado “*A saga do camarão*”, no qual o narrador conta, através da metáfora do desaparecimento do crustáceo, como surgiu a ideia da escrita da narrativa. O objetivo da escrita do livro também é apresentado: ele afirma que pretende falar sobre a formação de sua própria identidade e a conscientização acerca do tema. O autobiografado demonstra certa resistência em aceitar escrever uma obra autobiográfica por se achar muito jovem para tal e por acreditar que a história de uma exceção só confirma a regra. Tal afirmação traz à tona a noção de autobiografia como um texto que se volta para pessoas mais experientes e personalidades.

Os capítulos de *Na minha pele* se inter-relacionam, mas constituem unidades que podem ser compreendidas mesmo se lidas separadamente. Os capítulos que seguem o prólogo são denominados, respectivamente, “*A ilha*”, “*Quero ser médico*”, “*Entre o laboratório e o palco*”, “*A ribalta*”, “*Imaginário*”, “*Escolhas*”, “*Empoderamento e afeto*”, “*Quando fiquei sem resposta*”, “*O filtro*” e “*A roda*”.

Em “*A ilha*”, o narrador conta sobre a infância numa ilha modesta, no interior da Bahia denominada Paty, com população de maioria negra. Por isso, segundo ele, os preconceitos não eram vivenciados e havia uma atmosfera de pertencimento e valorização das raízes. Há também uma reminiscência sobre os primeiros afetos, a convivência com os mais velhos, com a família materna e paterna e a respeito das lembranças da infância. Ramos aborda, ainda, o primeiro contato com o *Bloco Ilê Aiyê*¹⁶ e, por conseguinte, com uma cultura de autovalorização e orgulho da raça.

No capítulo “*Quero ser médico*”, o narrador relata sua saída do interior para a uma cidade maior em busca de melhores oportunidades e as mudanças subsequentes a essa transformação. Os sentimentos de coletividade e afetividade que atravessam a cultura africana perpassam o capítulo nos encontros com os parentes e pessoas a quem ele

¹⁶O *Ilê Aiyê* é conhecido como o primeiro bloco afro do Brasil. Criado em 1974 na cidade de Salvador, o bloco tem o intuito de preservar e dar visibilidade a cultura de origem africana no país. (ILÊ, [20--?])

destinara algum afeto, como a madrinha. Nesse âmbito, o narrador também menciona os traços herdados dos pais e suas experiências com diversas religiões, inclusive, as de matriz africana. Ele discorre sobre a sua passagem por uma escola particular, na qual a história africana era ocultada no currículo, e fala sobre o desejo que tinha na infância de ser médico, visto como uma forma de ascender socialmente. Cita, ainda, como algumas entrevistas que realizou no programa *Espelho*¹⁷ ampliaram seus horizontes e o levaram a problematizar várias questões, como a invisibilidade do negro na história do Brasil, por exemplo, discutida com o pensador Ubiratan de Castro.

No quarto capítulo, intitulado “*Entre o laboratório e o palco*”, o narrador descreve a adolescência com o pai em Salvador e revela que, apesar de ter feito muitas amizades na rua onde morava, na escola, onde era um dos poucos negros, não teve a mesma sorte. Ele conta que não fez muitos amigos e julga que o seu comportamento retraído ou a cor de sua pele fizeram com que tivesse dificuldade em se relacionar com as garotas. O enunciatador descreve como descobriu a paixão pelo teatro e como iniciou sua formação no *Bando de Teatro Olodum*¹⁸. O narrador também enfatiza que a entrada no *Bando* lhe propiciou conhecimentos relacionados a sua condição de negro e ao empoderamento, bem como reflexões sobre profissões e o lugar dos seus pares na sociedade. Refere-se, ainda, aos primeiros trabalhos como ator e a inserção no cinema.

Em “*A Ribalta*”, o narrador continua falando sobre as atividades do *Bando*, das referências profissionais que lá encontrou e sobre a amizade com os hoje atores Wagner Moura e Vladimir Brichta. Ele descreve também, o início da carreira, os desafios que enfrentou e os trabalhos que julga serem os principais. Aborda a atuação como protagonista de *Madame Satã* (2002) no cinema, bem como a projeção que o filme proporcionou a sua carreira. Discute a importância da família, da ancestralidade e do registro da cultura negra. Antes de iniciar a seção seguinte, o narrador diz que se questiona sobre quem é o seu leitor e de que forma se relacionam. Ele pontua que nas próximas

¹⁷O programa *Espelho* é exibido semanalmente no Canal Brasil, dirigido e apresentado pelo ator. O programa é composto por entrevistas com personalidades do cenário artístico brasileiro e são investigados assuntos que permeiam o cotidiano do país, sempre valorizando a cultura negra.

¹⁸“Criado em Salvador no segundo semestre de 1990 por iniciativa do diretor Márcio Meirelles e em parceria com a agremiação Olodum, o *Bando de Teatro Olodum* vem se destacando na cena brasileira por colocar em prática um complexo projeto poético-político que inclui representar o cotidiano da população negra, combater o racismo, valorizar e divulgar a cultura negra no país, contribuir para a presença ativa do negro na sociedade, promover a conscientização e a construção das identidades negras, capacitar artistas negros, desenvolver dramaturgia e linguagem cênica própria. O nome já indica o caráter combativo e afirmativo do grupo: a palavra “bando” designava a reunião de africanos escravizados com o objetivo de organizar a fuga para o quilombo, já “olodum” veio de empréstimo do bloco carnavalesco de resistência negra.” (BANDO, 2018)

páginas continuará apresentado suas memórias, mas tocará em temas como políticas afirmativas, conflitos de opinião e as decorrências do racismo.

Antes de iniciar o capítulo seguinte, o narrador faz uma pausa e cria uma divisão na obra denominada “*Conexão*”. Em uma página, ele se dirige ao leitor, abordando questionamentos sobre a temática racial; os seus propósitos com a escrita do livro e as possíveis expectativas dos leitores. Alerta que, por isso, dessa parte em diante, o leitor poderá se sentir provocado e/ou incomodado com a leitura.

No capítulo “*Imaginário*”, o narrador disserta sobre o modo como o racismo é naturalizado no Brasil e de que forma pode afetar a construção identitária dos negros. Destaca a falta de representatividade em produtos para crianças, na publicidade e nas produções audiovisuais da televisão e do cinema. Aponta também a reprodução de estereótipos e preconceitos que posicionam o negro num lugar subalternizado nesses mesmos materiais. Entretanto, ele avalia que essa situação vem se modificando, mesmo que lentamente, e explica que o nascimento dos filhos o levou a refletir sobre as situações que eles podem ser expostos, em razão da cor da pele, considerando os mecanismos que regem as questões raciais e as ferramentas que dispomos para formar crianças que não reproduzam visões de mundo racistas. O narrador também faz referência a ideias do geógrafo Milton Santos, dos sociólogos Florestan Fernandes e Muniz Sodré, das escritoras Ana Maria Gonçalves e Conceição Evaristo, do cineasta Joel Zito Araújo, da antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz, dentre outros nomes que tratam da problemática racial em seu campo de trabalho. Já no fim do capítulo, reproduz uma carta que gostaria de ter enviado a uma revista, na qual reflete sobre sua condição de ator negro, após um episódio no qual se sentiu desrespeitado.

Em “*Escolhas*”, o narrador discorre sobre sua carreira e algumas decisões que tomou ao longo dos vinte e oito anos de profissão, evidenciando a opção consciente por papéis diversificados e considerando sempre o lugar de privilégio que ocupa e a responsabilidade decorrente de tal posição. Ele confessa que já se absteve de fazer personagens estereotipados, como os de escravo e criminoso armado, para não corroborar com a reprodução desses imaginários. Assim, ele demonstra uma preocupação com o simbolismo, com a liberdade estética e com a promoção da militância por meio de sua arte, ao mesmo tempo que chama atenção para as barreiras impostas pelo racismo na esfera profissional.

Já em “*Empoderamento e afeto*”, o narrador discute o termo empoderar, contando como o processo lhe ocorreu e o modo pelo qual o empoderamento tem funcionado como ato de resistência na sociedade. Ele cita textos e letras de músicas compostas e interpretadas por jovens negros(as) no *hip hop*, como Karol Conka e Mc Soffia e menciona blogueiros(as)/influenciadores digitais que têm colocado as suas vozes em espaços variados e propagado a valorização da descendência e da cultura afro. O enunciatador narra, ainda, sobre como conheceu a esposa e atriz Taís Araújo - para ele uma referência de mulher empoderada - e fala um pouco do modo como se relacionam e lidam com o racismo. Por fim, ele apresenta uma discussão acerca da relação entre afetividade e a população negra, mais especificamente, sobre os relacionamentos entre homens, mulheres, pais e filhos, fazendo referência igualmente a alguns estudos que abordam a afetividade e a solidão da mulher negra, como aqueles realizados por Alves (2010) e Lemos (2016).

No capítulo “*Quando fiquei sem resposta*”, o narrador expõe a dúvida em relação à adequação da sua postura na luta contra o racismo e discorre sobre a impotência imposta pelo racismo estrutural e histórico que o cerca e que, ao mesmo tempo, impõe limites a buscas identitárias dos sujeitos negros. Ele conta que em alguns debates ocorridos ao final da peça *No Topo da Montanha*, a qual estreou em 2016, junto à esposa, se deu conta que não tem respostas para certas questões. Exemplifica com o fato de alguns negros afirmarem não sofrer preconceito, serem devidamente respeitados e ocuparem cargos de chefia em empresas de maioria branca. Além disso, o narrador se questiona sobre como preparar os filhos para serem donos do seu querer e dos seus corpos, defendendo que é preciso desnaturalizar o fato das pessoas de pele escura serem maioria em presídios, favelas e manicômios. Ele apresenta, inclusive, dados disponibilizados por órgãos de pesquisa como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o *Atlas da Violência*, divulgado pelo Instituto de Pesquisas Econômica Aplicada (IPEA), que apontam para os altos índices de homicídios de jovens negros.

No penúltimo capítulo, “*O filtro*”, o narrador fala do incômodo em ter que manter um crivo para vigiar o(s) outro(s) e possibilitar que ele(s) enxergue(m) as questões raciais por outro ponto de vista. Ele trata da descolonização das relações e da importância de uma educação antirracista. O capítulo se constrói em torno de um episódio em que Lázaro Ramos estava com amigos brancos, quando, inesperadamente, fez um desabafo inspirado na leitura do livro *O olho mais azul*, de Toni Morrison (2003). Ela propõe que a cor da pele é um patrimônio e que, por isso, concede privilégios aos brancos e

desvalorização aos negros. Os assuntos tratados nesse capítulo remontam ao tópico da branquitude que abarca a conscientização dos privilégios de ser branco e o reconhecimento do racismo como um problema de todos e não apenas dos negros.

Finalizando a obra, no capítulo “*A roda*” o narrador aborda o processo de escrita do livro e discorre sobre as dores trazidas pelas reminiscências. Ele também se questiona sobre a possibilidade do seu jeito irônico constituir uma estratégia para chamar atenção, camuflar e dissimular o desconforto trazido pelas implicações do racismo no seu dia a dia. O narrador constata que não se pode generalizar as questões raciais no Brasil, pois, para ele, cada indivíduo é moldado por experiências diferentes. No entanto, o autobiografado reconhece que há episódios e dissabores experimentados por muitos com os quais pretende dialogar. Ele indaga, ainda, se é bom ser negro no Brasil, apresentando diferentes perspectivas e colocando sua opinião. Por fim, sugere aos leitores algumas leituras e vídeos sobre a pauta racial e fala sobre as mudanças que espera que ocorram nas relações raciais. O narrador fecha o capítulo sugerindo que o seu leitor exercite o olhar e não preconceba coisa alguma. Nas últimas palavras, ele explica a origem do título do capítulo - “*a roda*” - que, de acordo com sua explicação, remete à simbologia circular presente em diversos elementos da cultura africana, como a capoeira e a forma esférica na qual as populações tradicionais se organizam para ouvir os contadores de histórias.

O narrador sustenta seus posicionamentos amparando-se nas vozes de renomados estudiosos, em produções audiovisuais, letras de músicas, dentre outros recursos. Além de conceder certa credibilidade ao seu dizer, esses outros discursos enriquecem a leitura e fazem com que a obra se constitua como uma fonte de referências para quem deseja ampliar os conhecimentos sobre a questão racial. Para ele, essa busca é um exercício de consciência, cidadania e valorização da cultura nacional.

O narrador conta passagens de sua vida, estabelecendo um diálogo com o leitor, por vezes, até de forma bem-humorada, demonstrando como o racismo é intrínseco ao cotidiano. Além de compor uma autobiografia e trazer características que remetem a tal gênero, o livro é atravessado por diversas temáticas, tais como a branquitude, a representatividade, a afetividade e a meritocracia, as quais permeiam a pauta racial e pretendemos também abordar.

CAPÍTULO 3 - A CAPA DA OBRA NA MINHA PELE

Neste capítulo, introduziremos, inicialmente, o referencial teórico que balizará a análise da capa do livro *Na minha pele*: discorreremos sobre capas de livros numa perspectiva discursiva a partir do que propõe Ana Carvalho (2008); trataremos da ideia de multimodalidade (DIONÍSIO, 2007; NASCIMENTO et al., 2011); e apresentaremos os pressupostos teórico-metodológicos formulados por Emília Mendes (2013), acerca da *verboiconicidade*. Na sequência, caracterizaremos o rosto enquanto elemento expressivo (COURTINE; HAROCHE, 1988). Posteriormente, analisaremos a capa, buscando verificar como sua composição verbo-imagética pode se constituir como unidade simbólica da narrativa que envolve e determinar o modo como a fotografia do rosto do autor, nela estampada, bem como as publicações da rede social *Instagram* são capazes de constituir e manifestar processos de identificação, rememoração e ressignificação.

3.1 A CAPA COMO MATERIALIDADE DISCURSIVA

Partindo do horizonte discursivo, essa pesquisa concebe as capas como materialidades relacionadas a contextos sócio-históricos. Segundo Carvalho (2008), as capas surgem com a função de proteger as páginas, mas depois elas passaram a desempenhar outras funções, como a finalidade estética e a agregação de valor mercadológico e social. De acordo com Carvalho (2008), as capas podem também desempenhar um papel informativo por apresentarem o título, o nome do autor e da editora. Devem, ainda, contemplar a narrativa e o conteúdo geral da obra, criando conceituações sobre o livro, pois elas instituem-se como elementos relacionados a contextos sociais, históricos, econômicos e técnicos que envolvem sua produção. Carvalho (2008) complementa que, além dessas funções, devido ao formato, potencialmente duradouro e ostensivo, as capas podem tornar-se símbolos de um determinado texto ou tempo histórico.

No campo do *design* visual, as capas são definidas como um plano único que envolve as páginas e são divididas em três partes: a capa ou painel frontal, a lombada e a contracapa. No entanto, a palavra capa também é comumente utilizada para fazer referência somente à parte frontal (CARVALHO, 2008). Os aspectos descritivo e visual que compõem as capas podem coexistir, sem se opor ou sobrepor, pois, para a pesquisadora (2008),

a capa condensa numa única imagem a personalidade do livro, que pode ser uma referência a um momento marcante da narrativa ou um resumo dos acontecimentos. Ela é o resultado de um processo de interpretação e a sua dimensão simbólica torna-se muitas vezes dominante sobre uma tradução literal do título ou das descrições feitas no livro. [...] A relação da capa com o livro pode assim ser vista como uma relação icônica, na qual esta se assume como a identidade da história. (CARVALHO, 2008, p. 32)

Acreditamos que as capas são capazes de instalar-se como marcas e símbolos dos livros e fundar uma memória no público leitor; na esfera comercial, desempenhar a missão de seduzir e, na individual, a de inaugurar o momento da leitura. O trabalho gráfico é encarregado de explorar o caráter metafórico das capas na medida em que elas podem se constituir como objetos de reflexão sobre o livro em si e acerca da atividade de leitura.

Nas últimas décadas, a criação e produção de capas de livros têm sido desempenhadas por profissionais de campos diversos e não mais somente por *designers*. Carvalho (2008) adota o termo “capista”, criado nos anos 50, para designar o sujeito que cria capas e explica que essa denominação tem maior amplitude e adequa-se às variações históricas, temporais e técnicas ocorridas nesse tipo de trabalho, ao longo do tempo.

Para a pesquisadora, é preciso também considerar a relação, muitas vezes conflituosa, entre princípios de *marketing* e os planos gerais de promoção das editoras. Carvalho (2008) esclarece que o resultado da associação desses dois polos é geralmente evidenciado por meio da escolha das cores, do tipo de edição, dos materiais utilizados na confecção do livro, do espaço de distribuição, dentre outros elementos.

Numa outra perspectiva, os estudos da psicologia aplicados ao *marketing*, ao corporativismo e à comunicação, tais como os de Ana Freitas (2007), abordam o impacto e os sentidos que podem ser suscitados pelas cores em materiais gráficos. Segundo a autora (2007), a cor alaranjada, por exemplo, empregada na lombada e na contracapa do livro *Na minha pele*, pode viabilizar associações materiais, relacionadas aos raios solares e à luz; e afetivas, ligadas a sensações de prazer, calorosidade, alegria e advertência.

A evolução tecnológica e técnica oferece uma maior variedade de possibilidades ao processo de criação e a circulação de capas. Nesse sentido, o ambiente virtual também passou a se consolidar como um meio para promoção e distribuição literária. Através das fotografias das capas e/ou trechos de seu conteúdo verbal, os livros podem ser veiculados nas mídias sociais, acompanhados de textos que tragam impressões e *hiperlinks*, por exemplo, como a *hashtag* *#naminhapele*.

Com base nas formulações de Carvalho (2008), consideramos as capas de livros como materialidades que cumprem funções práticas, estéticas, informativas, comunicacionais e, sobretudo, simbólicas e metafóricas, vinculando-se a contextos sociais, econômicos, históricos e técnicos. Além disso, postulamos que as capas podem condensar a narrativa e criar um vínculo com o leitor, tornando-se ícones das histórias que representam.

3.2 IMAGENS E(M) DISCURSO

Nesta seção, abordamos a questão imagética que tangencia nosso objeto de pesquisa, apresentando os pressupostos teórico-metodológicos que tratam da imagem. Inicialmente, um dos fatores que despertaram nossa atenção para os possíveis efeitos de sentido relacionados à questão racial, instaurados pelo livro *Na minha pele*, foram as publicações do *Instagram* que continham uma foto do usuário da rede social com a capa do livro sobre o próprio rosto. Além disso, devido ao formato das postagens dessa rede social, junto às imagens também foram veiculados textos nos quais eram expostas reflexões sobre a temática racial suscitadas a partir do contato com a obra¹⁹.

A partir do surgimento das novas tecnologias, os textos, num movimento crescente, têm transposto a modalidade escrita da linguagem. Diariamente, os sujeitos se deparam nas redes com textualidades compostas por elementos verbais, imagéticos, orais, dentre outros. Roseli Nascimento et al. (2011) pontua que nas práticas corriqueiras do cotidiano da sociedade contemporânea, o espaço concedido à imagem ampliou-se consideravelmente. Os pesquisadores ressaltam que um infinito contingente de recursos pode ser empregado para conceber propósitos comunicativos tais como cores, tipo de letra etc. Portanto, os textos apresentam-se, cada vez mais, multimodais e tais mudanças têm viabilizado modos inusitados de ler e escrever. As folhas de papel, por exemplo, têm sido substituídas pelas telas *touchscreen*. Os dispositivos eletrônicos permitem ao indivíduo realizar a leitura e a escrita de textos em *tablets* e *smartphones*, incluindo *emoticons*, fazendo marcações, “salvando” e retornando aos textos quantas vezes julgar necessário.

¹⁹Cabe destacar que até o dia 24 de julho de 2019, data em que finalizamos esses textos, as publicações continuam com a *hashtag* *#naminhapele* continuando sendo veiculadas. Mas nosso recorte se deu no período de agosto de 2017 a janeiro de 2019.

Angela Dionísio (2007) conceitua o texto multimodal como aquele que incorpora um processo de construção textual ancorado na mobilização de distintos modos de representação (escritos, imagéticos, gestuais e orais). Dessa maneira, os textos multimodais compreendem constructos textuais calcados no entrecruzamento de distintos registros de linguagem. De acordo com Nascimento et al. (2011), mesmo os textos predominantemente escritos exibem características multimodais, como variação nos formatos das letras, tamanhos, dentre outros aspectos, visando efeitos de sentido diversos.

Nesse espectro, Mendes (2013) integra os estudos do discurso e da imagem, destacando que o desenvolvimento de trabalhos sobre a iconicidade tem sido um desafio instigante, principalmente, com o advento das novas mídias. Ela salienta que o analista do discurso deve estar atento às variações nas manifestações linguísticas e defende conceber a imagem atrelada ao verbal, afirmando que, apesar das diferenças, é possível delimitar pontos de contato entre essas duas dimensões da linguagem.

Assim, agregando o verbal ao imagético, Mendes (2013) concebe a ideia de *verboiconicidade* com base em alguns pressupostos da Teoria Semiolinguística e aspectos da retórica. Ela reitera que as multimodalidades devem ser analisadas em conjunto e apresenta uma abordagem teórico-metodológica para imagens fixas, propondo uma grade que separa aspectos da imagem e do texto somente para fins metodológicos. A tabela é dividida em três blocos, a saber, (i) a *Macrodimensão situacional*, que engloba condições de produção e, eventualmente, de recepção, bem como as formas de circulação e de constituição da *verboiconicidade*; (ii) a *Macrodimensão retórico-discursiva*, que envolve *dados técnicos* e a *dimensão de organização discursiva e de efeitos*; e, por fim, (iii) os *dados paraimagéticos e paratextuais*, que abrangem elementos exteriores ao gênero discursivo em questão, que se fazem pertinentes à análise (MENDES, 2013).

Na *Macrodimensão-situacional*, Mendes (2013), partindo da perspectiva charaudeana, considera a relevância de levar em conta os sujeitos, os gêneros do discurso, o *efeito factual* ou *ficcional* de um gênero e *o caso da mentira*, e os *efeitos de real, de ficção e de gênero*, ressaltando que esses aspectos podem coexistir. Interessa-nos, principalmente, o *efeito factual* e os *efeitos de real* que se referem ao mundo vivido e experienciado, tendo em vista que analisamos um discurso autobiográfico no qual, supostamente, o sujeito relata experiências vivenciadas no domínio do “real”.

Já na *Macrodimensão retórico-discursiva* são apontados (i) *elementos técnicos*, tais como *planos e ângulos de visão* e o *ponto de vista da imagem*; e (ii) uma *dimensão de organização discursiva e de efeitos* (MENDES, 2013) que se desmembra nos *modos de organização do discurso*, adaptados de Charaudeau (2008); nos *imaginários sociodiscursivos*; nos efeitos de *ethos* (etéticos) e de *pathos* (patêmicos) (MENDES, 2013).

No âmbito dos *modos de organização discursivos*, Charaudeau (2008) concebe o *modo de organização enunciativo*, no interior do qual são elencados os comportamentos *alocutivos* e *elocutivos*. Segundo Mendes (2013), o *alocutivo* perpassa o engajamento do interlocutor no discurso, pois, para ela, “na imagem podemos verificar esse fenômeno quando temos personagens que nos olham diretamente e nos colocam na cena, de forma quase interativa” (MENDES, 2013, p. 143). Já no *elocutivo*, há um sujeito que se responsabiliza pelo seu dizer.

No *modo de organização do discurso descritivo*, Charaudeau (2008) destaca o procedimento de *nomear* que, segundo ele, concerne em “dar existência a um ser”. Em relação ao *modo de organização narrativo*, Mendes (2013, p. 145) afirma que “nem toda imagem fixa pode ter essa característica de narratividade”, exceto em alguns casos específicos, como em sequências de imagens, por exemplo.

No que se refere ao *modo de organização do discurso argumentativo*, Mendes (2013) esclarece que não há nas imagens marcas explícitas de persuasão. No entanto, ela afirma que a imagem pode ter um papel *de prova, de contra argumento, dentre outras possibilidades*. Pensamos como a analista do discurso (2013, p. 146) que “argumentar é buscar recursos para se chegar à persuasão”. Além disso, consideramos que há uma *dimensão argumentativa* no texto ora analisado, pois, segundo Amossy (2011), há alguns gêneros, como o autobiográfico, que não apresentam marcas explícitas de argumentação, mas que podem constituir estratégias de persuasão.

Em relação aos *imaginários sociodiscursivos* (CHARAUDEAU, 2017), Mendes (2013) postula que eles se configurem como *verboicônicos*,

já que, as imagens, sejam elas fixas ou cinéticas, podem também manifestar indícios de como uma dada sociedade cria representações sobre várias questões. É possível mesmo afirmar que, em alguns casos, esses imaginários não são verbalizados, mas somente expressos através de imagens. (MENDES, 2013, p. 147)

Para Mendes (2013), da mesma forma que os imaginários, o *ethos* é *verboicônico*. Ela acrescenta que há de se considerar que o conceito de *ethos* advém da tradição oral e retórica e que isso justifica a importância de se pensar o corpo, os gestos, a roupa, dentre outros elementos multimodais.

Sobre os *dados paraimagéticos e paratextuais*, Mendes (2013) elucida que a imagem não oferece categorias semânticas e sintáticas tão marcadas quanto o texto; ela ressalta a importância em se estabelecer diálogos e relações interimagéticas ou intericônicas da mesma forma como se aborda as relações intertextuais.

Mendes (2013) conclui, afirmando que as imagens se posicionam numa relação dialógica que permite recuperar e perceber seus sentidos. A referência à perspectiva bakhtiniana contempla as possibilidades de interfaces entre os pressupostos teóricos-metodológicos formulados pela pesquisadora com aqueles que mobilizamos nesse trabalho (AUTHIER-REVUZ, 1990; CHARAUDEAU, 2008; AMOSSY, 2011, 2018; dentre outros). Além disso, considerando a imagem como enunciação, Mendes (2013) a situa na ordem do irrepitível, ou seja, de um aqui e agora de significações experienciadas por e para um sujeito.

3.2.1 O rosto em foco

O rosto carrega uma série de simbolizações, expressa a individualidade humana e se constitui como objeto de interação social, expressão e trocas interpessoais. Por isso, desde a antiguidade, foi objeto de investigação de ciências diversas. A face, enquanto figuração, exterioriza as percepções dos sujeitos sobre si e sobre outrem. É o centro das sensibilidades, dos rituais sociais, das formas de manifestação do político e das identidades. Michel Foucault (1987) afirma que o desenvolvimento do estado acarretou novas formas de disciplina, de poder e controle sobre o corpo, os gestos e os comportamentos. Nesse sentido, pressupomos que o rosto negro de Lázaro Ramos notabilize concepções sobre raça e a respeito de formas de exclusão do negro nas relações sociais.

Segundo Jean-Jacques Courtine e Claudine Haroche (1988), até mesmo sem emitir sons e palavras o rosto pode “dizer” através do olhar, da expressão e das formas, bem como estabelecer-se como um instrumento indispensável às trocas interpessoais. O rosto é considerado “ao mesmo tempo objeto assinalado e discurso proferido”

(COURTINE; HAROCHE, 1988, p. 33) e constitui-se como lugar expressivo de uma voz íntima.

Os autores (1998) destacam que o rosto “fala” e que se esboça “um vínculo que se torna depois mais nitidamente marcado entre o sujeito, a linguagem e o rosto: um vínculo crucial quanto à elucidação da personalidade moderna.” (COURTINE; HAROCHE, 1988, p. 8). Para eles, o rosto também pode ser considerado como metonímia e metáfora da alma: metonímia por ser tida como “parte” da alma e metáfora por aglutinar a mesma e por se constituir como o conjunto de uma linguagem de figuras. Nesse âmbito, ainda segundo os autores, o olho é abordado por perspectivas mais naturalistas como o órgão que escapa à anatomia dos traços e manifesta a expressão. Por isso, a recorrência de metáforas do olhar, tais como “janelas da alma”, “encontro das graças”, dentre outras.

Ainda nessa abordagem mais simbólica, os autores (1988) citam a fisiognomonia que se trata de uma ciência que remonta à antiguidade e que passou por movimentos de ascensão e decadência ao longo da história. Os trabalhos que se baseavam nesses pressupostos associavam aspectos morais, psicológicos, sociais, culturais e étnicos a traços estáveis do rosto, como o formato e a traços moventes, como os movimentos da sobancelha e da boca.

No século XVII, o rosto passa a ser visto como a expressão física das paixões e encontra em *Le Brum* (1668 apud HAROCHE; COURTINE, 1988) um afastamento das comparações entre formas humanas e animais comuns no século anterior (ver anexo A). Já no século XVIII, a fisiognomonia estende-se às ordens de espécie, raça, nacionalidade e idade. Para além dos estudos realizados nos séculos anteriores, surgiram analogias entre a cabeça do negro e do macaco (CAMPER, 1791 apud HAROCHE; COURTINE, 1988) alicerçadas nessas observações. Nesse âmbito, os pelos do corpo negro eram considerados semelhantes aos dos primatas, assim como os olhos arredondados, os lábios espessos e salientes, o nariz achatado, dentre outros traços. No entanto, as tentativas de aproximação das espécies foram contraditas por estudiosos como Buffon (1834, apud HAROCHE; COURTINE, 1988) que afirmava, já no século XIX, que o negro não pode ser considerado um elemento híbrido entre o homem e o animal ou uma forma que se situa no entremeio entre o homem branco e o orangotango, por suas características cognitivas.

Tais afirmações que tentavam aproximar os negros dos animais, caracterizando-os como intelectualmente inferiores, podem ter contribuído para a construção de imaginários depreciativos que, até os dias atuais, legitimam piadas racistas e discursos pejorativos voltados contra a população negra.

Segundo Courtine e Haroche (1988), a partir do século XIX o surgimento da sociedade de massa fez com que a identidade do indivíduo se apagasse e que os rostos se tornassem tipificados. O rosto explicitaria, então, uma moralidade. Ainda segundo os autores (1988), a fotografia modificou as percepções do rosto por fixar a instantaneidade da expressão e demonstrar que a figuração pode se separar de seu contexto sagrado: o corpo. Courtine e Haroche (1988) concluem que as lutas políticas e sociais se dão, sobretudo, por conflitos desencadeados pelas aparências.

Para além das formulações teóricas apontadas por Courtine e Haroche (1988), consideramos relevante assinalar abordagens sobre o rosto construídas em outras áreas de estudo. Pedro Guimarães (2016), no domínio das artes, chama atenção para a percepção do rosto como elemento identificador de um conjunto de indivíduos e destaca a teoria do rosto genérico. Nessa concepção, o rosto não é tomado como individualizado, mas sim como algo que pode ser representativo de uma classe social ou de um grupo político.

Deleuze e Guatarri (1996), na esfera filosófica, desenvolvem uma reflexão sobre o rosto e tratam do que denominam *rostilidade* (DELEUZE; GUATARRI, 1996) como uma produção social, que surge a partir de dois eixos semióticos: o da significação e o da subjetividade. O primeiro, grosso modo, pode ser entendido como um contexto no qual o rosto irá produzir significados, um *muro branco*. O segundo compreende a consciência e as paixões humanas que os filósofos denominam de *buraco negro*. Os autores (1996) estabelecem, ainda, algumas metáforas para tentar dar conta do que é um rosto: rosto é mapa, superfície, paisagem, um porta voz, dentre outras.

Já a psicanálise chama atenção para o fato de rosto ser um objeto que, de modo geral, só pode ser apreendido pelo olhar do outro, pela alteridade. Por este viés, o rosto é tido como construção imaginária do indivíduo. No domínio da psicologia, ao analisar o ideal de brancura que perpassa a representação imaginária do negro, Nogueira (1998, p. 93-94) conclui que “o que o olhar do outro lhe mostra, é o que, no seu desejo, o sujeito negro recusa: o fato de que ele é a encarnação do significado *negro*, na medida em que traz no corpo o significante negro”.

Nos estudos culturais, Stuart Hall (2003, p. 2) afirma que a “raça é um significante, e [...] o comportamento e a diferença racializados devem ser entendidos como fator discursivo”. Para o autor (2003), representar é, pois, produzir significado por meio da linguagem. De acordo com as proposições do teórico, ao colocar o corpo/rosto negro em cena, esse significante pode fazer com que seu suporte se torne uma *tela de representação* (HALL, 2001). Esta, por sua vez, captará valores e sentidos relacionados à negritude, à africanidade e à cultura negra que permeiam a sociedade através de movimentos de rememoração e identificação.

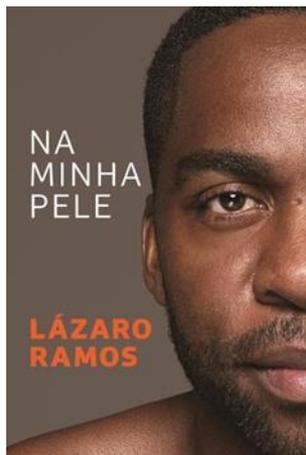
Diante do exposto e partindo de um material constituído a partir de uma projeção de si, depreendemos que o rosto é simbólico e pode ser tomado como instrumento de identificação, interação e trocas interpessoais. A face pode constituir e evidenciar a percepção do sujeito sobre si e sobre o outro. Para mais, tomado como produção discursiva, o rosto possa funcionar como elemento comunicativo, comportando aspectos situacionais e persuasivos. Postulamos, ainda, que, enquanto signo, ele é capaz de apontar questões identitárias, ideológicas e de poder, visto que o rosto traz em si marcas aparentes, como cor da pele e formato, que possibilitam associar o indivíduo a determinado grupo sob o qual são feitas deliberações arbitrárias, tal qual como ocorreu com povos negros em regimes escravocratas.

3.3 UM OLHAR MULTIMODAL SOBRE A CAPA DE *NA MINHA PELE*

Nesta seção, analisaremos a capa do livro *Na minha pele*, atrelando a dimensão verbal à imagética, conforme propõe Mendes (2013). Abordaremos aspectos formais da capa, baseados em Carvalho (2008) e, em seguida, examinaremos a imagem da figura do autor nela estampada e duas postagens do *Instagram* sobre o livro, fundamentando-nos, sobretudo, nos pressupostos acerca da *verboiconicidade* (MENDES, 2013). Ao longo desse percurso, articularemos conceitos da Teoria Semiológica (CHARAUDEAU, 2008) e dos estudos do rosto realizados por Courtine e Haroche (1988), bem como outros autores que se fizerem pertinentes.

A capa do livro *Na minha pele* foi criada por Alceu Chiesorin Nunes e a foto de Lázaro Ramos é de autoria de Bob Wolfenson, renomado fotógrafo brasileiro. Conforme já mencionado, a parte frontal traz o título *Na minha pele*, o nome do autor *Lázaro Ramos* e uma fotografia bem aproximada da metade do rosto do ator.

Figura 1: Foto da capa do livro *Na minha pele* (RAMOS, 2017).



Fonte: Banco de imagens do *Google*²⁰.

A lombada e a contracapa têm um fundo alaranjado fluorescente, no mesmo tom da cor do nome do autor, escrito na capa. A lombada repete o título do livro e o nome de Lázaro Ramos, bem como o logotipo da editora, cumprindo um papel informativo (CARVALHO, 2008). Já a contracapa traz uma síntese da obra ([E1]), seguida de três citações sobre o livro ([E2], [E3] e [E4]):

[E1] *Compartilhando experiências pessoais e pontos de vista, o ator, diretor e escritor Lázaro Ramos convida o leitor a vestir outra pele, num relato franco e comovente sobre tomada de consciência, respeito às diferenças e, sobretudo, afeto.* (RAMOS, 2017, contracapa, grifo nosso)

[E2] “²¹O livro de Lázaro Ramos é uma prova de sensibilidade, um sinal de coragem, uma fresta de esperança, uma aposta no futuro. Ler esse livro significa estar na pele do outro, na sua pele; na nossa também.” Líliã Schwarcz, antropóloga e historiadora (RAMOS, 2017, contracapa)

[E3] “Na minha pele tem a função de despertar em cada um de nós a vontade e a possibilidade de contar nossas próprias histórias de vários pontos de vista.” Zebrinha, dançarino e coreógrafo (RAMOS, 2017, contracapa)

[E4] “Na minha pele é um livro imenso, escrito por uma alma imensa, que nos oferece sua intimidade com coragem, generosidade e com humor.” Wagner Moura, ator (RAMOS, 2017, contracapa)

²⁰Pesquisa por meio do endereço eletrônico

<https://www.google.com/search?q=capa+livro+na+minha+pele&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0:ahUKEwjJy6bGq_DfAhVEEZAKHQf_AgwQ_AUIDigB&biw=1366&bih=657#imgrc=QFYn-IG_JfLC4M:>, com acesso em 15 jan. 2019.

²¹Transcrevemos as citações com aspas, tal qual no original.

O excerto 1 ([E1]), escrito pelo capista, enfatiza o convite à experiência de alteridade proposta pela obra, relacionado à questão racial. A primeira citação ([E2]) é atribuída à historiadora e antropóloga *Lilia Schwarcz*²², que pesquisa e publica sobre temas raciais. Seu livro *O espetáculo das raças* (SCHWARCZ, 1993) é bastante conhecido e trata das relações raciais no século XIX. A segunda citação ([E3]) expõe a voz²³ do coreógrafo e dançarino *Zebrinha*, negro, baiano e reconhecido no meio artístico. Já a terceira ([E4]) é a opinião de Wagner Moura, renomado ator brasileiro e amigo de Ramos. Tais citações podem agregar valor mercadológico e conferir credibilidade à obra, uma vez que trazem a voz de sujeitos prestigiados e reconhecidos no cenário nacional, seja no âmbito artístico, político e/ou institucional.

Assim, a capa em questão - como grande parte das capas de livros - ao incorporar constructos imagéticos e verbais, constitui-se como um texto multimodal (DIONÍSIO, 2007). As postagens do *Instagram* sobre o livro, da mesma maneira, pelo próprio formato de produção de conteúdo da rede, trazem também uma imagem seguida de um texto em tamanhos variados e se configuram como multimodais.

Conforme proposto por Mendes (2013), para analisar a *verboiconicidade*, ou seja, as dimensões verbal e imagética do objeto, é preciso averiguar alguns aspectos das ordens da *Macrodimensão-situacional*, da *Macrodimensão retórico-discursiva* e dos dados *paraimagéticos e paratextuais*. No domínio da *Macrodimensão-situacional*, temos os sujeitos: na instância de produção, situa-se Lázaro Ramos, *Sujeito-comunicante (EUc)*, autor (CHARAUDEUAU, 2008), que ao tomar a palavra projeta um *Enunciador (EUe)*, *narrador*; esse *Enunciador*, por sua vez, convoca um *Sujeito-interpretante (TUi)*, ser no mundo, que no circuito interno do ato de linguagem assume a posição de *destinatário (TUd)*, na instância de recepção. Podemos inferir que o *TUd*, enquanto interlocutor/leitor ideal, é um sujeito negro que não reflete sobre as questões raciais ou um branco, com o qual o enunciador pretende dialogar, relatando suas experiências e abordando as questões raciais. As expectativas quanto a imagem do *TUd* são evidenciadas logo nas primeiras páginas do livro:

[E5] *A linha que costura esse livro é a minha formação de identidade e consciência sobre o tema, mas que, no fundo, é um artifício para falar de todos nós.* (RAMOS, 2017, p. 14, grifo nosso)

²²Em 2017, Liliam Schwarcz publicou a biografia de Lima Barreto, pela Companhia das Letras e, junto à Lázaro Ramos realizou uma performance sobre a obra na abertura da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), no mesmo ano.

²³Tomamos o conceito de *voz*, na perspectiva de Bakhtin (2002, 2010), conforme especificado no capítulo 4.

O emprego do termo “*todos nós*”, utilizado quando o narrador fala sobre a concepção do livro em [E5], comprova a proposta de alteridade que perpassa toda a obra e evidencia o fato de o livro trazer a voz de um sujeito negro, que traz na pele a marca da raça. A questão de pensar o lugar do outro também é expressa no texto do capista inserido na contracapa por meio do emprego da expressão “*vestir outra pele*” ([E1]).

Assim como na contracapa, no prólogo, em alguns trechos do livro e no título escrito na capa a palavra “*pele*” foi empregada fora de seu uso semântico corrente, pois, de acordo com o dicionário *Michaelis*²⁴, a palavra *pele* denota o órgão que forma o revestimento do corpo humano e de outros animais vertebrados. No excerto a seguir, proveniente do prólogo, o narrador, novamente, se refere ao *TUd* projetado e emprega a expressão “*pele*”:

[E6] *Quem é você? Provavelmente nunca saberei, mas o importante é que o milagre aconteceu e agora estamos juntos, vestindo a mesma pele, esta pele que viaja conosco e nos antecede.* (RAMOS, 2017, p. 13-14, grifo nosso)

Tanto no título, “*Na minha pele*”, quanto nas expressões “*vestindo a mesma pele*” e “*esta pele que viaja conosco e nos antecede*” ([E6]) há o emprego metonímico da palavra “*pele*”. O termo “*pele*”, nesses casos, remonta ao corpo, à identidade e à ancestralidade do negro. A expressão *Na minha pele* é comumente empregada na linguagem coloquial, conotando sentidos que sugerem e reforçam experiências subjetivas. A palavra “*pele*” também está presente em diversas expressões de uso popular como “*sentir na pele*”, “*salvar minha pele*”, “*à flor da pele*”, “*questão de pele*”, dentre outras que, de modo geral, remetem ao sujeito que diz e reafirmam o amplo uso metafórico do termo. Tal aspecto relaciona-se à proposta inicial do livro e do próprio gênero autobiográfico que consiste em trazer à tona relatos, memórias e experiências de vida do ponto de vista do sujeito que conta.

A questão do gênero também é apontada por Mendes (2013) como um dos tópicos a serem considerados na *Macrodimensão situacional*. Charaudeau (2008) propõe que os gêneros são situacionais e podem compartilhar determinadas características. Nesse sentido, trabalhamos com um texto autobiográfico que evidencia uma tendência persuasiva ao propor que o leitor redirecione seu olhar e perceba alguns temas voltados à questão racial por um outro prisma, por meio da voz de um sujeito que destoa da narrativa dominante branca.

²⁴Consulta ao endereço eletrônico <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pele/>>, acessado em 03 dez. 2018.

Em relação aos efeitos *factual* e *ficcional* (Mendes, 2013), depreendemos que o gênero autobiográfico, a princípio, sugere a exposição de experiências “reais” e, portanto, *factuais*²⁵. Por esse viés, podemos dizer que a escrita de si visa *efeitos do real* (CHARAUDEAU, 2008; MENDES, 2013), tendo em vista que, por definição, ela volta-se a um mundo vivido e experienciado.

No que se refere à *Macrodimensão retórico-discursiva*, Mendes (2013) ressalta que, num primeiro momento, existem dados materiais da imagem que podem ser lidos junto à parte verbal. É importante destacar que, assim como a pesquisadora (2013), partimos da hipótese de que a imagem possui uma finalidade de persuasão. Dentre esses *dados técnicos* (MENDES, 2013), podemos evidenciar aspectos composicionais e geométricos, já que a fotografia do autobiografado apresenta apenas a metade de seu rosto e uma pequena parte do ombro. Se traçássemos uma linha vertical imaginária, a imagem ocuparia todo o lado direito da capa. De antemão, tal fotografia pode gerar estranhamentos e certa curiosidade por não ter exposto todo o rosto do ator.

Em relação aos planos e ângulos elencados por Vergueiro (2012), a imagem do rosto de Lázaro Ramos enquadra-se no *primeiro plano*, pois se limita à altura dos ombros e destaca a expressão da figura representada e, porventura, seu estado emocional (VERGUEIRO, 2012). Apesar de focar na expressividade e na pele do ator, a fotografia não sugere um estado emocional. Ramos não sorri, nem exprime tristeza ou algo parecido, aparentando apenas seriedade e serenidade. Em relação ao ângulo, trata-se de um *ângulo de visão médio* (VERGUEIRO, 2012) e a cena é observada como se o sujeito estivesse na altura dos olhos do leitor, o que pode suscitar proximidade.

Ainda, dentre os elementos da *Macrodimensão retórico-discursiva* (MENDES, 2013), analisamos a *dimensão de organização discursiva e de efeitos*, na qual estão contidos os *modos de organização do discurso*, os *imaginários sociodiscursivos* e os *efeitos etéticos* e *patêmicos* (MENDES, 2013). No âmbito do *modo de organização do discurso enunciativo*, há o modo *alocutivo* no qual há um engajamento do interlocutor no discurso. Para Mendes (2013), na imagem esse fenômeno pode ser observado quando há personagens que nos olham diretamente e nos colocam em cena. Portanto, há um comportamento alocutivo na fotografia de Lázaro Ramos que dirige o seu olhar diretamente para o leitor. Esse olhar compõe um enunciado que consiste num apelo ao interlocutor para complementar a imagem e se colocar no lugar do enunciador, na sua

²⁵Sabemos que algumas teorias evidenciam um distanciamento entre os fatos vividos e rememorados, mas este não constitui um problema para essa pesquisa.

pele negra e, por conseguinte, nas suas memórias e experiências, nas quais está imbricada a sua negritude (MUNANGA, 2015).

Já na *elocução* (CHARAUDEAU, 2008; MENDES, 2013), há um sujeito que assume o seu dito. Dessa maneira, a associação entre a imagem da fotografia do autor e o seu nome escrito na capa sugere a responsabilidade do mesmo pelo discurso que a capa envolve. Do mesmo modo, esses elementos - nome e retrato - nomeiam o autor e podem constituir efeitos de sentido de identificação e parcialidade, no domínio do *modo de organização do discurso descritivo* (CHARAUDEAU, 2008).

Na esfera do *modo de organização do discurso argumentativo* aplicado à imagem, conforme proposto por Mendes (2013), podemos dizer que a fotografia da metade do rosto do narrador, bastante aproximada, destacando a sua pele negra e, inclusive, os seus poros, cumpre um papel de *prova* (MENDES, 2013) do dito. O leitor está diante de um texto que se situa no gênero das escritas de si, neste caso, atravessadas, ainda, pela questão racial; a imagem concede autoridade ao sujeito que diz, pois expõe seus traços negros e indica que ele disserta a partir de seu lugar de fala.

Quanto aos *imaginários sociodiscursivos* (CHARAUDEAU, 2017), Mendes (2013) postula que eles são *verboicônicos* na medida que as imagens podem também indicar como uma dada sociedade instaura certas representações. Desse modo, a imagem de um negro pode trazer à tona imaginários relativos a esse grupo que remetem a questões como subalternidade, exclusão, preconceito, discriminação, servidão e violência física e simbólica, por exemplo.

Nesse sentido, a ideia do rosto negro como *rosto genérico*, citada por Guimarães (2016), faz com que a individualidade do negro seja desconsiderada e ele passe, então, a ser visto como um todo, ou seja, como um sujeito que não dispõe de características que o particularizam. Sob essa perspectiva, devido ao conjunto de saberes depreciativos voltados aos negros que circulam no imaginário social brasileiro, em geral, eles são vinculados às classes menos favorecidas economicamente e aos grupos criminalizados, como traficantes e assaltantes. Por outro lado, casos como o de Lázaro Ramos, nos quais um negro ascende econômica e socialmente, reforçam o quadro de exceção e/ou o discurso meritocrático.

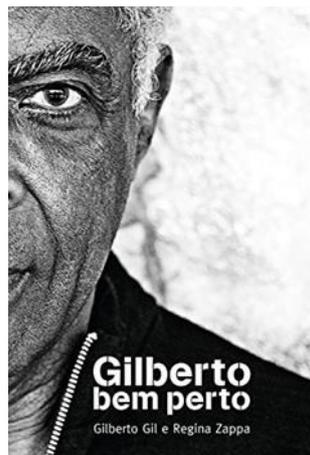
Os *dados paraimagéticos e paratextuais* (MENDES, 2013) são aqueles que, partindo de um princípio dialógico, estabelecem relações interimagéticas e *intericônicas*²⁶ com a imagem analisada. Traçamos algumas correspondências entre o livro *Na minha pele* e a obra de contos de Chimamanda Adichie, *No seu pescoço* (ver anexo B), publicada em inglês, em 2009 e traduzida para o português no mesmo ano de lançamento da autobiografia do ator baiano: 2017.

Podemos estabelecer algumas aproximações relativas à capa e ao conteúdo das duas materialidades. O livro da ficcionista e militante nigeriana aborda questões de raça e de gênero, assim como a autobiografia de que tratamos. Os dois títulos, *Na minha pele* e *No meu pescoço*, são compostos por três palavras, sendo as primeiras, preposições (*no, na*) que remetem a um lugar; as segundas, pronomes possessivos (*seu, minha*) que mencionam a quem ou para quem se fala; e as terceiras, substantivos que aludem a segmentos do corpo (*pescoço, pele*). Nas duas obras, as partes, “*pescoço*” e “*pele*”, remetem ao todo: o corpo negro. Além disso, a proposta de alteridade e empatia perpassa os dois textos, partindo do individual para o coletivo, já que cada um dos autores traz relatos de vida individuais para discutir temas universais como opressão, racismo e machismo.

Outras obras escritas por negros também propuseram capas que enfatizaram rostos, tais como *A Autobiografia de Martin Luther King* (CARSON, 2014) (ver anexo C) o livro da autora e ativista Bell Hooks *O feminismo é para todo mundo* (2018) (ver anexo C) bem como a biografia do cantor Gilberto Gil, *Gilberto bem perto* (GIL; ZAPPA, 2013). Estas duas últimas trazem, inclusive, a ideia da fotografia da metade do rosto. Vejamos a capa do livro de Gil e Zappa (2013).

²⁶Mendes (2003) se apropria do termo *intericonicidade*, desenvolvido por Jean-Jacques Courtine (2011), na obra *Déchiffrer le corps: penser avec Foucault*.

Figura 2: Capa da biografia de Gilberto Gil *Gilberto bem perto* (2013).



Fonte: Banco de imagens do *Google*²⁷.

A capa de *Gilberto bem perto* (2013) traz a metade do rosto do cantor também bastante aproximada; o ex-ministro da cultura (2003-2008), assim como o narrador de *Na minha pele*, exerce uma militância política por meio de sua arte e foi perseguido e exilado durante a ditadura militar no Brasil. Na capa da autobiografia, as vestes estão aparentes, o que a difere da fotografia de Lázaro Ramos que aparenta retratar um corpo despido. A nudez evidente do narrador de *Na minha pele* pode indicar que o texto pretende ser bastante real e sincero; o destaque dado à pele também sugere que o ator tocará na questão racial. Talvez Ramos, ao contar sua vida, esteja despindo-se já que resistiu à ideia de se expor.

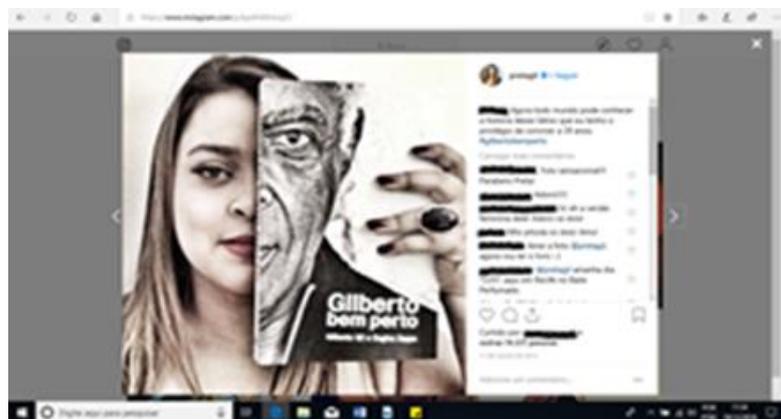
No livro de Lázaro Ramos, grande parte das memórias relatadas são atravessadas pelo tema do racismo. Já na biografia de Gil, escrita em terceira pessoa em parceria com a jornalista Regia Zappa, o foco é dado, principalmente, a sua trajetória profissional sem se ater, explicitamente, a questões políticas e/ou raciais. Entretanto, consideramos que a própria concepção de um livro que aborda a vida de um negro que ascendeu socialmente e alcançou sucesso na sua área de atuação já constitua um ato político.

No período do lançamento da biografia de Gilberto Gil, sua filha, Preta Gil, postou uma foto também na rede social *Instagram* com uma ideia similar a das postagens feitas a partir de dois mil e dezessete com a autobiografia de Lázaro Ramos. A cantora publicou a foto da metade do rosto do cantor sobre a sua com a seguinte legenda: “*agora*

²⁷Pesquisa por meio do endereço eletrônico
<https://www.google.com.br/search?q=capa+biografia+gilberto+gil&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi6uYCF-avfAhUEx5AKHc3RC0cQ_AUIDygC&biw=1366&bih=651#imgrc=okQ75mIJ8C4BxM:>, com acesso em 19 dez. 2018.

todo mundo pode conhecer a história desse Gênio que eu tenho o privilégio de conviver a 39 anos. #gilbertobemperto” (Reprodução/Instagram²⁸).

Figura 3: *Printscreen* da postagem de Preta Gil com a *hashtag* #gilbertobemperto.



Fonte: Instagram²⁹

Buscando pela *hashtag* inserida por ela no texto que acompanha a imagem - #gilbertobemperto - encontramos, ainda, no *Instagram*, mais duas postagens de leitores com imagens similares a da fotografia publicada por Preta Gil (ver anexo D). Tais publicações, parecidas com as que os internautas compuseram com a foto de capa do livro de Ramos, indicam a possibilidade da construção de diálogos entre livros e leitores, no mundo “real” e no virtual. Temos que considerar, ainda, que no ano da primeira edição de *Na minha pele*, dois mil e dezessete, havia um número muito maior de usuários de rede social em comparação a 2013, ano em que foi publicada a biografia de Gil. A quantidade de pessoas que utilizam as redes tem crescido em média 8% ao ano, saltando de cerca de 70 milhões de pessoas em 2014, para 100 milhões em 2018³⁰. Além da diferença de conteúdo, esses números podem justificar a grande discrepância entre a quantidade de publicações sobre uma obra e outra.

Retomando a capa da narrativa de Lázaro Ramos, consideramos, conforme Carvalho (2008), que as capas assumem a identidade da história. Portanto, a metáfora trazida pelo título “*Na minha pele*” e a fotografia do rosto do autor compõem um enunciado que chama atenção não só para as memórias do narrador, mas que também evidencia a pele e o corpo negro, convidando o leitor a fazer interlocuções e

²⁸Pesquisa por meio do endereço eletrônico <<https://www.instagram.com/p/bpdVWEmog7/>>, com acesso em 19 dez. 2018.

²⁹Pesquisa por meio do endereço eletrônico <<https://www.instagram.com/explore/tags/gilbertobemperto/?hl=pt-br>>, com acesso em 19 dez. 2018.

³⁰Informação obtida por meio do endereço eletrônico <<https://canaltech.com.br/redes-sociais/brasil-e-o-pais-que-mais-usa-redes-sociais-na-america-latina-70313/>>, com acesso em 07 jan. 2018.

convergências com a obra. Já o trabalho gráfico explora esse caráter metafórico na medida em que a capa pode ser objeto de reflexão sobre o livro em si e sobre a atividade de leitura.

A capa da obra *Na minha pele* é capaz de expressar também significações relacionadas à negritude, já que as fotografias podem constituir meios de representação bem próximos do real se comparadas à ilustração (CARVALHO, 2008). Segundo Courtine e Haroche (1988), o rosto fala e marca um vínculo entre o sujeito, a linguagem e o rosto. Sendo assim, a imagem que destaca os traços fenotípicos de Lázaro Ramos demonstra uma percepção do mesmo sobre si, evidenciando sua identidade negra, marcada, sobretudo, pelo signo pele.

Percebemos, nas últimas décadas, um crescente nos movimentos de afirmação da cultura e da estética afrodescendente. Corroboramos com Munanga (2015) para quem o processo de busca pela identidade negra passa por uma aceitação dos atributos físicos até atingir os atributos culturais. Todavia, ao mesmo tempo que esse fenômeno pode contribuir com a valorização e autoestima do negro, é possível que novos padrões e estereótipos estejam sendo criados e/ou reforçados. Nesse sentido, a mulher negra que optar por alisar os cabelos ou o negro que não tenha afinidade com os ritmos do *funk* e do *rap*, por exemplo, podem ser/se sentir deslocados dentro do grupo.

O rosto na perspectiva discursiva constitui-se como materialidade por meio do ponto de vista produzido pela linguagem expressiva. Tal olhar não concerne exatamente à visão, mas ao gesto interpretativo possibilitado e determinado por uma anterioridade, ou seja, por uma rememoração que direciona os sentidos. Então, se o corpo é discurso (COURTINE; HAROCHE, 1988), o rosto de Lázaro Ramos na capa de sua autobiografia além de discurso é contradiscurso³¹, uma afronta a norma social que coloca o corpo branco como padrão, enquanto desumaniza, discrimina e invisibiliza o corpo negro.

Uma das interpretações possíveis para a imagem em questão é a de que o corpo negro tido, historicamente, como objeto de *poder* e *controle* (FOUCAULT, 1987), deve ocupar outros espaços e o seu lugar de fala. Por meio da linguagem não verbal, a imagem pode sugerir que os corpos negros devem estar nas capas, na publicidade, na literatura, no protagonismo e que suas histórias precisam ser contadas também pelos seus próprios pontos de vista.

³¹Tomamos a noção de contradiscurso próxima da ideia de contranarrativa elaborada por Homi Bhabha (1998) que as define como “narrativas que perturbam a manobra ideológica que totaliza e confere identidade e unidade às comunidades imaginadas” (BHABHA, 1998, p. 211).

Além de escreverem um texto, a maioria dos internautas que publicaram com a hashtag #naminhapele fizeram um autorretrato sobrepondo o próprio rosto com a imagem de capa do livro de Lázaro Ramos, conforme é possível visualizar nas figuras a seguir, colocadas como exemplo do procedimento realizado.

Figura 4: *Printscreen* de postagem 1.



Fonte: *Instagram*³²

Figura 5: *Printscreen* da postagem 2.



Fonte: *Instagram*³³

Pressupomos que, além da proposta da capa, o conteúdo do livro e a forma pela qual o narrador constrói a narrativa formam um todo capaz de afetar os leitores, acionando a temática da raça na capa, por meio do signo pele e do modo como relata suas vivências, entremeando reiteradamente o assunto. Esse tocar e/ou perturbar o *TUd* pode suscitar sentidos voltados à empatia, à identificação, à consciência racial, dentre outros, como

³²Pesquisa por meio do endereço eletrônico
<<https://www.instagram.com/explore/tags/naminhapele/?hl=pt-br>>, com acesso em 17 dez. 2018.

³³*Idem* 34.

aqueles que são evidenciados nos textos das postagens feitas tanto por negros, quanto por brancos na rede social³⁴. A seguir transcrevemos o texto escrito na *postagem 1*, mostrada na *figura 4*:

[P1]³⁵ Durante a leitura do livro *Na Minha Pele* de Lázaro Ramos, fui fazendo pequenas dobras nas páginas que os trechos me remetiam a uma reflexão ou uma situação parecida já vivida. E a primeira delas foi “minha mudança de comportamento passou também a influenciar minha família”, o alisamento já não faz parte da minha vida nem das mulheres da minha família [...] eu cito outro trecho “sempre que uma criança admira características físicas e a personalidade de um personagem, se identificando com ele, ela aprende a gostar um pouco mais de si mesma”, lembrei-me de quando era criança e não existiam bonecas negras com os cabelos iguais ao meu, muito menos paquitas negras e apresentadoras que me fizessem admirar e até me reconhecer naquela espaço. [...] Eu nem ia escrever nada sobre minhas impressões sobre o livro, minhas experiências desagradáveis ou de aprendizado. Mas se o autor, de forma muito competente, diga-se de passagem, nos faz refletir e levanta essa bandeira como uma forma de mudança de comportamento, por que não falar? #naminhapele [...]. (Fonte: Instagram³⁶, grifo nosso)

Na *postagem 1*, [P1] doravante, podemos observar que autora do texto estabeleceu vários diálogos com o livro *Na minha pele*. A *internauta A*³⁷ diz que foi dobrando várias páginas durante a leitura em trechos que a remetiam “a uma reflexão” ou “a uma situação parecida já vivida”. Conforme o depoimento dessa *internauta* que afirma que o texto suscitou algum tipo de reflexão, podemos apontar possíveis sentidos instaurados pela narrativa que vão ao encontro da noção de letramento racial, já que este visa efeitos como “compreensão”, “entendimento” e “deslocamentos” a respeito de temas voltados às questões de raça (SKERRET, 2011 apud FERREIRA, 2015). Ao mencionar que durante a leitura se lembrava de “uma situação parecida já vivida”, a *internauta A* evidencia, ainda, a manifestação de processos de identificação entre as suas experiências e aquelas narradas pelo ator.

Em seguida, a autora da *postagem 1* insere em seu texto a voz do narrador, transcrevendo um trecho do livro entre aspas: “*minha mudança de comportamento passou também a influenciar minha família*”³⁸ e, logo em seguida, afirma que o

³⁴É importante esclarecer que não tomamos o que é dito nas publicações como aquilo que realmente é sentido pelos interlocutores do sujeito narrador. Até mesmo, porque esses efeitos não poderiam ser medidos no âmbito do nosso arcabouço teórico. Porém, consideramos que essas postagens devem ser evidenciadas por trazerem à tona efeitos que podem corroborar para a investigação que constitui nossa pesquisa. Além disso, apesar de as postagens trazerem as imagens de pessoas negras e brancas, não podemos afirmar que esses (as) sejam, realmente, os autores das postagens, já que são perfis de rede social.

³⁵Diferenciamos a identificação dos excertos referentes às postagens, daqueles retirados do livro, com a letra “P”.

³⁶*Idem* 34.

³⁷Suprimimos o nome dos autores das postagens para preservar suas identidades.

³⁸Colocamos aspas duplas para marcar que o trecho foi retirado do excerto e aspas únicas, para demonstrar que o autor(a) do texto também empregou as aspas na versão original.

alisamento já não faz mais parte da sua vida nem das mulheres da sua família. Sobre esse aspecto, notamos que esse dizer da *internauta A* evidencia um fenômeno que tem ocorrido nas últimas décadas: um movimento crescente de afirmação da afro descendência por meio da estética. A rejeição à utilização de alisantes nos cabelos cacheados e crespos femininos, deixando-os naturais, é um exemplo desse processo de empoderamento³⁹ tratado pelo narrador no capítulo “*Empoderamento e afeto*”.

Posteriormente, a *internauta A* cita outro trecho do livro, também entre aspas: “*sempre que uma criança admira características físicas e a personalidade de um personagem, se identificando com ele, ela aprende a gostar um pouco mais de si mesma*”. Logo depois, explicita que, ao ler esse trecho, se lembrou de quando era criança e não se identificava com os brinquedos e com os personagens das produções para o público infantil na televisão. Dessa maneira, a usuária da rede demonstra, novamente, a identificação com as proposições do narrador sobre o modo como o negro é invisibilizado na sociedade brasileira. Em seguida, a mulher negra emprega os termos “*aprendizado*” e “*refletir*” para se referir a efeitos suscitados pela leitura. Tais noções coadunam-se com a nossa hipótese acerca do potencial de agenciamento do livro para o letramento racial, conforme definido por Skerret (2011 apud FERREIRA, 2015). Além disso, cabe ressaltar que, de acordo com Authier-Revuz (1990), os textos escritos entre aspas configuram formas de *heterogeneidade mostrada*⁴⁰ e inserem o outro no discurso.

Vejamos trechos do texto da *postagem 2*, exposta na *figura 5*:

[P2] [...] *Com uma bate-papo descontraído e reflexivo, Lázaro trouxe questões que eu sequer tinha imaginado. [...] Me senti acolhida nessa leitura. E mais que acolhida, me senti na sua pele. Várias vezes me peguei pensando em como cada reflexão é real, cada coisa do dia a dia que acontece e eu não percebia, mas para quem está na pele é muito diferente. Essa aí na foto sou eu e eu me senti a sua pele. Quando você falou de apelidos, quando você falou de julgamentos de aparências, quando você falou sobre a pressão de se encaixar nos “padrões”, quando você falou sobre sonhos, quando você falou sobre resistência. Em muitas outras linhas. [...] Empoderamento é o que eu sinto agora. Hoje, eu me sinto plural, me sinto igual, me sinto grata. Obrigada @olazaroramos por me fazer sentir na sua pele. [...] #naminhapele [...].* (Fonte: Instagram⁴¹, grifo nosso)

³⁹Em julho de 2017, uma pesquisa realizada pelo *Google BrandLab* mostrou que, pela primeira vez no Brasil, houve maior número de buscas no *Google* por cabelos cacheados em comparação a lisos. Os dados mostraram um crescimento de 232% na busca por cabelos cacheados entre 2016 e 2017 e um crescimento de 309% por cabelos afro.

⁴⁰Jacqueline Authier-Revuz (1990), baseando-se no dialogismo bakhtiniano, traz algumas formulações acerca das *heterogeneidades enunciativas*. A pesquisadora aborda as formas através das quais se altera a unicidade aparente da cadeia enunciativa, inscrevendo outro no discurso, de forma marcada e não-marcada. Retomaremos o conceito no capítulo 4.

⁴¹*Idem* 34.

Primeiramente, cabe destacar que a imagem veiculada com o texto da *postagem 2* ([P2]) indica que a *Internauta B* é uma mulher de traços brancos, inclusive, com olhos claros, que contrastam com a fotografia de Lázaro, colocada sobre seu rosto. A autora da *postagem 2* diz que o livro chamou sua atenção para “*questões que sequer tinha imaginado*” e que também, por meio da leitura, “se pegou” “*pensando como cada questão é real*”, ao se referir a fatos relatados pelo narrador que acontecem no cotidiano dos negros sem que ela percebesse. Novamente, são mencionados movimentos de compreensão sobre o modo como a raça pode influenciar as experiências dos sujeitos e dos grupos, que se aproximam do entendimento de letramento racial, adotado nesse trabalho (SKERRET, 2011 apud FERREIRA, 2015).

A *internauta B* também descreve efeitos de acolhimento desencadeados pela obra, evidenciados pela frase “*me senti acolhida nessa leitura*” e pela repetição da palavra “*acolhida*”. Nesse sentido, mesmo abordando um tema polêmico - o racismo - o discurso ora constituído é capaz de produzir sentidos de aproximação, inserindo o leitor no debate.

Na publicação da *internauta B* há, ainda, três ocorrências da frase “*eu me senti na sua pele*”. Este enunciado traz à tona a proposta de alteridade construída pelo livro, enfatizada, inclusive, no texto da contracapa, conforme mencionado no excerto 1. A *internauta* diz que se colocou no lugar do negro, ao pensar sobre os “*apelidos*”, os “*juízos de aparências*” e “*a pressão de se encaixar nos ‘padrões’*”. Twine e Steinbugler (2006), conforme exposto no capítulo 1, partem da ideia de letramento racial voltando-se para a perspectiva de sujeitos brancos. Para as pesquisadoras (2006), o letramento racial consiste num conjunto de práticas que mobilizem a compreensão sobre o modo como os brancos adquirem consciência e negociam os privilégios da branquitude, bem como tomam ciência da estrutura racista da sociedade. Nesse sentido, a imagem mostrada na *figura 7* institui-se como símbolo desse deslocamento do lugar da *internauta B*, supostamente, na condição de mulher branca, para pensar sobre o lugar do negro e as implicações de sua raça nas relações sociais.

Concluimos, portanto, que o jogo de efeitos de sentidos instaurados pela capa do livro *Na minha pele* e destacados pelas postagens manifesta uma cadeia de significações instituídas pelo signo pele, presente na imagem do rosto do autor, no título e em alguns trechos da obra. A pele negra perpassa as experiências narradas, aludindo à temática racial e evidenciando questões que podem levar o leitor a refletir sobre o seu lugar e o lugar do outro (negro), bem como sobre as implicações de ocupar tais posições. As imagens e

textos analisados nesse tópico expõem o modo como o contato com o outro ou como o olhar para a alteridade podem gerar percepções sobre si e sobre identidades coletivas.

CAPÍTULO 4 - A EXPRESSÃO “ATOR NEGRO”

Visamos, neste capítulo, analisar os excertos mapeados ao longo da narrativa que compõe o livro *Na minha pele* que apresentam a ocorrência do emprego da expressão “ator negro”. Caracterizamos tais excertos, intitulados “primários”, com as seguintes identificações [EA], [EB], [EC], [ED], [EE] e [EF] e incorporamos ao exame desses fragmentos outros trechos do livro que contém o termo “negro” e que de algum modo a eles se relacionem, seja pelos temas, aspectos formais ou efeitos de sentido acionados. Tais excertos foram denominados “secundários”. Consideramos que a rede de enunciados em que a expressão “ator negro” e a palavra “negro” são empregadas projeta seus sentidos, constituindo significações sobre a condição sócio-histórica, econômica, afetiva e, sobretudo, identitária do negro que se relacionam à noção de letramento racial.

Postulamos que o relato de experiências vivenciadas pelo narrador, perpassadas pela questão da raça, pode funcionar como uma forma de agência para o letramento racial, partindo de um posicionamento individual para uma projeção coletiva. Dessa maneira, verificaremos o modo pelo qual a obra apresenta problematizações e conhecimento(s) sobre raça e racismo. Intentaremos explicitar como os sentidos são constituídos a partir de enunciados e das práticas singulares do uso social da língua. Averiguaremos, ainda, como os sentidos constituídos nos excertos examinados possibilitam a resignificação de papéis e lugares sociais, bem como o redimensionamento das identidades sociais de raça.

Conforme já indicado, estamos ancorados nos pressupostos da Teoria Semiolinguística (CHARAUDEAU, 2008), no conceito de letramento racial (SKERRET, 2011 apud FERREIRA, 2015), assim como nas noções de *voz social* (BAKHTIN, 2002, 2010), *heterogeneidade mostrada* (AUTHIER-REVUZ, 1990) e *imaginários sociodiscursivos* (CHARAUDEAU, 2017), dentre outras. Tratamos também das formulações sobre a argumentação numa perspectiva discursiva (AMOSSY, 2011, 2018) e do racismo estrutural (ALMEIDA, 2018). O aporte teórico referente aos fatos linguístico-discursivos identificados nos excertos acompanha à análise para evidenciar como as práticas de uso da língua podem se associar às experiências sociais dos sujeitos e propiciar um letramento racial.

4.1 PROFISSÃO E QUALIFICAÇÃO

Excerto A:

[EA] *Todas as minhas ideias foram rejeitadas e veio a provocação final: - Por que não falar da sua experiência como ator negro? As duas perguntas que mais fazem a um ator negro, além das básicas [...] são: - Sendo um ator negro, o que acha dessa coisa toda de racismo? - Como é fazer um médico, arquiteto, surfista, Roque Santeiro, boêmio da Lapa, padre, gay, ou seja, lá quem for... negro? Quando ouço essa última, sempre me dá vontade de responder algo bem esdrúxulo do tipo: “Não sei, pois nunca fiz um médico, arquiteto, surfista, Roque Santeiro, boêmio da Lapa, padre, gay, ou seja, lá quem for... verde”.* (RAMOS, 2017, p. 10, grifo nosso)

O excerto primário A, [EA] doravante, é proveniente do prólogo e se dá no contexto no qual o narrador discorre sobre o processo de negociação com a editora acerca do tema da sua autobiografia. A “voz” da editora, escrita na forma de discurso direto, traz uma provocação para que o narrador fale da sua vivência como “ator negro” (“- Por que não falar da sua experiência como ator negro?”). A ideia de “voz” perpassa a maioria dos excertos analisados neste estudo, com base no entendimento de voz, conforme postulado por Mikhail Bakhtin (2002, 2010). Para o teórico o discurso é tecido por uma *multiplicidade de vozes* e de *consciências independentes*, provenientes de outras visões de mundo e de espaços sociais diversos (BAKHTIN, 2002). Então, denominamos voz (BAKHTIN, 2002, 2010) os dizeres do narrador, e de outros sujeitos e/ou discursos que se manifestem na materialidade discursiva.

O termo “ator negro” é constituído pelo substantivo “ator” e pelo adjetivo “negro”. A palavra “negro” atua discursivamente como um elemento descritivo que qualifica e diferencia o profissional ator quando este possui características que remetam ao fenótipo de afrodescendentes, como cor da pele escura e cabelo crespo, por exemplo. Charaudeau (2008) enfatiza que o ato de qualificar particulariza os sujeitos e que as qualificações são fruto do imaginário individual e coletivo, constituindo-se no conflito entre *visões normativas* e *visões próprias* (CHARAUDEAU, 2008) do sujeito. Desse modo, a adjetivação voltada para o(s) “ator(es) negro(s)” questionada pelo narrador, ao mesmo tempo, evidencia ideias pré-concebidas e distinções orientadas para esses profissionais no Brasil.

O emprego da expressão “ator negro”, diferenciando esses sujeitos, demonstra a consolidação do imaginário do profissional “ator” como um sujeito branco: aquele que constitui o padrão. O “ator negro” estabelece, então, um deslocamento da *visão normativa* (CHARAUDEAU, 2008). Esse movimento, em determinadas circunstâncias,

pode causar estranhamento(s), como, por exemplo, quando um negro é colocado nas produções televisivas no papel de um protagonista que desempenha a profissão de médico, engenheiro ou empresário bem-sucedido. Cabe ressaltar que no século XIX e início do XX, por exemplo, os negros não atuavam em peças teatrais. Os brancos pintavam-se de negros para representá-los, geralmente, de forma caricata e estereotipada. Essa prática ficou conhecida como *blackface* (GELEDÉS, 2016) e foi amplamente combatida pelo movimento negro. Nos dias atuais, por vezes, algumas personalidades brancas caracterizam-se como negras para compor algum personagem em clipes de músicas ou festas à fantasia, por exemplo. No carnaval do ano de dois mil e dezessete, Daniela Mercury pintou a pele com uma tinta escura e colocou uma peruca com fios crespos (ver anexo E) e, por isso, foi obstinadamente criticada pelos movimentos antirracismo no Brasil.

Em [EA], além da voz da editora, se manifestam também outras vozes na forma de discurso direto: “- Sendo um ator negro, o que acha dessa coisa toda de racismo? - Como é fazer um médico, arquiteto, surfista, Roque Santeiro, boêmio da Lapa, padre, gay, ou seja, lá quem for... negro?”. Essas vozes, que chamamos de vozes do “senso comum”⁴², questionam o lugar do narrador enquanto “ator negro”. Authier-Revuz (1990, p. 25), baseada no dialogismo bakhtiniano, afirma que as aspas, como outras formas linguísticas (itálico, travessão, negrito etc.), constituem formas de *heterogeneidade mostrada* e “inscrevem o outro no discurso”. Num prisma similar, Charaudeau (2008) propõe que as formas delocutivas demonstram como o sujeito “*testemunha* a maneira pela qual os discursos do mundo (provenientes de terceiros) *se impõem a ele*” (CHARAUDEAU, 2008, p. 83, grifo do autor).

Assim, ao inserir esses dizeres marcados com as aspas em [EA], o narrador evidencia como é interpelado pela “voz social” que traz à tona, implicitamente, o imaginário do negro como um sujeito pobre, marginalizado, não-escolarizado e, portanto, não apto a desempenhar profissões “prestigiadas”, como médico e arquiteto. Além disso, também se manifesta a ideia de uma certa obrigatoriedade de todo negro ter que se posicionar sobre a questão racial quando se diz: “- Sendo um ator negro, o que acha dessa coisa toda de racismo?”. Nesse enunciado, primeiramente, se afirma que Lázaro Ramos é um “ator negro” - “Sendo um ator negro” - e, em seguida, ele é questionado sobre qual o seu posicionamento em relação ao racismo - “[...] o que acha dessa coisa toda de

⁴²Chamaremos de “senso comum” os dizeres/saberes sedimentados sobre o negro que são reconhecidos pela sociedade brasileira, de um modo geral.

racismo?”. Na abordagem bakhtiniana, o conceito de *voz social*, no horizonte dialógico e discursivo, aborda a pluralidade de perspectivas socioideológicas que se dão numa enunciação concreta. Assim,

em cada momento de sua existência histórica, a linguagem é pluridiscursiva. Deve-se isso à coexistência de contradições socioideológicas entre presente e passado, entre diferentes épocas do passado, entre diversos grupos socioideológicos, entre correntes, escolas, círculos etc., etc. Estes "falares" do plurilinguismo entrecruzam-se de maneira multiforme, formando novos "falares" socialmente típicos (BAKHTIN, 2010, p. 98, grifo do autor).

Dessa forma, os discursos e os enunciados estão relacionados a diferentes posicionamentos de sujeitos históricos. Assim a ideia de *voz* e *voz social* são semelhantes, na medida que contemplam discursos formados contraditória, histórica, grupal e socialmente. Empregaremos o termo *voz* sob esse prisma, conforme Bakhtin (2002, 2010), analisando, sobretudo, como os dizeres manifestam saberes cristalizados sobre o negro, dispersos entre os grupos que compõem a sociedade brasileira. Na TS, considera-se que o sujeito pode aderir a uma “voz social” e mobilizar imaginários, adequando-os à sua estratégia discursiva. O imaginário,

é uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual, conforme dito, constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante. (CHARAUDEAU, 2017, p. 578),

O linguista (2017) destaca que o imaginário pode ser denominado sociodiscursivo quando a atividade de simbolização do mundo está imbricada no domínio de uma prática social. E acrescenta que,

os imaginários são engendrados pelos discursos que circulam nos grupos sociais, se organizando em sistemas de pensamento coerentes, criadores de valores, desempenhando o papel de justificação da ação social e se depositando na memória coletiva. (CHARAUDEAU, 2017, p. 579),

Sustentamos, pois, que o uso da expressão “*ator negro*” carrega uma apreciação do/sobre o sujeito negro, ator, fundamentada em imaginários que o diferencia, instaurando uma orientação depreciativa. Da mesma maneira, o emprego do termo tangencia a relação entre realidade e ficcionalidade, uma vez que, devido a várias questões sociais, históricas e econômicas o negro, em geral, não ocupa profissões ditas “de prestígio”, como “*médico*” e “*arquiteto*”, citadas em [EA]. Silvio de Almeida (2018), ao falar sobre a relação entre racismo, economia e mercado, afirma que

as decisões tomadas nos parâmetros racistas, afetam negativamente os comportamentos, a autoestima e as expectativas do sujeito discriminado [...]. Por ter conhecimento das barreiras realmente existentes no mercado de trabalho, especialmente no que se refere a carreiras como Medicina, Direito e Engenharia, membros de grupos minoritários sentem-se desestimulados a estudar e a competir por vagas no mercado de trabalho nestas profissões. (ALMEIDA, 2018, p. 128).

Nesse sentido, depreende-se que o negro, por ter consciência das barreiras que lhes são impostas no mercado de trabalho e pelo racismo, geralmente, não disputa esses espaços de prestígio social. Nas esferas simbólica e prática, o racismo contribui, então, para a manutenção desses imaginários que mantêm os negros em posições subalternizadas.

Retomemos o excerto A,

[EA] Todas as minhas ideias foram rejeitadas e veio a provocação final: - Por que não falar da sua experiência como ator negro? As duas perguntas que mais fazem a um ator negro, além das básicas [...] são: - Sendo um ator negro, o que acha dessa coisa toda de racismo? – Como é fazer um médico, arquiteto, surfista, Roque Santeiro, boêmio da Lapa, padre, gay, ou seja, lá quem for... negro? Quando ouço essa última, sempre me dá vontade de responder algo bem esdrúxulo do tipo: “Não sei, pois nunca fiz um médico, arquiteto, surfista, Roque Santeiro, boêmio da Lapa, padre, gay, ou seja, lá quem for... verde”. (RAMOS, 2017, p. 10, grifo nosso)

Verificamos, ainda, em [EA] que o narrador, enquanto *enunciador (JEUe)*⁴³ (CHARAUDEAU, 2008), refuta a diferenciação entre atores brancos e negros quando insere sua voz, entre aspas, afirmando que no mundo “real” gostaria de responder ironicamente às pessoas que lhe fazem tais questionamentos, dizendo: “‘Não sei, pois nunca fiz um médico, arquiteto, surfista, Roque Santeiro, boêmio da Lapa, padre, gay, ou seja, lá quem for... verde’”⁴⁴. Conforme já explicitado, para Authier-Revuz (1990), o travessão indica a inserção do outro no discurso. Desse modo, o outro é constituído pela voz de Lázaro Ramos, *Sujeito Comunicante, autor* (CHARAUDEAU, 2008), sujeito empírico, que se funde com a sua voz de *Enunciador*. Este ocupa na narrativa o papel discursivo de sujeito narrador o qual relata fatos vivenciados no mundo “real” no qual, na posição de *Sujeito Comunicante*, ele desempenha vários papéis, tais como o de pai, esposo, diretor, apresentador, dentre outros, inseridos no fio discursivo da obra analisada.

⁴³Discorremos sobre o sujeito na Teoria Semiolinguística (CHARAUDEAU, 2008), na seção 1.3, no capítulo 1.

⁴⁴Como o escritor utiliza aspas em algumas expressões analisadas, optamos por escrever em nosso texto esses termos com aspas únicas para diferenciar das aspas duplas para sinalizar que o termo foi retirado do excerto em questão.

Conforme observamos, o termo “*ator negro*” imputa uma particularização para/sobre o profissional ator, estabelecendo uma subcategoria dentro da categoria ator. Por vezes, o seu emprego implica sentidos que podem gerar efeitos de tendência depreciativa, como visto em [EA]. Desse modo, verificamos, ao longo do livro, outras expressões empregadas com a palavra “negro” que pressupõem algum modo de diferenciação a esses sujeitos, mesmo que não evoquem, necessariamente, sentidos negativos, tais como “*teatro negro*”, “*herói negro*”, dentre outras. Denominamos esses enunciados como [E7], [E8], [E9], [E10], [E11], [E12], [E13], [E14], [E15] e [E16].

No bloco a seguir, formado pelos excertos 7, 8, 9 e 10, reunimos trechos que trazem expressões compostas com a palavra “negro” que de algum modo relacionam-se com o universo das artes cênicas, assim como a expressão “ator negro”:

[E7] *Aprendi muito em Cabaré da raça, o maior sucesso de público do bando, encenado em 1997. A peça contava com dezesseis personagens negros com atitudes totalmente diferenciadas em relação à questão racial. [...].* (RAMOS, 2017, p. 48-49, grifo nosso)

[E8] *Mesmo sem patrocínio algum, chegávamos a encenar três espetáculos seguidos. [...] Sempre buscando dar um novo passo, algo que ainda não tivesse sido feito no teatro negro, até aquele momento.* (RAMOS, 2017, p. 52, grifo nosso)

[E9] *[...] a busca constante por uma representatividade negra no palco e o desejo de suprimir as lacunas que uma dramaturgia viciada nos impõe poderiam me levar à ideia de que só devemos investir em heróis negros em contraposição a heróis brancos. Satã me mostrou que não é assim.* (RAMOS, 2017, p. 60, grifo nosso)

[E10] *Comecei por algo que, a princípio, parece banal. Os produtos incluindo material audiovisual para crianças, que contemplam o negro e suas representações. [...]; o Homem-Aranha Negro da Marvel (2015); Doutora Brinquedos (2012-4) e tantos outros personagens criados para suprir a demanda de protagonistas negros em produções infantis.* (RAMOS, 2017, p. 75, grifo nosso)

O excerto 7, [E7] doravante, é proveniente do capítulo *Entre o laboratório e o palco* no qual o narrador discorre sobre o trabalho num laboratório de análises clínicas e acerca dos primeiros passos na carreira teatral. No trecho destacado, ele conta sobre uma peça encenada por ele no *Bando de Teatro Olodum*, na qual havia “*dezesseis personagens negros*”. A palavra “*negros*” funciona como adjetivo, *qualificando* os personagens (CHARAUDEAU, 2008). Essa expressão, assim como “*ator negro*”, pode carregar sentidos pejorativos e trazer à tona *imaginários sociodiscursivos*, apoiados em discursos que sustentam a ideia de “*personagem*” como uma função destinada a um sujeito não-negro, a não ser que este interprete papéis estereotipados, como o da empregada doméstica ou do/da escravizado(a).

No contexto analisado, a expressão “*personagens negros*” foi empregada para informar que os papéis desempenhados na peça pelos “atores negros” do *Bando de Teatro Olodum*⁴⁵ representavam, realmente, na ficção sujeitos negros. Segundo o narrador, esses personagens, mesmo sendo negros, se comportavam de formas distintas em relação à questão racial: um achava que não sofria preconceito, já outro se afirmava racialmente e assim por diante. Cabe destacar que a própria concepção/existência de expressões como “*ator negro*” e “*personagem negro*” já pressupõem que haja uma diferenciação para esses sujeitos.

Já o excerto 8 ([E8]) advém do capítulo *A Ribalta* no qual o narrador conta sobre sua experiência como ator de teatro. Nessas páginas, ele explica a posição de enfrentamento que o *Bando* assumia frente à questão racial e a importância em conviver com um grupo formado somente por atores negros que se valorizavam para que, assim, construísse uma imagem positiva de si. Em [E8], o narrador diz que o *Bando* sempre buscou fazer algo que “*não tivesse sido feito no teatro negro, até aquele momento*”. O termo “*teatro negro*”, em si, não imputa uma orientação depreciativa como “*ator negro*”, todavia, a expressão é passível de ser problematizada pelo fato de também evidenciar uma diferenciação. Assim como não é usual o termo “ator branco” também não é recorrente se ouvir falar em “teatro branco”. A própria existência da expressão “*teatro negro*” implica a pressuposição de que alguma razão levou os negros a se agruparem para criar um teatro que lhes fosse próprio. Segundo o próprio narrador, no caso do *Bando*, a ideia principal era conceber um espaço de identificação étnica para atores negros, oportunizar a interpretação de personagens clássicos, inviabilizada em outros grupos, e misturar humor e crítica social para falar do lugar e sob a perspectiva do negro acerca das implicações na raça na ordem social (RAMOS, 2017). A expressão “*teatro negro*” demonstra que, como em outras práticas e lugares sociais, na maioria das vezes, não há espaço para o sujeito afrodescendente, a não ser numa posição subalternizada. Por outro viés, o “*teatro negro*” denota o potencial dos sujeitos para criar táticas e escapar das normas e instituições sociais que detém o poder e o controle do discurso.

O excerto 9 ([E9]) também provém do capítulo *A ribalta* no qual o narrador fala sobre o personagem *Madame Satã*, vivido em um filme homônimo (2002). Tal produção cinematográfica conta a história de um sujeito que viveu no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX: *Satã* era negro, homossexual assumido, transformista, uma figura

⁴⁵Discorremos sobre o *Bando de Teatro Olodum* na nota 18.

emblemática e representava um anti-herói. O enunciador conta que o trabalho que desempenhou com esse personagem foi importante para que ele pudesse se dar conta de que nem sempre o negro tem que se comparar e se colocar em oposição ao branco. Ele diz que os “atores negros” são levados a adotar uma posição binária e de enfrentamento na busca por equidade. Por isso, segundo o narrador, constrói-se a ideia de que só se deve “investir em heróis negros em contraposição a heróis brancos”, em razão de a dramaturgia brasileira relegar, corriqueiramente, ao negro um lugar de inferioridade. A questão do “*herói negro*” remete à disputa instaurada pelo movimento negro por representações positivas na mídia, na literatura e em outros meios⁴⁶.

No excerto 10 ([E10]), proveniente do capítulo *Imaginário*, o narrador discorre sobre a importância da representação positiva do negro no universo infantil para que, segundo ele, a criança construa sua autoestima e se veja como protagonista de sua história. Ele constata que alguns personagens negros estão surgindo no universo infantil para suprir essa lacuna, como “o Homem-Aranha Negro da Marvel (2015)” e outros (ver anexo F). O *Homem-Aranha* é um clássico das animações infantis e o herói tradicional é vivido pelo personagem *Peter Parker*: um branco. Já este novo *Homem-Aranha* criado pela *Marvel* é vivido pelo personagem Miles Morales, um menino negro, com o qual as crianças e jovens negros poderão se identificar. Atualmente, observamos que as animações para o público infantil têm incluído personagens negros. Maurício de Souza, por exemplo, recentemente, criou a personagem *Milena*, negra, de cabelos cacheados e escuros, para compor a *Turma da Mônica* (ver anexo F).

Ainda em [E10], o narrador emprega a expressão “*protagonistas negros*” quando diz que, como o *Homem-Aranha Negro*, outros personagens estão sendo criados “*para suprir a demanda de protagonistas negros em produções infantis*”. A questão do “*protagonista negro*” é similar à do “*personagem negro*” discutida no excerto 7, pois a expressão em questão pode notabilizar o *imaginário sociodiscursivo* (CHARAUDEAU, 2017) sobre o “*protagonista*” como sendo um sujeito branco, já que esta, em geral, é a imagem mais recorrente na mídia. Devido a fatores históricos, econômicos, sociais, dentre outros, não é comum que o negro ocupe posições de destaque na sociedade (ALMEIDA, 2018) e isso é reproduzido na ficção.

⁴⁶Retomaremos a problemática da representatividade no decorrer da análise.

Agrupamos mais três excertos ([E11], [E12]) e [E13]) que abordam a questão racial, remetendo à infância e à juventude negra:

[E11] *Será que quando digo essa frase para um menino negro que mora numa comunidade não estou sendo de alguma forma simplista demais? (“seu lugar é aquele onde você sonha estar”).* (RAMOS, 2017, p. 62, grifo nosso)

[E12] *Vejo, ouço e leio análises sobre jovens negros assassinados ou denúncias de preconceitos, mas não sei como acessar plenamente a Justiça ou qualquer outra instância que possa de fato ajudar no combate a esse mal que tem dizimado a nossa juventude.* (RAMOS, 2017, p. 115, grifo nosso)

[E13] *Foi quando avistamos dois adolescentes negros, altos, magros e sorridentes.* (RAMOS, 2017, p. 131, grifo nosso)

O excerto 11 ([E11]) é oriundo do capítulo *A ribalta*. No contexto discursivo em questão, o narrador fala sobre como, na sua visão, “*é negada ao negro a possibilidade de sonhar*” (RAMOS, 2017, p. 62). Por esse motivo ele menciona que sempre repete a frase “*seu lugar é aquele onde você sonha estar*” para si mesmo e para quem ele tem a oportunidade de dizer. Segundo o narrador, a sociedade impõe obstáculos e barreiras para determinar e manter o negro sempre nos mesmos lugares marginais. O enunciado “*seu lugar é onde você sonha estar*” responde, portanto, a essa imposição. Porém, ele se questiona se ao dizer essa frase “*para um menino negro que mora numa comunidade*” não estaria sendo “*simplista demais*”. Aqui o narrador dá visibilidade a uma questão política que perpassa uma falha do estado brasileiro em elaborar políticas públicas efetivas para amenizar a situação de vida precária de “*meninos negros*” que moram nas periferias nos grandes centros.

Já o excerto 12 ([E12]) foi destacado do capítulo *Empoderamento e afeto* no qual o narrador discute o termo “empoderar” e, em seguida, a relação entre a afetividade e a população negra. Ele expõe a situação do alto índice de homicídios e de casos de preconceito envolvendo os jovens negros no Brasil: “*ouço e leio análises sobre jovens negros assassinados ou denúncias de preconceitos*”. De acordo com uma pesquisa divulgada pela *Anistia Internacional Brasil* (ANISTIA, 2019), mais da metade das pessoas assassinadas no Brasil são jovens e, desse percentual, 77% são negros. A maioria dos homicídios é praticado com armas de fogo e menos de 8% dos casos chegam a ser julgados.

Já em relação às situações que envolvem preconceito racial, citado pelo narrador, nos deparamos, diariamente, com a exposição de inúmeros casos similares nas redes sociais. Um deles ganhou grande repercussão no país: o caso do jovem Rafael Braga, preso no contexto das manifestações de 2013. Para alguns movimentos sociais e seus

defensores, ele foi vítima de racismo e preso injustamente acusado de portar *coquetéis-molotov*⁴⁷ e drogas. Num período próximo à prisão de Braga, o filho de uma desembargadora, branco, foi preso com uma grande quantidade de drogas e, em seguida, foi solto. As imagens que circularam na *Internet* traziam a foto de Rafael Braga, junto a do filho da magistrada, comparando as acusações, os julgamentos e a cor de pele de cada um deles. Uma das postagens usa a palavra “*preto*” para se remeter à Rafael Braga e “*branco*”, ao mencionar Breno Borges (ver anexo G). Na mídia, por vezes, Rafael Braga era referenciado como “traficante” e o filho da desembargadora como “jovem”. Charaudeau (2008, p. 112) afirma que nomear é “perceber uma diferença”. A diferenciação em relação às palavras “traficante” e “jovem”, neste caso, pode estar baseada na questão racial e demonstrar como os imaginários depreciativos referentes aos negros poder nortear podem nortear práticas, como abordagens policiais, sentenças e julgamentos.

O excerto 13 ([E13]) provém do capítulo *Quando fiquei sem resposta* no qual o narrador expõe algumas questões para as quais ainda não tem um posicionamento ou uma conclusão definida, tais como quanto aos limites e barreiras impostos aos negros pelo racismo estrutural e histórico. Nesse contexto, ele conta um episódio em que avistou “*dois adolescentes negros, altos, magros e sorridentes*” em um dia em que passeava com o filho na praia numa situação de normalidade, “*admirando a paisagem*” (RAMOS, 2017, p. 131). No entanto, algum tempo depois, encontrou os mesmos dois meninos sendo abordados por policiais de forma agressiva e, então, o filho perguntou sobre aquela situação questionando se eles estavam brincando - “*Eles estão brincando pai?*” (RAMOS, 2017, p. 131). Diante do questionamento do filho, ele disse que ficou sem saber o que fazer e o que responder e expôs, ainda, a preocupação sobre a possibilidade de o filho também poder ser submetido às mesmas circunstâncias por ser “negro”. Com essa exemplificação, o narrador mostra como a questão racial pode fazer com que o negro, na maioria das vezes, seja considerado o potencial suspeito e o bandido, mesmo que não haja evidências para culpabilizá-lo, como no caso relatado.

⁴⁷Arma química e incendiária, geralmente utilizada em protestos e guerrilhas urbanas. No Brasil é crime a fabricação, posse ou uso desses materiais configura crime, sujeito a pena de no mínimo três anos, conforme disposto na Lei nº 10.826/2003, art. 16, inciso 3º. (BRASIL, 2003b)

Destacamos, logo, mais três excertos, provenientes do capítulo *Empoderamento e afeto*, que contém expressões qualificadoras, formadas com a palavra “negro” e que tratam da questão da afetividade da população negra ([E14], [E15], e [E16]):

[E14] *Algumas pessoas dizem que o homem negro busca uma mulher branca para se autoafirmar ou porque é muito doloroso ser um casal negro no mundo de hoje.* (RAMOS, 2017, p. 118, grifo nosso)

[E15] *Que tal pensarmos sobre as demonstrações de afeto entre o homem negro e a mulher negra, o pai negro e os filhos negros?* (RAMOS, 2017, p. 121, grifo nosso)

[E16] *É muito difícil ver representações em que o amor negro é louvado e expressado como algo bonito.* (RAMOS, 2017, p. 123, grifo nosso)

Nos excertos 14 ([E14]) e 15 ([E15]) aparece a expressão “*homem negro*”. Em [E15], num emprego similar há, ainda, o uso dos termos “*mulher negra*”, “*pai negro*” e “*filhos negros*”. A palavra “*negro*”, nesses casos, especifica os substantivos antecedentes, complementando o sentido dos enunciados, assim como pode ter ocorrido em outras partes do livro citadas nessa análise, como no exame do excerto 7. Entretanto, consideramos que, apesar dessas expressões, por si só, não sugerirem sentidos depreciativos, elas podem remeter a uma série de implicações negativas que a raça pode trazer a esses sujeitos: a “*mulher negra*” e o “*pai negro*”, por exemplo, podem ter dificuldade para se inserir no mercado de trabalho, devido às suas características físicas, como cor de pele e cabelo afro, conforme pontua Almeida (2018); a “*mulher negra*” também costuma ser hipersensualizada e objetificada, principalmente, devido a imaginários construídos, historicamente, nas relações sociais coloniais.

O narrador, neste mesmo capítulo, cita um estudo de Claudete Alves (2010) que trata da solidão da mulher negra frente à preferência do “*homem negro*” pelas mulheres brancas. A pesquisadora conclui que a “*mulher negra*” busca se relacionar com pessoas do seu próprio grupo étnico. Já o “*homem negro*” costuma optar por mulheres brancas não só nas camadas mais altas da sociedade, mas também nas periferias. Alves (2010) acredita que esse fato configure uma forma de “proteção” social do “*homem negro*” e seja decorrente de uma bagagem histórica e cultural que, continuamente, levou o “*homem negro*” a negar suas identidades.

Ainda no excerto 14 o narrador diz que “*é muito doloroso ser um casal negro no mundo de hoje*” e no excerto 16 ([E16]) afirma que é raro encontrar situações em que “*o amor negro é louvado e expressado como algo bonito*”. Tratando da questão do afeto, essas declarações que trazem as expressões “*casal negro*” e “*amor negro*”, além de comportarem uma *qualificação* (CHARAUDEAU, 2008) para esses substantivos, podem

exteriorizar uma avaliação subjetiva do próprio narrador. Lázaro Ramos e a esposa Taís Araújo formam um “*casal negro*” e experimentam juntos as implicações da raça no relacionamento conjugal e em outras relações sociais. A constatação do narrador sobre essa experiência no que se refere à raça é descrita como sendo “*dolorosa*”. Assumir-se como um “*casal negro*” implica movimentos de afirmação e enfrentamento, uma vez que o referencial afetivo e sexual criado pela mídia e pela história é baseado em padrões brancos. A ascensão financeira é acompanhada de um “enquadramento” nos moldes sociais. A mulher branca, então, é associada à superioridade e a negra à inferioridade.

Um outro texto citado também pelo narrador intitulado “A afetividade das mulheres negras” (LEMOS, 2016) propõe que a solidão da “*mulher negra*” pode gerar impactos psicológicos que afetem o seu ambiente de trabalho e a relação com a família e amigos. Nesse sentido, a “*mulher negra*” também costuma estar mais vulnerável a práticas violentas. A última *Pesquisa Nacional de Saúde do IBGE* (2018) mostra que as mulheres negras representam 60% das mulheres agredidas por pessoas próximas. O *Mapa da violência 2015* (WASELFSZ, 2015) informou que a taxa de morte de “*mulheres negras*” cresceu cerca de 54% e de brancas caiu 9,8%.

4.2 EXCLUSÃO, ENUMERAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO

Excertos B e C:

[EB] *Essa criança teria que contracenar com Gusmão, um velho que representava justamente o futuro daquele menino. Entre as várias perguntas que fez ao velho, havia a clássica “o que serei quando crescer?” [...]. E essa figura mítica, primeiro ator negro formado numa faculdade de teatro na Bahia, respondia: “Você só vai descobrir caminhando”. (RAMOS, 2017, p. 53, grifo do nosso)*

[EC] *Gusmão foi minha primeira referência de ator negro, por isso quero falar um pouco mais dele. (RAMOS, 2017, p. 54, grifo nosso)*

Os excertos B ([EB]) e C ([EC]) foram destacados do capítulo *A ribalta* no qual o narrador conta sua experiência como ator de teatro. Em [EB], ele discorre sobre uma parceria com Mário Gusmão, então diretor do *Bando de Teatro Oludum*, na peça *O menino e o velho* (1998), realizada quando ele tinha apenas dez anos de idade. Segundo o narrador, na peça Gusmão atuava como um velho que representava “o futuro” do menino vivido por ele. No trecho, há dois enunciados entre aspas: o primeiro, traz a voz da criança que se indaga sobre qual profissão exercerá no futuro, fazendo a pergunta clássica “*o que serei quando crescer?*”; já o segundo, evoca a voz do personagem

representado por Gusmão que responde: “*Você só vai descobrir caminhando*”. Conforme já mencionado, as aspas constituem uma forma de *heterogeneidade mostrada* e indicam a inserção do outro no discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990). Assim, a voz do outro apontada pelas aspas pode se referir a discursos do senso comum que evidenciam as profissões que, em geral, são desejadas pelas crianças. Tais ocupações relacionam-se a representações construídas discursivamente e estimulam a valorização de alguns profissionais em contraposição à desvalorização de outros. O sucesso profissional passa, então, a ser associado a carreiras bem remuneradas, como jogador de futebol e médico, desejadas, principalmente, pelas crianças e jovens negros mais pobres. Numa perspectiva similar, o narrador conta, inclusive, no capítulo *Quero ser médico* sobre o seu sonho de exercer a medicina, ainda na infância, para “ascender socialmente” e não ser mais somente o “filho da empregada” (RAMOS, 2017).

A expressão “*ator negro*” é inserida no excerto B entre vírgulas e precedida da palavra “*primeiro*” - “*E essa figura mítica, primeiro ator negro formado numa faculdade de teatro na Bahia [...]*”. O termo “*primeiro ator negro*” funciona neste caso como aposto que, sintaticamente, relaciona-se ao termo anterior na oração, servindo para explicar, esclarecer, detalhar, dentre outras funções⁴⁸. Formas linguísticas como esta enriquecem o texto fornecendo informações novas sobre os termos que sucedem. Assim, no excerto em questão foi enfatizado um dado histórico sobre esse sujeito, reconhecido como “*o primeiro*” de sua raça no estado da Bahia a concluir um curso superior de teatro. Assim, além da diferenciação evidenciada pelo qualificador “*negro*”, verificamos que a palavra “*primeiro*” produz efeitos de distinção e classificação. Do mesmo modo, em [EC], a expressão “*ator negro*” também se situa junto a um numeral, ressaltado pela palavra “*primeira*” - “*Gusmão foi minha primeira referência de ator negro*”⁴⁹. Em ambos os enunciados, as expressões “*primeiro ator negro*” e “*primeira referência de ator negro*” constituem procedimentos de *enumeração* (CHARAUDEAU, 2008). No domínio do *modo descritivo*, a *enumeração* (CHARAUDEAU, 2008, p. 135) demonstrada pelo uso de artigos, dêiticos, dentre outras formas linguísticas, “permite fazer listas de seres (humanos ou não humanos), qualidades, lugares e ações que produzem efeitos discursivos diversos”.

⁴⁸Consulta ao endereço eletrônico <<https://www.normaculta.com.br/aposto/>>, acessado em 03 jun. 2019.

⁴⁹Por esse motivo e por se localizarem no mesmo capítulo, agrupamos esses dois excertos primários.

Dessa maneira, ao descrever Gusmão como “*o primeiro ator negro*”, o narrador traz um dado mais objetivo. E ao dizer que ele foi sua “*primeira referência de ator negro*”, o narrador demonstra uma admiração por esse sujeito que é do nível mais subjetivo. Essas duas construções engendram uma *enumeração* que instaura um índice no qual Gusmão é colocado nas primeiras posições. Tais procedimentos discursivos produzem sentidos relativos à excepcionalidade constituída pelo fato de esses sujeitos negros ocuparem tais posições, confirmando como os brancos dominam esses espaços. A ênfase dada ao fato de Gusmão ser o “*primeiro negro*” a concluir um curso de graduação de teatro na Bahia, um estado com população de maioria negra (SILVA, 2018), evidencia também desigualdades sociais. A partir dessa informação, podem se estabelecer questionamentos sobre os mecanismos e conflitos sociais, históricos e econômicos que levaram/levam o negro a constituir uma exceção em lugares onde, por proporcionalidade populacional, deveria ocupar um número próximo ao de brancos. Tais problematizações vão ao encontro da ideia de agência adotada nesse estudo, já que suscita o questionamento de uma dada realidade (BAZERMAN, 2006). Segundo o IBGE, o número da soma de pessoas que se declara preta e parda no Brasil perfaz um total de 50% da população. Nesse sentido, a falta de representatividade do negro nas instituições justifica a promoção de políticas públicas, como as cotas raciais (BRASIL, 2012), que objetivem promover equidade.

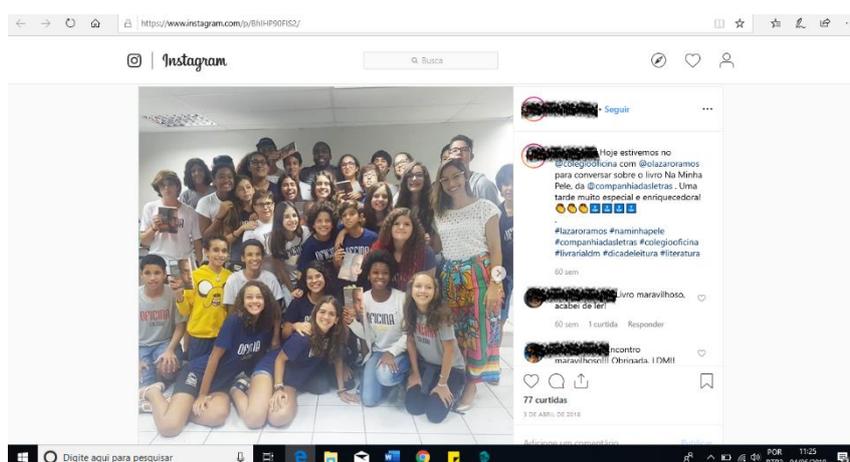
No excerto C, assim como em [EB], o próprio narrador emprega a expressão “*ator negro*” a qual ele mesmo contesta em [EA]. Todavia, acreditamos que, tanto em [EB], quanto em [EC], o termo assume uma função informativa. No excerto B a expressão “*ator negro*” enfatiza um dado histórico que ficaria incompleto caso fosse omitida a palavra “*negro*”. A terminologia funciona no enunciado como um adjetivo: “*E essa figura mítica, primeiro ator negro formado numa faculdade de teatro na Bahia [...]*”. Já em [EC], o numeral é relacionado à palavra “*referência*” que remete à questão da representatividade: “*Gusmão foi minha primeira referência de ator negro [...]*”.

Gusmão era, então, para o narrador, um modelo e um arquétipo, tal qual é a figura de Lázaro Ramos para muitos jovens “atores negros” na atualidade. O relato das vivências de um sujeito que, mesmo alcançando certa ascensão social ainda experimenta o racismo, pode reforçar, por um lado, o discurso do mérito relacionado ao esforço próprio. Mas pode também, por outro prisma, alcançar um grande número de interlocutores, suscitando movimentos de identificação com o narrador e incitando debates sobre a problemática da raça e do racismo, conforme propõe o letramento racial

(SKERRET, 2011 apud FERREIRA, 2015). Muitas escolas, aliás, têm utilizado o livro *Na minha pele* para discutir o tema racial e publicado fotos na rede social *Instagram*, com a hashtag *#naminhapele*, assim como as publicações mostradas no capítulo 3. Em algumas dessas postagens, os alunos até fizeram a foto com a capa do livro sobre o rosto.

O próprio autor também foi a algumas instituições de ensino para falar sobre o livro, conforme podemos visualizar na figura a seguir e em outras imagens em anexo⁵⁰ (ver anexo H).

Figura 6: Lázaro Ramos na escola.



Fonte: *Instagram*⁵¹

Nessa direção, cabe destacar a importância das alterações no currículo escolar no Brasil a respeito das questões que envolvem as identidades sociais e a diversidade. A Lei Federal nº 10.639/2003 (BRASIL, 2005), por exemplo, é um marco e torna obrigatório o ensino de “História e Cultura Afro-Brasileira” na esfera pública e privada. Todavia, conforme já mencionado no capítulo 3, o livro também mobilizou internautas a discutirem as questões raciais no *Instagram*. Isso evidencia a reverberação da obra e a possibilidade de viabilização de práticas de letramento racial em ambientes escolares e não escolares.

Assim como a *enumeração*, a *quantificação*, segundo Charaudeau (2008), compõe os *procedimentos discursivos* de *nomear* no âmbito do *modo de organização do discurso descritivo* e ambas constituem ideias bem próximas por abarcarem numerais. O linguista (2008, p. 134) complementa especificando que “o uso de quantificadores

⁵⁰Cabe informar que, no período de conclusão desse trabalho, o ator, inclusive, dedicou-se a visitar diversas escolas da Bahia, proferindo palestras sobre o livro *Na minha pele* e outros livros de sua autoria, voltados, principalmente, para o público infanto-juvenil, publicando imagens e vídeos das visitas em suas redes sociais.

⁵¹Pesquisa por meio do endereço eletrônico <<https://www.instagram.com/explore/tags/naminhapele/>>, com acesso em 05 jun. 2019.

permite produzir efeitos discursivos de subjetividade”, dependendo do contexto intradiscursivo. Já a enumeração, conforme já mencionado, gera sentidos de objetividade, por apontar dados mais precisos, como, por exemplo, as palavras “*primeiro*” e “*primeira*” ([EB] e [EC]).

Dessa maneira, da mesma forma como fizemos no exame do excerto A, julgamos pertinente demonstrar como as questões de *enumeração* e *quantificação* (CHARAUDEAU, 2008), aparecem em outros contextos ao longo do livro, formando expressões compostas com a palavra “negro”. Nomeamos esses enunciados como [E17], [E18], [E19], [E20], [E21], [E22] e [E23].

Inicialmente, agrupamos os excertos 17 e 18, [E17] e [E18] doravante, que assim como as expressões “*primeiro ator negro*” ([EB]) e “*primeira referência de ator negro*” ([EC]), trazem *enumerações* (CHARAUDEAU, 2008), que comportam uma classificação para os sujeitos a que se referem:

[E17] *Depois de muito pensar me lembrei do Zózimo Bulbul, cineasta e primeiro protagonista negro da TV brasileira*. (RAMOS, 2017, p. 61, grifo nosso)

[E18] [...] *prefiro falar de insensato coração, de 2011, uma novela de Gilberto Braga em que, segundo a imprensa, eu fazia o primeiro galã negro da televisão brasileira*. (RAMOS, 2017, p. 104)

O excerto 17 deriva do capítulo *A ribalta* e aparece no contexto em que o narrador conta sobre uma das primeiras entrevistas que realizou no programa *Espelho* com o cineasta Zózimo Bulbul. Ao descrever Bulbul, o narrador diz que ele foi o “*primeiro protagonista negro da TV brasileira*”, questão que já foi abordada no exame do excerto 10. Mas a expressão “*primeiro protagonista negro*” carrega uma determinação e um ordenamento. Além disso, o termo comporta uma forma de hierarquização voltada para esse sujeito, assim como ocorre com a referência à Gusmão – “*primeiro ator negro*”, presente no excerto B. A palavra “*primeiro*”, um número ordinal, coloca, portanto, Zózimo Bulbul numa posição destacada na ordenação dos protagonistas negros da televisão brasileira. A especificação demonstrada pela expressão em questão traz à tona, novamente, a evidência da norma social fundamentada em padrões brancos, pois, se a questão racial não fosse relevante, a *qualificação* sugerida pela palavra “*negro*” não se justificaria. Uma das indicações dessa constatação concerne o fato de ser incomum, conforme já mencionamos anteriormente, o uso de expressões similares para se referir a um sujeito branco que ocupa quaisquer posições de destaque/prestígio, como “primeiro protagonista branco”.

Numa pesquisa simplificada no campo de buscas do *site* do *Google*⁵² com as palavras “*primeiro*” e “*negro*”, apareceram na primeira página, de imediato, quatro títulos de *links* formados com esses termos, a saber: “*a história esquecida do primeiro barão negro do Brasil Império*”; “*Obama, primeiro candidato negro eleito*”; “*Viv Anderson, o primeiro negro da seleção inglesa*”; e “*Louis Vuitton, grife tem primeiro estilista negro*”⁵³. Empregando a mesma fórmula de pesquisa, mas com as palavras “*primeiro*” e “*branco*” aparece, somente, uma única ocorrência na primeira página com o título “*Christophe Lemaître, o primeiro branco a correr os 100 m abaixo dos 10s*”. Esta matéria se refere a um sujeito que queria se aproximar das marcas alcançadas por jamaicanos no atletismo, que é um esporte dominado por negros, como Usain Bolt. Assim, a partir dos resultados encontrados com essa busca, verificamos como o negro, ocupando determinadas posições sociais gera maior estranhamento e, por conseguinte, impulsiona a propagação de discursos sobre esses atos. Por uma outra perspectiva, a exposição desses papéis de destaque pode funcionar como exemplificação e fundamentação para o discurso meritocrático, atrelando o insucesso pessoal, da maioria dos negros, à falta de esforço próprio.

Em sentidos similares de *enumeração* (CHARAUDEAU, 2008) e *classificação*, em [E18] o narrador afirma que quando participou da novela *Insensato Coração* (2011) foi chamado pela imprensa de “*o primeiro galã negro da televisão brasileira*”. A revista *Época* neste período fez, inclusive, uma capa com a foto de Lázaro Ramos com a seguinte manchete: “*O primeiro galã negro*”:

⁵²Inserimos no campo de buscas do *Google* as palavras “primeiro” e “branco” separadas, sem nenhum sinal gráfico.

⁵³Pesquisa por meio do endereço eletrônico

<https://www.google.com.br/search?ei=LHMPXYfMMPW75OUPyO6CyAY&q=primeiro+negro&oq=primeiro+negro&gs_l=psy-ab.3...6193748.6195645..6195955...0.0..0.183.1571.4j10.....0....1..gws-wiz.....0j0i67j0i10i67j0i131.Ok4vkXmvceQ>, com acesso em 23 jun. 2019.

Figura 7: Capa da Revista *Época*.

Fonte: Revista *Época*⁵⁴

Retomando o excerto 18, ao empregar a expressão “*segundo a imprensa*”, o narrador introduz um “outro” no discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990): a voz da imprensa. A mídia é citada com frequência ao longo da obra *Na minha pele*, denotando seu poder de disseminar modelos e a relação com o trabalho de Lázaro Ramos. O fato de o ator ser apontado como o “*primeiro galã negro*” deixa entrever que, em geral, os traços negros não constituem os padrões de beleza e que outros “atores negros” que passaram pela televisão não se enquadraram nesses moldes. Joel Zito no documentário *A negação do Brasil* (ARAÚJO, 2000) aponta o ator Norton Nascimento, já falecido, como o “primeiro galã negro” da televisão brasileira. Talvez pelo fato de ter falecido em 2007, aos 45 anos de idade, em decorrência de uma doença cardíaca, ele caiu no esquecimento. E hoje Lázaro Ramos que parece carregar esse título.

Cabe ressaltar que a ênfase dada a estética do personagem André Gurgel, interpretado por Ramos em *Insensato Coração* (2011), denota o fato de que o papel de um sujeito galanteador, arrogante e desapegado, interpretado por um negro, deslocou os padrões e produziu estranhamentos. O narrador destaca a ousadia do autor Gilberto Braga devido às reações negativas do público que, segundo ele, o ofendia na internet e/ou questionava sua competência enquanto intérprete.

Eleger um sujeito como “*primeiro galã negro*” pressupõe uma avaliação subjetiva, instaurada em uma coletividade, já que foi compartilhada por um determinado número de pessoas, tais como alguns dos responsáveis pela revista, leitores e espectadores da trama. Ao mesmo tempo a expressão “*primeiro galã negro*” sugere a criação de uma

⁵⁴Pesquisa por meio do endereço eletrônico <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EIT1186-16091,00.html>>, com acesso em 23 jun. 2019.

lista de lugares ocupados pelos galãs da televisão, produzindo sentidos de ordenamento, mas também de provocação e deslocamento, já que o ato de tomar um negro como galã constitui um afrontamento aos padrões de beleza da mídia.

Nesse viés, encontramos, ao longo do livro, formações lexicais com a palavra “negro” que compõe efeitos de sentido de *quantificação* (CHARAUDEAU, 2008), comportando apreciações subjetivas. Tal aspecto é demonstrado por palavras como “*pouco*”, “*muitos*”, dentre outras. Dispomos esses excertos a seguir:

[E19] *Queria dividir sem medo minha sensação de entrar num restaurante e ser o único negro no lugar.* (RAMOS, 2017, p. 12, grifo nosso)

[E20] *Durante a infância, toda criança quer ser “alguém”: elege um super-herói, um personagem de série preferido. [...] Acho que isso acontecia porque existia uma identificação visual: por ser um dos poucos negros no universo televisivo infantil.* (RAMOS, 2017, p. 33, grifo nosso)

[E21] *Nesses tempos, cercado de primos e entre os muitos negros da Federação, a minha dificuldade era outra: ser o filho da empregada.* (RAMOS, 2017, p. 35, grifo nosso)

[E22] *Estudar numa escola de classe média, em que eu era um dos pouquíssimos negros, não foi nada fácil.* (RAMOS, 2017, p. 43, grifo nosso)

[E23] *Há um clamor imenso que reforça a necessidade de se aceitar a estética negra, mas eu fico sem saber como fazer com que mais e mais anunciantes pensem na população negra, e que mais negros tenham acesso a empregos e a postos de comando.* (RAMOS, 2017, p. 115, grifo nosso)

O excerto 19 ([E19]) foi extraído do prólogo do livro intitulado *A saga do Camarão* no qual o narrador conta como se deu a ideia da escrita do livro. Ele apresenta os questionamentos que surgiram ao longo desse processo e qual(is) o(s) objetivo(s) ele gostaria de alcançar com o seu texto. O autobiografado afirma que gostaria de falar sobre o racismo com pessoas que não refletiam sobre o tema e de dividir com eles algumas inquietações e experiências, como a sensação de chegar em um restaurante “*e ser o único negro no lugar*”. Apesar de a palavra “*único*” comportar uma significação de singularidade e até mesmo de excepcionalidade, acreditamos que, neste caso, por denotar uma visão do narrador, ela decorre de uma avaliação mais subjetiva.

Ao expor sua percepção de ser o “*único negro*” a estar num restaurante, o narrador ressalta questões de ordem econômica, de relações de trabalho, educacionais, dentre outras, pois, restaurantes, assim como outros lugares para atividades de lazer, em geral, são frequentados por pessoas que detêm uma condição financeira que lhes permita dispensar parte do orçamento para estar ali. O fato de não ser visto nesses lugares um número considerável de negros demonstra que a população negra, em geral, não tem

poder compatível com eles. De acordo com dados do *IBGE* divulgados em 2018, os trabalhadores negros ganham R\$ 1,2 mil a menos que os brancos, em média (*IBGE*, 2019). Considerando que os negros e pardos são a maioria da população brasileira, verificam-se deficiências na educação da população negra e ainda oportunidades desiguais de trabalho, diferenças salariais, dentre outros aspectos que possam impedir que esses sujeitos ocupem esses espaços.

O excerto 20 ([E20]) é proveniente do capítulo *Quero ser médico* no qual o narrador discute a importância da representatividade negra no universo infantil para que, segundo ele, esse público se identifique com os personagens e tenham referências positivas. Ele conta que na infância se inspirava no personagem *Jairzinho*, do *Balão Mágico* e explica que acredita que isso acontecia porque ele era “*um dos poucos negros no universo televisivo infantil*”. A apreensão do narrador demonstrada por uma *quantificação* imprecisa – “*poucos*”, expressando insuficiência, mostra a ausência de negros nas produções audiovisuais. Além disso, ele reitera sua percepção sobre a importância do papel da mídia em construir modelos e representações coletivas na ficção que, de algum modo, se reproduzem nas práticas cotidianas da vida “*real*”.

No excerto 21 ([E21]), também procedente do capítulo *Quero ser médico*, o narrador discorre sobre a infância quando ainda não problematizava sua condição de negro. De acordo com o enunciador, isso se deve ao fato de ter vivido cercado por pessoas parecidas com ele que só lhe dispensavam elogios. Dessa maneira, explica que entre os “*muitos negros da Federação*”, ou seja, entre aqueles que compartilhavam o mesmo espaço que ele, seu maior problema era “*ser o filho da empregada*”. A expressão “*muitos negros*”, conforme já mencionado, deixa entrever que a questão racial ainda não era vista como um problema na infância, pois ele “*se via*” em vários lugares e em muitos sujeitos. Todavia, o lugar de “*filho da empregada*” era o que lhe causava certo incômodo, apesar de naquela idade não conseguir compreender muito bem o porquê de ser excluído de algumas atividades ou tratado de modo ríspido pela patroa da mãe em certas situações.

No passado, as empregadas do lar eram acometidas a regimes trabalhistas exploratórios com baixa remuneração, principalmente, quando moravam na casa dos patrões. Elas passaram a ter seus direitos trabalhistas assegurados somente no ano de 2015, com a Lei Complementar nº 150 (BRASIL, 2015).

Ainda tratando dos quantificadores, o excerto 22 ([E22]), retirado do capítulo *Entre o laboratório e o Palco*, se insere no contexto em que o narrador fala sobre a mudança de escola na adolescência. Ele conta que foi estudar em uma instituição de classe média, religiosa, onde era um dos “*pouquíssimos negros*” a frequentá-la: “*Estudar numa escola de classe média, em que eu era um dos pouquíssimos negros, não foi nada fácil*”. O advérbio de intensidade “*pouquíssimos*” demonstra a percepção do narrador de não encontrar naquele espaço uma quantidade relevante de sujeitos com os quais ele se identificasse. Essa constatação, assim como aquela expressão empregada no excerto 17 - sobre o fato dele notar ser o “*único negro*” em alguns espaços como restaurantes - também implica problematizações acerca do poder aquisitivo da população negra para consumir bens e serviços disponibilizados pelo mercado, como o ensino privado. Nesse sentido, Almeida (2018) afirma que o racismo acarreta a naturalização do fato dos negros receberem salários mais baixos e contribui para a perpetuação de desigualdades sociais.

Por fim, no excerto 23 ([E23]), oriundo do capítulo *Empoderamento e afeto*, o narrador constata que, atualmente, as redes sociais têm dado voz a muitos sujeitos que têm desvendado o racismo e elaborado bons diagnósticos sobre a questão racial. No entanto, ele diz perceber que, apesar das boas análises, ainda faltam soluções efetivas para “*fazer com que mais e mais anunciantes pensem na população negra e que mais negros tenham acesso a postos de comando*”. A expressão “*mais negros*” aponta para o fato de o mercado ainda carecer de um número maior de negros anunciando produtos e em postos de chefia e deixa entrever que, para o narrador, essa situação está mudando paulatinamente, já que a palavra “*mais*” pressupõe que algumas pessoas já estejam ocupando esses lugares.

4.3 REPRESENTATIVIDADE E IDENTIDADE NEGRA

Excerto D:

[ED] *Ator negro*. Ator. Ou monologando. A cada dia que passa me convenço de que a questão da cor de pele no Brasil é mais complexa do que eu, mesmo sendo negro, penso. [...]. É claro que nós, negros, temos muitas dificuldades e enfrentamos alguns tabus, mas ao iniciar a entrevista tive a comprovação de uma coisa que eu até então só intuía: algumas revistas acham que ter um negro na capa não vende. [...]. Eu – Para um *ator negro*, não basta fazer bem o seu trabalho. [...]. Tenho que brigar para conseguir mais e mais personagens que estejam fora da rubrica “personagem para *ator negro*” que os autores geralmente fazem. Lázaro – Mas temos várias histórias boas em que os personagens são necessariamente negros. [...]. Eu - Ai, meu Deus, lá vou eu ser tratado de novo como *ator negro* e não como ator. [...]. É cada ideia que esse povo tem. Eles queriam que a mensagem no cartaz fosse algo relacionado ao consumo, e a sugestão deles era: Não vai comprar porque ele é negro? [...]. Enfim, chegamos a uma conclusão sobre a frase: “compro e vendo” seria a manchete. Um bom símbolo de que nós, negros, temos voz como consumidores e também queríamos nos ver na mídia anunciando produtos. [...] 13 de outubro de 2005. Olha lá a TPM! NÃO VAI COMPRAR PORQUE ELE É NEGRO? BONITO, 14 FILMES, ATOR DA GLOBO, NUNCA FOI CHAMADO PARA UMA GRANDE CAMPANHA PUBLICITÁRIA, POR QUE SERÁ? [...]. Eu – Fui tratado como uma exceção, como um *ator negro*. A minha pele foi mais enfocada do que o meu trabalho. (RAMOS, 2017, p. 89-92, grifo nosso)

O excerto primário D, [ED] doravante, procede do capítulo “Imaginário” e o trecho destacado é parte de uma carta que o autor escreveu para a *Revista TPM*, mas que, segundo ele, nunca enviou. O enunciado refere-se à insatisfação do narrador com o rompimento do acordo feito com a revista a respeito do texto que acompanharia a sua foto na imagem de capa da mesma. Segundo ele, a *TPM* lhe fez o primeiro convite para que posasse para uma capa. Na época, ele disse, em tom descontraído, ter acreditado que a oportunidade teria sido concedida em razão do seu talento ou da “melhora” na sua aparência obtida com a ajuda de alguns profissionais (RAMOS, 2017, p. 88). Todavia, a revista revelou que se interessava, principalmente, por sua condição de “ator negro” quando publicou a foto do ator com a seguinte mensagem: “NÃO VAI COMPRAR PORQUE ELE É NEGRO? BONITO, 14 FILMES, ATOR DA GLOBO, NUNCA FOI CHAMADO PARA UMA GRANDE CAMPANHA PUBLICITÁRIA, POR QUE SERÁ?⁵⁵”. Conforme é possível observar, apesar de as palavras “NEGRO” e “ATOR” não terem sido escritas juntas nesse enunciado, elas estão relacionadas, já que o papel social de “ATOR DA GLOBO” é enfatizado como uma qualificação secundária, após se dizer primeiro que “ele é negro”: “NÃO VAI COMPRAR PORQUE ELE É NEGRO?”.

⁵⁵Transcrevemos em caixa alta, conforme original.

A *voz* da revista está inserida no texto sem marcas, como dois pontos, travessão ou aspas; a mensagem foi escrita em caixa alta, conforme transcrito no parágrafo supracitado. Neste caso, pressupomos que a formatação indica a incorporação de um “outro” no discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990): a revista, cuja *voz* é anunciada com a exclamação “*Olha lá a TPM!*”.

A mensagem escrita na capa pela revista implica um pré-julgamento do potencial leitor que fica evidenciado na pergunta “*NÃO VAI COMPRAR PORQUE ELE É NEGRO?*”. A imagem do leitor visada pela revista é a de um sujeito que não compraria revistas com negros na capa. Para Ruth Amossy (2018), a representação que o *orador* tem de seu *público* pode se inscrever no texto como uma forma argumentativa. A autora amplia a afirmação, considerando que

[...] o que se vê no discurso não é somente a maneira como o locutor percebe o seu ou os seus parceiros, é também a maneira como ele lhes apresenta uma imagem de si próprios, suscetível de favorecer sua empreitada de persuasão. (AMOSSY, 2018, p. 77)

A pergunta “*NÃO VAI COMPRAR PORQUE ELE É NEGRO?*” institui, ainda, na perspectiva da Teoria Semiolinguística (CHARAUDEAU, 2008), um *questionamento de provocação*. De acordo com o Charaudeau o *questionamento de provocação*

comporta uma apreciação sobre o questionado, colocando-o em causa. Para proteger sua face este é incitado a responder. Essa resposta pode consistir em uma rejeição pura e simples da apreciação, ou em uma justificativa. (CHARAUDEAU, 2008, p. 243)

Assim, o potencial leitor pode ignorar a provocação ou ser motivado a comprar o material para *proteger sua face* (CHARAUDEAU, 2008) e “provar” que não é racista por reconhecer e gostar da qualidade do trabalho do narrador.

A inserção da carta escrita por Lázaro Ramos, sujeito empírico, na autobiografia em questão caracteriza um caso de intertextualidade. Julia Kristeva (1974), fundamentando-se no dialogismo bakhtiniano, assegura que os textos se constroem como um mosaico de citações e que todo texto é a absorção ou transformação de outro texto. Ingedore Koch (2004, p. 147) pontua que “a descoberta do intertexto se torna essencial para a construção do sentido no texto”. Desse modo, a incorporação de um texto escrito pelo narrador em um outro contexto discursivo e num capítulo no qual ele discorre sobre a importância da representatividade pode levar o leitor a refletir sobre a importância da presença do negro na publicidade e o modo como ele é inserido nela.

A expressão “*ator negro*” é escrita nas primeiras palavras do excerto D: “*Ator negro. Ator. Ou monologando*”. Portanto, já se anuncia logo no início da carta que o autor constrói um monólogo sobre o fato ocorrido com a revista, tendo como eixo principal a sua condição de “*ator negro*”. Para tanto, ele insere duas vozes denominadas “*Lázaro*” e “*Eu*”. É possível perceber que a voz de “*Lázaro*” acaba por atenuar a conduta da revista enquanto a do “*Eu*” tende a condená-la. Verificamos tais pontos de vista, por exemplo, na seguinte passagem do excerto D:

Eu - Para um ator negro, não basta fazer bem o seu trabalho. [...] Temos que brigar para conseguir mais e mais personagens que esteja fora da rubrica “personagem para ator negro” que os autores geralmente fazem. Lázaro - Mas temos várias histórias boas em que os personagens são necessariamente negros. (RAMOS, 2017, p. 89-92, grifo nosso)

Desse modo, o “*Eu*” reivindica o fato de o negro ter sempre que adotar uma postura de enfrentamento, enquanto “*Lázaro*” pondera dizendo que alguns personagens realmente têm que ser interpretados por atores negros.

Esse debate inserido pelo narrador na forma de discurso direto constrói uma forma de *heterogeneidade mostrada*, conforme definido por AUTHIER REVUZ (1990), e remete a visões divergentes sobre o racismo existentes na sociedade. De um lado, coloca-se a opinião daqueles que adotam uma postura militante ou que, ao menos, concordam que a luta contra o racismo e suas manifestações seja legítima. Do outro, aqueles que discordam desses primeiros e/ou acreditam que a ideia do racismo não tem fundamento real, existindo apenas no imaginário dos negros. Estes, na maioria das vezes, recorrem ao discurso da democracia racial e da meritocracia para fundamentar o seu posicionamento. Conforme definido no capítulo 1⁵⁶, a democracia racial refere-se à visão que nega a desigualdade racial no Brasil e afirma igualdade de oportunidades e tratamento, deslegitimando a pauta racial na agenda política e nas relações sociais (GOMES, 2005). Já a meritocracia, segundo Salmerón (2017, p.54), “não é mais que um sistema que organiza relações em torno do mérito, utilizando o mecanismo específico da competição”. Ou seja, dentro da lógica neoliberal, o mercado oferece oportunidades iguais a todos os cidadãos. Nesse sentido, a ausência do negro na mídia estaria relacionada à falta de esforço próprio ou de merecimento.

⁵⁶ Ver seção 1.1.

No dizer do “*Eu*”, analisado no parágrafo anterior, o narrador insere a expressão “*personagem para ator negro*” entre aspas, instituindo, novamente, uma forma de *heterogeneidade mostrada* (AUTHIER-REVUZ, 1990). Nesse contexto, o sinal gráfico chama atenção para um deslocamento enunciativo que remete à voz de autores que escrevem para o teatro e o cinema e inserem nos seus textos personagens específicos para a atuação de “atores negros”. Tal prática destacada pelo narrador, enquanto sujeito que escreveu a carta para a revista, demonstra a consolidação do imaginário sobre o lugar do negro na sociedade que se reproduz na ficção. O “*ator negro*”, então, não seria visto como um ator “comum” que poderia interpretar qualquer personagem. Tomamos os *imaginários sociodiscursivos*, conforme definido em [EA], como formas de apreensão do mundo, engendrados nos discursos que circulam nos grupos sociais, conforme Charaudeau (2017). Podemos dizer que as mídias têm um papel fundamental na construção de discursos, devido ao número de interlocutores que alcança e sua capacidade de disseminar modelos.

Sobre os “*personagens para ator negro*”, ainda no capítulo “*Imaginário*”, o narrador cita um artigo de Lara Vascounto intitulado “Oito estereótipos racistas que novelas brasileiras precisam parar de usar” (VASCOUTO, 2016). Ele transcreve trechos do artigo que mostram quais personagens, geralmente, são destinados a “atores negros”:

[E24] Voltando ao artigo da Lara, ela diz que são raros os casos em que um personagem negro não é apenas um receptáculo de estereótipos. Você, caro leitor, se assiste novelas, reconhecerá imediatamente todos os oito tipos que ela identificou. 1. A mãe preta que faz tudo pelos patrões; 2. A empregada doméstica espevitada, servil, bisbilhoteira, sedutora, cômica ou submissa; 3. O fiel amigo do jagunço (que é, na verdade, a versão masculina da empregada doméstica); 4. O escravo (um clássico, não é mesmo? Falarei mais sobre isso depois); 5. A negra fígosa e sensual. 6. O malandro; 7. O “negro perfeito”, termo inventado por Joel Zito Araújo para designar o negro que se afasta de sua origem e se torna, assim, mais aceitável aos olhos dos brancos; 8. O negro “escada”. Explico: ele só está lá para mostrar como o personagem negro é bom, ou mau, ou mais importante que ele. Veja bem: para mim, que vivi personagens tão diversos, ficar falando sobre esse assunto pode parecer incoerente. (RAMOS, 2017, p. 85)

Dessa maneira, para fundamentar o seu argumento sobre a importância da representatividade para a construção identitária do negro, o narrador cita uma pesquisa científica com dados estatísticos sobre a atuação do negro em novelas, caracterizando outro caso de *intertextualidade* (KRISTEVA, 1974; KOCH, 2004). Cumprido a mesma função, em várias partes do livro são mencionados pesquisadores e pessoas que são referências nos debates sobre as questões raciais, como “*Joel Zito*”, aludido no excerto

[E24]. Tais menções constituem, ainda, *argumentos de autoridade* (CHARAUDEAU, 2008) por emanarem de sujeitos de notório saber no domínio do assunto abordado.

Zito é um cineasta e pesquisador mineiro que dirigiu documentários tematizando o negro na sociedade brasileira, como *A negação do Brasil* (ARAÚJO, 2000) que deu origem a um livro homônimo o qual apresenta a trajetória do personagem negro nas novelas brasileiras. Para Charaudeau (2008, p. 240), a *citação*, assim como o *questionamento*, já mencionado, constitui um procedimento discursivo que compõe o *modo argumentativo*. Segundo o linguista (2008), a *citação* “funciona como uma fonte de verdade, testemunho de um dizer, de uma experiência, de um saber”. Assim, a incorporação dessas outras *vozes* reconhecidas no universo acadêmico e artístico podem conferir legitimidade a imagem do narrador e aos seus pontos de vista. Mais especificamente, a citação do texto de Lara (2016) sobre os estereótipos do negro nas novelas pode ser caracterizada como citação *de um dizer* e um *argumento de autoridade* (CHARAUDEAU, 2008), uma vez que emana de uma proposta científica e de uma pessoa que, teoricamente, possui competência para dizer: uma pesquisadora.

No último capítulo do livro, o narrador faz, ainda, algumas sugestões de vídeos, livros e outros materiais e, novamente, cita o livro de Joel Zito:

[E25] *Comecem por ‘O olho mais azul’ de Toni Morrison; passem para ‘A negação do Brasil’, de Joel Zito; se debruçam sobre ‘Um defeito de cor’ de Ana Maria Gonçalves.* (RAMOS, 2017, p. 144, grifo nosso)

O narrador afirma que o leitor precisa se informar mais sobre o racismo para, assim, combatê-lo. O livro “*O olho mais azul*” de Toni Morrison, citado no excerto [E25], traz a trajetória de uma menina negra que tem uma irmã branca e sofre com a marginalização pelos traços físicos negros, nos diversos ambientes sociais em que circula nos Estados Unidos, na década de 40. O romance mostra como as manifestações do preconceito racial podem atingir até mesmo uma criança. Já “*Um defeito de cor*”, de Ana Maria Gonçalves ([E25]), conta a história de uma africana idosa, que viaja para o Brasil em busca do filho perdido. Ao longo da viagem, a narradora fala sobre a vida marcada pela violência e pela escravidão. Trata-se, portanto, de uma obra relevante para discutir a formação do povo brasileiro e para entender fatos históricos que perpassam a vida do negro no país. Nesse sentido, ambos os livros citados se constituem como clássicos da literatura de temática racial; assim, sustentam e reforçam a perspectiva do narrador sobre a questão. Corroboramos com Amossy (2011) que alguns gêneros, *a priori*

não persuasivos, podem carregar uma *dimensão argumentativa*, ou seja, uma tentativa de direcionar o olhar do interlocutor para determinados pontos de vista.

Retornando ao excerto 24 ([E24]), o narrador insere em seu discurso a voz de Vascounto (2016) que utiliza o conceito de estereótipo⁵⁷ - “[...] são raros os casos em que um personagem negro não é apenas um receptáculo de estereótipos”. Segundo Lysardo-Dias (2006, 2007), os estereótipos consistem em discursos amplamente difundidos e que se atualizam a cada situação de uso; pontua que os estereótipos são construídos nas interações comunicativas e no convívio social e chama atenção para o fato dessas construções discursivas demonstrarem a relação da língua com o contexto histórico e social. Nessa perspectiva, os estereótipos direcionam-se, portanto, a um sujeito, a um grupo ou a uma dada realidade. Além disso, conforme a pesquisadora (2007), os estereótipos como formas de se perceber o outro, emanam de um sujeito que recorre a uma voz instituída socialmente, ao longo do tempo.

Desse modo, os estereótipos construídos pelos autores de novela dão visibilidade a formas de se perceber o negro que o desvaloriza. Os estereótipos citados pelo narrador em [E24] derivam, ainda, de relações: (i) de trabalho - “o escravo”; (ii) familiares/do lar - “a mãe preta”, “a empregada doméstica”); (iii) sexuais (“a negra ferosa e sensual”), dentre outras; por isso, podem funcionar como instrumentos de inferiorização do negro, bem como de determinação e manutenção do(s) seu(s) lugar(es) na sociedade.

Ainda em [E24], o narrador evoca a voz do interlocutor, interpelando-o quando diz: “Você, caro leitor, se assiste novelas, reconhecerá imediatamente todos os oito tipos que ela identificou”. Para Charaudeau (2008), a *interpelação* constitui um procedimento linguístico de construção enunciativa, do *comportamento alocutivo* e se insere no âmbito do *modo de organização do discurso enunciativo*:

o sujeito falante enuncia sua posição em relação ao interlocutor [...] este é instado pelo ato de linguagem do locutor, a ter uma determinada reação: responder e/ou reagir (relação de influência). (CHARAUDEAU, 2008, p. 82-86)

⁵⁷Sabemos das especificidades e intersecções entre os conceitos de imaginários sociodiscursivos, estereótipos, imagem de si, representação social e estigma. Partindo da perspectiva de Charaudeau (2017), nos alinhamos a noção de imaginários. Todavia, como trabalhamos nesse capítulo com a produtividade dos enunciados, julgamos pertinente, definir cada um desses conceitos por pressupostos que eles estão diretamente relacionados aos efeitos de sentido ora constituídos.

Desse modo, o interlocutor pode ser influenciado a “responder”, ponderando sobre quais os tipos de papéis são destinados a atores negros nas novelas, caso assista ou tenha algum conhecimento sobre o assunto. O leitor é, então, chamado a dialogar com o *EUE* (CHARAUDEAU, 2008) em vários trechos da obra formados, principalmente, por frases interrogativas. Esse recurso discursivo pode funcionar no livro para chamar atenção do leitor sobre o que está sendo tratado e para inseri-lo no debate. Nesse sentido, cabe destacar que o narrador, ao dialogar com várias outras *vozes*, confere ao seu romance autobiográfico um tom de uma conversa informal na qual a questão racial se destaca em meio aos relatos de suas experiências de vida. Sobre o diálogo que ele estabelece com essas tantas *vozes*, ele mesmo afirma:

[E26] *Espero que você dialogue prazerosamente com outras pessoas. Com elas, além de ter aprendido muita coisa, organizei minhas ideias, pontos de vista e percepções a respeito de como somos afetados individual e coletivamente por simples gestos (sejam eles positivos ou negativos).* (RAMOS, 2017, p. 14)

Observamos no excerto ([E26]) que o narrador utiliza, inclusive, a palavra “*dialogue*”, o que reforça o tom “descontraído” e interativo conferido ao texto. Além disso, afirma que a partir dos diálogos que estabeleceu com essas *vozes* que são retomadas no livro, ele tem construído seus pontos de vista. Desse modo, já que trabalhamos com o letramento como prática sóciointeracional, verificamos como o contato com o outro participa da construção do eu.

Retomando o excerto primário, [ED], o narrador diz: “*É claro que nós, negros, temos muitas dificuldades e enfrentamos alguns tabus [...]*”; e no final do excerto, ao contar sobre o acordo que tinha feito com a revista acerca da frase que estaria junto à sua imagem na capa - “*Compro e vendo*” - ele conclui dizendo que esta frase construiria uma simbologia adequada à afirmação de que os negros também são consumidores e estão aptos para vender anúncios: “*Um bom símbolo de que nós, negros, temos voz como consumidores e também queríamos nos ver na mídia anunciando produtos*”. Em ambos os enunciados, provenientes de [ED], o narrador se insere no discurso utilizando o pronome “*nós*”. De acordo com a antropóloga Silvia Novaes (1993), ao mencionar um *nós coletivo* o sujeito refere-se a uma identidade de um grupo social. O narrador fala, portanto, do povo negro com o qual se identifica, apesar de se considerar uma exceção em termos de sucesso e reconhecimento social.

O emprego desse pronome da primeira pessoa do plural - “*nós*” - também pode sugerir a imagem que o narrador, na posição de enunciador, faz de seu leitor ou do destinatário (CHARAUDEAU, 2008). Assim como o narrador, o interlocutor estaria incluído neste grupo ao qual o “*nós*” se refere: os negros. Charaudeau (2008, p. 45), ao descrever os sujeitos da linguagem, afirma que “o *TUd* é o interlocutor fabricado pelo EU como destinatário ideal, adequado ao seu ato de enunciação”. Nesse sentido, notamos ao longo da obra a tentativa do enunciador de persuadir o leitor ou o *TUd* que, presumidamente, seria um sujeito que não reflete sobre o tema do racismo ou que discorda do ponto de vista do narrador acerca das questões raciais. A seguir, retiramos dois exemplos no capítulo “*Imaginário*” nos quais o narrador provoca o leitor, ao falar sobre a importância da representatividade:

[E27] *Se você ainda considera esse um assunto banal, vamos mudar a nossa rota para algo um pouco mais histórico.* (RAMOS 2017, p. 80)

[E28] *Está ficando entediado com o papo? Espere um pouco que já faço uma piada. Está achando a conversa banal?* (RAMOS, 2017, p. 76)

Nesses excertos, notamos a reincidência da palavra “*banal*” para qualificar o tema da discussão proposta. De acordo com o *Dicionário Michaelis*⁵⁸, uma das definições de “*banal*” refere-se aquilo que não tem originalidade, que é corriqueiro, vulgar. Dessa maneira, podemos afirmar que o *TUd* fabricado pelo *EUE* condiz com a imagem de um sujeito que julga o debate sobre representatividade como um assunto insignificante e indispensável. Pressupomos que esse interlocutor projetado possa compor a imagem de um sujeito branco, pois, em geral, o negro experimenta as implicações da raça nas relações sociais e é levado a refletir sobre sua identidade racial. Todavia, há algumas exceções, como aqueles sujeitos citados pelo narrador no capítulo *Quando fiquei sem resposta* que afirmam não sofrerem nenhum tipo de diferenciação motivada pela raça nas relações sociais.

A branquitude é um conceito abordado em perspectivas diversas. Edith Piza (1998), no campo da psicologia social, destaca alguns pontos sobre a branquitude, dentre eles, afirma que: (i) a condição de ser branco é algo problematizado apenas pelos negros; (ii) a raça não é um assunto discutido; e (iii) além de diferença, a raça é vista como hierarquia. Os aspectos sobre a branquitude levantados pela autora (1998) podem corroborar com a suposição de que o interlocutor interpelado no excerto 27 ([E27]) e 28

⁵⁸Consulta ao endereço eletrônico <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=banal>>, acessado em 17 jun. 2019.

([E28]) seja um sujeito branco, que não sendo levado a problematizar a questão racial pode julgar o assunto “*banal*” ou “*ficar entediado com o papo*”, conforme posto pelo narrador. Porém muitos negros também consideram a disputa por igualdade racial ilegítima e outros optam por ignorá-la ou silenciar-se.

Ainda no excerto primário D, temos os seguintes enunciados: “[...] *algumas revistas acham que ter um negro na capa não vende*” e “*Enfim, chegamos a uma conclusão sobre a frase: ‘compro e vendo’ seria a manchete*”. Ao afirmar que algumas revistas acham que o “*negro na capa não vende*” o narrador traz à tona a voz de segmentos da mídia que, de um modo geral, acreditam que a inserção de um negro na capa pode não ser rentável. Por isso é incomum ver um negro ocupar uma posição de protagonista de forma positivada.

Assim como as *vozes sociais* destacadas no excerto A questionam o fato de um negro desempenhar determinados papéis no teatro e na TV, a voz trazida em [ED] resgata os *imaginários sociodiscursivos* do negro como (i) um sujeito de “*má aparência*” que não se enquadra nos padrões de beleza hegemônicos da sociedade brasileira; e do negro como (ii) um sujeito de baixo poder aquisitivo que, portanto, não consome produtos para se informar ou se entreter. Nesse sentido, a frase “*‘compro e vendo’*” sugerida pelo autor para acompanhar sua foto na capa propõe uma ressignificação desses discursos sobre o negro dispersos na memória coletiva.

Silvio de Almeida (2018, p. 145) afirma que “*classe e raça são elementos socialmente sobredeterminados*” e exemplifica citando a situação das mulheres negras que acabam recebendo salários mais baixos e sendo condicionadas a trabalhos que “*não produzem mais-valia, mas que são essenciais, a exemplo das babás e das empregadas domésticas [...]*” (ALMEIDA, 2018, p. 145). Assim, quando o narrador afirma que o negro também tem voz como “*consumidor*”, ele enfatiza o papel do negro como um sujeito que também está inserido na estrutura econômica do país. Todavia, cabe destacar que o negro ainda não tem acesso à maioria dos bens e serviços disponibilizados pelo mercado, pois, conforme evidencia a *Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD)* do IBGE referente ao ano de 2017 (IBGE, 2017), os negros ganham em média um mil e duzentos reais a menos que os brancos. E, curiosamente, essa diferença também se dá entre negros e brancos pobres. Estes, em geral, têm um salário 46% mais alto, segundo o relatório divulgado pela ONG *Oxfan* (GEORGES, 2018). Nesse sentido, Almeida acrescenta que

há anos, inúmeras pesquisas têm demonstrado que a raça é um marcador determinante da desigualdade econômica e que direitos sociais e políticas universais de combate à pobreza e distribuição de renda que não levem em conta o fator raça/cor mostram-se pouco efetivas. (ALMEIDA, 2018, p. 122)

Com salários mais baixos, o negro tem menor poder de compra para acessar produtos culturais em geral, moda, informação e, porventura, revistas similares à *TPM*.

Em concordância com a análise de [EA], [EB] e [EC] examinaremos, em seguida, alguns excertos nos quais há construções linguísticas formadas com a palavra “negro” que assim como a expressão “*nós, negros*”, presente no excerto D, tangenciem a questão identitária. São eles: [E29], [E30], [E31] e [E32]:

[E29] *Zebrinha, meu mestre artístico e de vida, que me ensinou muito sobre ser um homem correto, ser negro, ser artista, e que por acaso, é coreógrafo do bando e padrinho da minha filha [...]* (RAMOS, 2017, p. 20, grifo nosso)

[E30] *Naquela época, apesar da autoestima que minha família nos deu, não gritávamos a plenos pulmões que éramos negros. Dizíamos “A gente que é assim”.* (RAMOS, 2017, p. 26, grifo nosso)

[E31] *Satã era negro, gay, pobre, e seu corpo era sua única arma.* (RAMOS, 2017, p. 59, grifo nosso)

[E32] [...] *Não, você é negra. Tem gente negra, tem gente de pele vermelha, amarela, tem gente alta, baixa, gorda, magra. Tem gente de todos os tipos e nós somos negros.* (RAMOS, 2017, p. 74, grifo nosso)

Os excertos 29 ([E29]) e 30 ([E30]) são provenientes do capítulo *A ilha* no qual o narrador conta sua infância na ilha do Paty na Bahia e como era viver rodeado por negros. Ele relembra também os primeiros afetos e a convivência com os parentes e amigos mais próximos e explica como as primeiras relações fora do ambiente familiar o ajudaram a construir uma cultura de orgulho e autovalorização de sua negritude.

O narrador discorre sobre a falta de registro e simbolização da história e da cultura dos negros e as implicações desse apagamento na formação identitária racial desses sujeitos. Ele cita “*Zebrinha*”, um grande amigo com o qual discutiu esse tema e diz que “*Zebrinha*” o ensinou muitas coisas, dentre elas, sobre “*como ser negro*”. O *Dicionário Michaelis* define o verbo “*ser*” como: (i) *apresentar uma característica predominante*; (ii) *ser parecido com*⁵⁹. Podemos depreender, assim, que o emprego do verbo “*ser*”, junto à palavra “*negro*”, constrói efeitos de sentido que remetem às características identitárias compartilhadas pelo povo negro.

⁵⁹Consulta ao endereço eletrônico <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=ser>>, acessado em 26 jun. 2019.

Já o verbo “ensinar” em “*me ensinou*” ([E29]), antecedendo a expressão “*ser negro*”, indica a percepção do narrador sobre o processo de formação identitária como algo aprendido e não herdado, já que ensinar pressupõe a construção de algo que não é inato e/ou que precisa ser moldado. Também de acordo como *Dicionário Michaelis*⁶⁰, o verbo “ensinar” significa “*transmitir conhecimento sobre alguma coisa a alguém*”. Desse modo, “ensinar” o sujeito a se autoperceber negro pressupõe o ato de dar subsídios e mediar a obtenção de conhecimento para que ele se aproprie de aspectos relativos à história, à cultura, à estética, dentre outros pontos, relacionados ao grupo racial ao qual pertence. Essa perspectiva coincide com a ideia de identidade que adotamos nesse trabalho (GUIMARÃES, 1999; MUNANGA, 1994, 2003; BAUMAN, 2005; GOMES, 2005) que parte da visão de identidade como processo e não como algo pré-concebido. Essa noção também vai ao encontro do conceito de letramento racial por nós assumido, uma vez que pressupõe a difusão de conhecimentos sobre o modo como a raça pode influenciar as experiências subjetivas (SKERRET, 2011 apud FERREIRA, 2015).

Todavia, motivar o sujeito para que ele se perceba racialmente e construa uma imagem positivada de si não garante que ele irá aderir a essas informações e incorporá-las, tendo em vista que, conforme destaca Gomes (2005, p. 42), “reconhecer-se numa identidade supõe uma resposta afirmativa a uma interpelação e o estabelecimento de um sentido de pertencimento a um grupo social de referência”. Assim, mesmo sendo estimulado, o sujeito poderá não se identificar com o grupo.

A questão de a identidade social de raça está atrelada a uma percepção subjetiva bastante emblemática e tem acarretado algumas discussões. Em processos seletivos nos quais há cotas destinadas a negros ou pardos, em geral, o candidato precisa somente autodeclarar-se negro para concorrer a essas vagas. Muitos casos de aprovação de sujeitos com fenótipo branco, como pele e olhos claros, em vagas para cotistas têm sido denunciados, culminando, até mesmo em processos de exoneração. Recentemente, um caso envolvendo um servidor público na cidade de Juiz de Fora/MG repercutiu na mídia. Lucas Soares, de 24 anos, foi exonerado do cargo de Técnico em Seguro Social do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) após investigações internas e da Polícia Federal concluírem que ele fraudou o sistema de cotas. Lucas é branco de olhos claros, mas se apresentou no concurso com a pele e olhos escuros (ver anexo I).

⁶⁰Consulta ao endereço eletrônico <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ensinar/>>, acessado em 29 abr. 2019.

No excerto 30 o narrador conta o encantamento que teve com o foco dado à afirmação da identidade negra pelos cantos e membros do *Bloco Ilê Aiyê*. Em contraposição, ele lembra do silenciamento de sua família sobre essa questão durante a sua infância e adolescência. Nesse sentido, diz que não era comum entre os seus a afirmação da identidade negra: “*não gritávamos a plenos pulmões que éramos negros*”. É possível depreender também que o emprego do tempo passado indique a percepção do narrador sobre algo que ocorria, mas que atualmente tem se modificado ou não acontece mais: no caso, a afirmação racial; assim como a ocupação de postos de comando, citada em [E23]. A expressão “*gritar a plenos pulmões*” significa “esbravejar, gritar com força”⁶¹. Nesse contexto, a frase, que é iniciada com uma negação, remete ao ocultamento e/ou silenciamento sobre “*ser negro*”. Do mesmo modo, o emprego desse termo retoma um contexto sócio-histórico de opressão. É importante lembrar que o Brasil vivia nesse período um governo ditatorial, militarizado e autoritário. Segundo Daniel Keny (2016) o movimento negro foi reprimido nesta época e os militares ampararam-se no mito da democracia racial para combatê-lo⁶². De acordo com o autor (2016), os militantes eram rotulados, ainda, como impatriotas, racistas e imitadores dos ativistas norte-americanos. Assim, a expressão “*gritar a plenos pulmões*” concebe um contraponto ao silenciamento e à censura e remete à possibilidade de expressão e de reivindicação.

Atualmente, esses movimentos continuam, mas há uma maior tolerância para que eles aconteçam. As mulheres negras, por exemplo, têm utilizado os cabelos naturais; os negros têm se inserido nos debates políticos e a pressão popular tem impulsionado a criação de políticas públicas, como a implantação da Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003a), já mencionada, e a Lei nº 7.716/1989 (BRASIL, 1989) que criminaliza o racismo, dentre outras implicações. Tais deslocamentos têm contribuído para a afirmação do negro, de sua estética, suas raízes, história e cultura.

Ainda no excerto 30, o narrador diz que em sua família, ao invés de se autoafirmarem como negros, era comum se dizer “*a gente que é assim*”. De antemão, o emprego das aspas já indica a inserção de um outro no discurso, constituindo uma forma de *heterogeneidade mostrada* (AUTHIER-REVUZ, 1990). A voz em questão se refere a do próprio autor e a de seus familiares que é evidenciada pelo emprego da expressão “*a*

⁶¹Consulta ao endereço eletrônico

<<http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Gritar%20a%20plenos%20pulm%C3%B5es>>, acessado em 27 abr. 2019.

⁶²Ver sobre o mito da democracia racial na seção 1.1, na qual tratamos de alguns termos e conceitos presentes nos debates raciais no Brasil.

gente”. A palavra “*assim*” funciona como uma forma de indeterminação desses sujeitos. Segundo Charaudeau (2008), aquilo que não tem nome não existe no “real”. Assim, o ato de não se nomear e/ou determinar como negro, além de demonstrar um ocultamento da identidade racial desses sujeitos, pode contribuir para invisibilidade do negro e para que não se problematize a questão.

Já o excerto 31 ([E31]) provém do capítulo *A ribalta* no qual o narrador fala sobre os seus trabalhos no cinema e a respeito do filme *Madame Satã* no qual viveu o protagonista. Já tratamos desse filme na análise do excerto 9. Ao descrever o personagem, ele diz que Satã “*era negro, gay, pobre e seu corpo era sua única arma*”. O emprego do tempo passado - “*era*” - além de se referir ao personagem, também pode aludir a João Francisco do Santos, ser empírico, já falecido, cuja história de vida inspirou a concepção do filme. A concatenação das qualificações para Satã (“*negro*”, “*gay*” e “*pobre*”) gera uma acumulação de identidades sociais subalternizadas no contexto brasileiro e alude às implicações negativas que podem ocorrer devido ao sujeito assumir tais papéis.

Logo, no excerto 32 ([E32]), derivado do capítulo *Imaginário*, o narrador explana sobre a preocupação em preparar os filhos para lidarem com as questões raciais e cita uma entrevista feita com a jornalista Glória Maria, negra e mãe de duas meninas também negras. A entrevistada, ao abordar as dificuldades em criar as filhas num mundo branco, conta sobre as vezes em que as meninas chegavam da escola e a perguntavam se eram brancas. Ela respondia que, assim como existem pessoas de outras raças com características diversas, também existem os negros: “*Não, você é negra. Tem gente negra, tem gente de pele vermelha, amarela, tem gente alta, baixa, gorda, magra. Tem gente de todos os tipos e nós somos negros*”. Inicialmente, a entrevistada responde à pergunta da filha com uma negação evidenciada pela palavra “*Não*”. Em seguida, na mesma frase afirma: “*você é negra*”. Considerando que a identidade se constrói a partir da alteridade, a resposta de Glória Maria demarca uma diferença e sugere o pertencimento da criança ao grupo racial dos negros.

Na frase “*Tem gente de todos os tipos e nós somos negros*”, a jornalista ressalta, ainda, a diversidade de grupos que formam a sociedade brasileira, ao dizer que “*tem gente de todos os tipos*”. Além disso, remonta a uma identidade coletiva (NOVAES, 1993), empregando, em seguida, o pronome “*nós*”, conforme ressaltamos na análise do excerto D. Ao empregar também o verbo “*ser*” no plural - “*somos*”, Glória Maria se inclui no mesmo grupo que as filhas. Gomes (2005) afirma que a construção da identidade racial se inicia no grupo familiar e depois vai se desdobrando nas relações sociais. Nesse

sentido, a afirmação da negritude entre pais e filhos pode colaborar para construção de uma identidade racial positivada que condicione o sujeito a se posicionar adequadamente sobre o assunto quando necessário. Por isso, tais práticas podem se desdobrar em diversas situações nas quais o sujeito estará envolvido ao longo da vida, como as relações conjugais, trabalhistas, dentre outras.

4.4 AFIRMAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO

Excerto E:

[EE] Lázaro, um negro ator. Lázaro Ramos é um ator negro. Quando digo isso, levo em conta o fato de que nunca se diz de um branco que é ator. Fulano é um ator branco. Levo em conta também o fato de que a adjetivação racial, para um ator negro, não é necessária. [...] E sei que não posso imaginar maior homenagem ou elogio a ele, do que reafirmar o que ele afirma a cada gesto, olhar, som, pensamento, escolha, atitude de sua carreira. Portanto: Lázaro Ramos é um ator negro! [...]. E neste mundo, neste Brasil que exerce tão cruelmente sua democracia racial, gerando mula(to)s e relegando o negro ao papel de figurante em sua história, um negro, quando se faz ator, só o fará bem se fizer ator negro. É um estigma? Sim. É usa marca. O negro é estigmatizado aqui e não há como negar. [...]. O ofício do ator é este: deixar sua marca no mundo para que o mundo se torne diferente do que tem sido. É isso que Lázaro Ramos, o ator negro, tem feito. (RAMOS, 2017, p. 92-93, grifo nosso)

O excerto E ([EE]), assim como o excerto D, também é originário do capítulo “Imaginário” e constituído por fragmentos de um texto escrito por Márcio Meireles, diretor do *Bando de Teatro Olodum*, para homenagear Lázaro Ramos na entrega de um prêmio que o ator recebeu. A voz do diretor foi colocada no livro em formato itálico, indicando uma forma de *heterogeneidade mostrada* (AUTHIER-REVUZ, 1990).

Num primeiro momento, Lázaro Ramos é definido por Meireles como um “*negro ator*”: “*Lázaro, um negro ator*” que apresenta uma inversão. Em seguida, Meireles diz: “*Lázaro Ramos é um ator negro*”, instaurando uma afirmação sobre a frase anterior, produzindo um sentido de conclusão. Meireles deixa entrever que, para ele, tanto a expressão “*negro ator*”, quanto “*ator negro*”, instituem sentidos de diferenciação os quais ele desaprova, dizendo que “*a adjetivação racial, para um ator negro, não é necessária*”. Todavia, postulamos que em “*negro ator*” a palavra “*ator*”, enquanto segundo termo da expressão, não imputa sentidos tão depreciativos, como a palavra “*negro*” em “*ator negro*”, já que foi dada maior ênfase à identidade negra de Lázaro do que a sua profissão de ator. Entretanto admitimos que, ainda assim, a expressão “*negro ator*” evoca uma diferenciação, pois não se diz que ninguém é um “branco ator”.

Poderíamos depreender que a formação “*negro ator*” caberia para especificar outros papéis desempenhados pelo sujeito negro em práticas sociais, principalmente profissionais, que podem gerar estranhamentos, como “negro médico”, “negro engenheiro”, dentre outros.

Posteriormente, ainda em [EE], Meirelles ressalta que nunca se diz que “*fulano é um ator branco*”. O ocultamento da qualificação para o “ator branco” remete a questão de o branco constituir a norma e o imaginário sobre o profissional ator e, por isso, dispensar a especificação. O não uso da expressão “*ator branco*” é similar ao fato de não ser comum se dizer que uma mulher de fenótipo branco é uma “branca bonita”, o que, ao contrário, acontece em relação às mulheres negras.

Quando se quer elogiar uma negra tida como de “boa aparência” é habitual se dizer que essa mulher é uma “morena bonita”. Isso nos leva a ponderar que os traços brancos, como cabelos lisos e loiros, são tidos como padrões de beleza e constituem a normatividade. E o negro quando visto como “bonito(a)” institui uma exceção, um *subgrupo* (CHARAUDEAU, 2008), fundamentando a qualificação. Cabe ressaltar que a mulher ou o homem negro que recebem essa qualificação “positiva”, geralmente, apresentam traços de branco, como tom de pele mais clara, cabelo mais liso ou ondulado e/ou um rosto mais afinado. A palavra “morena” funciona, ainda, como um atenuante para evitar definir o outro como um(a) “negro(a)” bonito(a), já que, no imaginário social, em geral, a estética negra não é valorizada. Nesse domínio, Almeida (2018) sugere que a inserção do negro na publicidade esteja se dando apenas por uma visão mercadológica e não por mudanças sociais efetivas.

Após Meirelles explicitar seu posicionamento contrário à adjetivação racial, ele conclui: “*Portanto: Lázaro Ramos é um ator negro!*”. A exclamação sugere o destaque dado à constatação de que Lázaro Ramos é um “ator negro”, mas atribuindo agora à expressão um novo sentido positivado. Meirelles desenvolve a ideia da relevância da apropriação da subclassificação identitária imputada na expressão “ator negro”, segundo ele, conforme o faz Lázaro Ramos: “*E sei que não posso imaginar maior homenagem ou elogio a ele, do que reafirmar o que ele afirma a cada gesto, olhar, som, pensamento, escolha, atitude de sua carreira*” ([EE]). O diretor propõe que o negro, quando ator, se aposses dos símbolos imbricados na diferenciação posta pela palavra “negro”

relacionados à sua identidade negra e negritude (MUNANGA, 2012, 2015)⁶³ como uma forma de resistência.

Num prisma similar, Ana Lúcia Silva Souza (2009) postula que cabe ao negro não somente resistir, mas também *reexistir*. Souza (2009), inclusive, numa perspectiva racial, cunha o termo *letramentos de reexistência* e discute o poder de agenciamento do movimento *hip hop*. Para ela, os *letramentos de reexistência* consistem num conjunto de práticas sociais da língua escrita e oral, não-lineares, multimodais e heterogêneas que “responsivamente, questionam, contestam, criam e propõem alterações nos moldes e nos espaços já ratificados e socialmente legitimados em relação aos usos da linguagem em sociedade” (SOUZA, 2009, p. 12).

Munanga (2015, p. 15) ressalta que a negritude é “uma reação racial negra a uma agressão racial branca” e esclarece que mais do que um elemento associado a fatores biológicos, tais como cor de pele, a negritude relaciona-se a “história comum que o olhar do mundo ocidental ‘branco’ reuniu sob o nome de negros” (MUNANGA, 2012, p. 12, grifo do autor). A negritude não está atrelada somente à cultura do povo negro que, aliás, se difere internamente, mas, principalmente, ao fato de o povo negro ter sido vítima de tentativas de desumanização, políticas sistêmicas de destruição e ter a existência de suas culturas negadas (MUNANGA, 2012). O pesquisador diferencia os conceitos de *identidade* e *identidade subjetiva*. Esta abarca a forma pela qual o próprio grupo se autodefine, envolvendo a compreensão da identidade racial individual construída a partir de uma coletividade e aproximando-se, portanto, da ideia de letramento racial (MUNANGA, 2012, 2015). Para ele a negritude pode ser vista, ainda, como a “confirmação e construção de uma solidariedade entre as vítimas” (MUNANGA, 2012, p. 12). Por esse viés, pressupomos que a afirmação identitária colocada por Lázaro Ramos e citada por Meirelles pode atuar como uma forma de resgatar aspectos históricos, culturais e biológicos, bem como modos de ser e de agir do negro no Brasil.

Um exemplo atual de negação da cultura negra, conforme aquela citada por Munanga (2012), pode ser visto no ataque às religiões de matriz africana. De acordo com dados do *Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos* levantados pelo G1 via Lei de Acesso à informação (CAPETTI; CANÔNICO, 1999), o número de denúncias

⁶³Kabengele Munanga (2012, 2015) emprega os dois termos com sentidos aproximados, como em: “A negritude e/ou identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental branco, reuniu sob o nome de negros”. (MUNANGA, 2015, p. 20)

e notificações sobre casos de intolerância religiosa cresceu cerca de 47% em 2018, em relação a 2017. E nesses inquéritos foram indiciados sujeitos ligados ao tráfico e ao discurso de igrejas neopentecostais que associam as práticas religiosas dos negros a manifestações malignas.

Ainda em [EE], Meirelles prossegue com a proposta da atribuição de novos sentidos à expressão “*ator negro*”, dizendo que no Brasil, onde se exerce de forma “*tão cruel*” a democracia racial, “*um negro, quando se faz ator, só o fara bem se fizer ator negro*”. Parece que, para o diretor de teatro, cabe ao negro, assim como Lázaro, assumir-se como diferente e atuar como uma espécie de agente⁶⁴ de resistência com base na própria distinção que lhe é atribuída. Michel Foucault em *A ordem do discurso* (1999) afirma que em toda sociedade a produção discursiva é controlada para que seja reduzida a força de eventos incontrolláveis e camuflar os reais mecanismos que regem a constituição social. Desse modo, reconhecer-se como “*ator negro*” e comportar-se a partir dessa qualificação seria, então, uma forma de escapar dessa “engrenagem” e do controle imposto pelo discurso dominante, reinventando-se enquanto sujeito marginalizado.

Ainda no excerto E, Meirelles faz uma pergunta retórica e responde afirmando que o termo “*ator negro*” é um estigma: “*É um estigma? Sim*”. E acrescenta: “*É uma marca. O negro é estigmatizado e não há como negar*” ([EE]). O questionamento, nesse caso, atua para reafirmar o raciocínio desenvolvido pelo diretor, que se refere a apropriação da estigmatização voltada para o sujeito negro e a aceitação de sua “*marca*”, ou seja, das características físicas, históricas, culturais, ideológicas, dentre outras que o faz “*ser negro*”. Dessa maneira, na perspectiva de Meirelles, o negro poderá inserir-se plenamente na disputa por direitos equivalentes e mudanças sociais.

Ainda no enunciado supracitado, Meirelles utiliza os termos “*estigmatizado*” e “*estigma*” que, assim como os de imaginário e estereótipo refere-se a formas utilizadas pelo indivíduo para construir uma imagem do outro ou de si próprio. O conceito de estigma foi discutido por Erving Goffman (2004) para quem tal noção situa-se no nível do pré-concebido e

será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso. (GOFFMAN, 2004)

⁶⁴Sobre a ideia de agente, ver Kleiman (2006).

Desse modo, a noção de “*estigma*”, assim como a de *imaginário sociodiscursivo* (CHARAUDEAU, 2017) e *estereótipo* (LYSARDO-DIAS, 2006, 2007)⁶⁵, tem uma dimensão social. Todavia, diferente destas, no entendimento de Goffman (2004) a ideia de estigma reporta-se apenas a sentidos pejorativos. Ele afirma que os atributos dos indivíduos por si só, não são honrosos nem desonrosos, mas que as pessoas estigmatizadas podem ser consideradas *estragadas*, *diminuídas* e descredibilizadas. Considerando que o autor trabalha numa perspectiva corporal, podemos depreender que os sentidos negativos atribuídos a partir das características físicas dos negros, como cor da pele, cabelo crespo, formas do rosto, dentre outras, são materializadas discursivamente nas interações entre os grupos. Em vista disso, a partir da voz de Meirelles e da conceituação do termo, consideramos que a inferiorização destinada a atores negros por decorrer dessas representações cristalizadas.

Ainda em [EE], no texto de Meirelles há o seguinte enunciado: “*O ofício do ator é este: deixar sua marca no mundo para que o mundo se torne diferente do que tem sido. É isso que Lázaro Ramos, o ator negro, tem feito*”. O termo “*o ator negro*”, assim como em [EB], funciona como um aposto e o dado precedente é enfatizado ou amplificado. Dessa maneira, o texto ressalta o fato de Lázaro Ramos ser reconhecido como um “*ator negro*”, uma vez que seu nome constitui o termo anterior retomado. Porém a expressão “*ator negro*” é acompanhada, ainda, pelo artigo “*o*” que produz um efeito de sentido de determinação e ressalta o fato de o ator representar uma exceção. Os artigos definidos especificam e individualizam seres e objetos (ENSI, [200-?]), de modo similar a palavras/expressões qualificadoras. Comumente, emprega-se o artigo definido para exprimir algo sobre alguém ou algum objeto em grau elevado e/ou em caráter de excelência. Por exemplo, quando se diz “ele é ‘o’ professor” ou “ela é ‘a’ médica” focaliza-se no fato de que dentro do grupo citado esse sujeito se destaca positivamente. Conforme mencionado no exame de [ED], segundo Charaudeau (2008, p. 135), o uso de artigos, dêiticos, dentre outras formas linguísticas, “permite fazer listas de seres (humanos ou não humanos), qualidades, lugares e ações que produzem efeitos discursivos diversos”. Portanto, a definição de Lázaro Ramos como “*o ator negro*” sugere que, dentre os seus pares, ele possui características diferenciadas, produzindo efeitos de classificação.

⁶⁵Temos ciência das especificidades e intersecções entre os conceitos de imaginários sociodiscursivos, estereótipos, imagem de si, representação social e estigma. Todavia, como trabalhamos nesse capítulo com a produtividade dos enunciados, julgamos pertinente, definir cada um desses conceitos, por pressupormos, que eles estão diretamente relacionados aos efeitos de sentido ora constituídos.

Na visão de Meirelles, um dos atributos que fazem com que o narrador institua uma excepcionalidade diz respeito ao fato de ele assumir uma postura de enfrentamento e vigilância para com a ideologia racista que permeia as artes cênicas. Um dos exemplos desse posicionamento ocorre no capítulo *Escolhas* quando ele afirma, por exemplo, ser seletivo na aceitação de convites de trabalho. A título de exemplificação, o narrador assume se orientar por suas convicções em relação à pauta racial para tomar certas decisões na sua carreira. Ele conta que chegou, inclusive, a recusar algumas propostas de trabalho nas quais teria que representar o negro de maneira estereotipada:

[E33] *Recusei muitos trabalhos em que teria que usar uma arma de fogo. Recusei porque a imagem que ficaria era a de um negro com uma arma de fogo na mão... e isso num contexto de normalidade.* (RAMOS, 2017, p. 99)

De acordo com as palavras do narrador, quando teve que usar uma arma em alguma cena ele fez questão de que ficasse subentendido que aquele não era o lugar do personagem e que ele não estava confortável naquela situação. Ainda em [E33], o narrador fala em “*contexto de normalidade*” quando se refere à imagem do negro com a arma na mão. Os discursos normativos que imputam ao negro a imagem de um sujeito marginalizado e violento constituem imaginários, conforme já discutido. Ao questionar os padrões, o enunciador se insere numa disputa simbólica e inclui o leitor na discussão sobre o assunto quando usa terceira pessoa, empregando verbos como “*somos*” e “*estamos*”, como no excerto a seguir ([E34]):

[E34] *Somos acostumados a arrumar tudo em caixas, isso conforta, traz argumentos mais fáceis e, principalmente, não bagunça a dita ordem natural das coisas. Estamos falando aqui de anseio artístico, de abertura de mercado, de construção de valores culturais e também de preconceito.* (RAMOS, 2017, p. 102).

Dessa forma, o narrador retoma também a questão da normatividade com a expressão “*a ordem natural das coisas*”. Nesse sentido, podemos recuperar, novamente, a questão da *ordem do discurso* na visão foucaultiana (FOUCAULT, 1999), já mencionada, que se refere ao controle da produção discursiva para manutenção dos mecanismos de poder. O narrador deixa entrever que a apropriação do seu lugar de “*ator negro*” tenciona, no nível da representação, adequar e ampliar o espaço para o negro no mercado e ressignificar sentidos, valores e saberes de/sobre esses sujeitos.

Em [EE], Meirelles, além de discutir a expressão “*ator negro*” também contribui para que se construa uma imagem discursiva do narrador, principalmente, ao explicitar o modo como ele trata da questão racial em sua profissão. Amossy (2018, p. 91-92) afirma que “como o auditório, o *ethos* é tributário de um imaginário social e se alimenta de

imaginários da sua época”, relacionando-se, portanto, a questões culturais. Além disso, a autora especifica que “é necessário considerar a imagem que se atribui, em um momento preciso à pessoa do locutor ou à categoria da qual ele participa”, bem como levar em conta, dentre outros pontos, a imagem que se faz da categoria social, profissional, étnica, nacional etc., do locutor (AMOSSY, 2018). Nesse sentido, o narrador evoca a *voz* de outro enunciador (Meirelles) que, ao problematizar e propor novos sentidos à expressão “*ator negro*”, traz à tona saberes compartilhados ou uma *voz social* que, por sua vez, manifesta o modo como o sujeito negro, enquanto parte de uma *categoria* (AMOSSY, 2018) étnica, é visto, historicamente, por grande parte da sociedade brasileira. Desse modo, conforme evidenciado em [EA], mesmo ocupando uma posição de privilégio, o narrador não é privado dos imaginários pejorativos atribuídos ao grupo racial ao qual pertence.

Todavia, de acordo com Amossy (2018), o *ethos* também é a imagem que se atribui a um locutor, chamado na perspectiva charaudeana de *Eu enunciador (EUE)* ou *sujeito falante*. Por isso, podemos afirmar que a imagem do narrador construída por Meirelles desloca os sentidos desfavoráveis imputados à expressão “*ator negro*” e constrói a figura do autobiografado como um sujeito (i) ativista, que se afirma racialmente nos gestos, comportamentos e na profissão, quando diz: “*não posso imaginar maior homenagem ou elogio a ele, do que reafirmar o que ele afirma a cada gesto, olhar, som, pensamento, escolha, atitude de sua carreira*”; e de um sujeito (ii) competente, ao assegurar: “*Com isso digo que o ofício de ator, em sua plenitude, é exercido por ele*”.

Também numa perspectiva discursiva, Maingueneau (1993, p. 138) postula que “o que o orador pretende ser, ele dá a entender e ver”. Assim, o leitor poderá associar a imagem discursiva do narrador construída por Meirelles com aquela produzida a partir de sua própria *voz*. No trecho do livro destacado no excerto 35 ([E35]), ele conta que virou motivo de piada entre os amigos pelo fato de não gostar de fazer novela de época para não ter que representar o papel de escravizado, sustentando a sua imagem de militante:

[E35] Sempre me provocavam dizendo “Quando é que você vai fazer uma novela de época?”, eu dizia “Não quero, porque pelo modelo das novelas de época daqui eu vou ser escravo”. Eu não estava (e ainda não estou) a fim de usar calça de algodão cru e ser chicoteado para depois ser salvo por uma mulher branca – a heroína salvadora que em suas anáguas guarda o heroísmo de um X-Men mesmo sem ser mutante e deixa claro que a branquitude é o padrão a ser seguido. E não queria responder no fim das cenas: “Obrigado, sinhazinha”. (RAMOS, 2017, p. 98, grifo do autor)

Assim, continua sendo construída a imagem de um sujeito ativista que na esfera profissional resiste, demonstrando abrir mão de ganhos financeiros, devido ao seu engajamento e militância.

Em [E35] o autor insere entre aspas *a voz* do senso comum, manifestada pela brincadeira feita pelos amigos no questionamento “*Quando é que você vai fazer uma novela de época?*”. Tal indagação traz à tona o *imaginário sociodiscursivo* do “*ator negro*” como aquele que está inapto a desempenhar qualquer papel que não seja o do sujeito escravizado, do subalterno e/ou economicamente desfavorecido, conforme discutido em [EA].

Em seguida, o narrador coloca a sua resposta justificando que o “*padrão*” das novelas “*daqui*” desfavorecem o negro ao submetê-lo, na maioria das vezes, ao papel do escravizado: - “*Não quero, porque pelo modelo das novelas de época daqui eu vou ser escravo*”. Além de ocupar no livro o papel de sujeito autobiografado, ao relatar fatos ocorridos em outros contextos, o narrador traz à tona a questão do sujeito na TS, uma vez que evoca outros papéis sociais por ele desempenhados, enquanto sujeito empírico, como o de amigo. Esse entrecruzamento de posições discursivas é constitutivo da escrita de si, uma vez que, nesse gênero discursivo, são relatadas memórias de vivências “ocorridas” em diversas situações nas quais o sujeito desempenha diferentes papéis.

Ainda no excerto 35, a palavra “*daqui*” funciona como um dêitico e o dado precedente é enfatizado ou amplificado. Dado que consideramos a *dimensão argumentativa* (AMOSSY, 2011) da obra autobiográfica analisada, o dêitico “*daqui*” em [E35] refere-se ao Brasil e descreve uma visão do narrador sobre esse espaço. Acerca da relação entre os dêiticos e o discurso argumentativo, Amossy afirma que

em uma situação de comunicação em que o locutor apresenta seu ponto de vista na língua natural com todos os seus recursos, que compreendem tanto o uso de conectores ou de dêiticos, quanto a pressuposição e o implícito, as marcas de estereotipia, a ambiguidade, a polissemia, a metáfora, a repetição, o ritmo. (AMOSSY, 2011, p. 132-133)

Ou seja, o dêitico “*daqui*” traz o ponto de vista do narrador sobre o “*padrão*”, a norma e/ou a naturalização do lugar do negro no contexto das produções audiovisuais brasileiras. Na perspectiva do narrador, na maioria das vezes, conforme já dito, a mídia em geral relega aos afrodescendentes papéis estereotipados, como aqueles apontados na pesquisa de Vascounto (2016) sobre as novelas, citados no excerto 24. Ainda em [E35], o narrador diz não estar disposto a desempenhar o papel do escravo que sempre é salvo por uma mulher branca, pois, desse modo, ficaria claro que “*a branquitude é o padrão a ser*

seguido”. Ladson-Billings e Tate (1995) e Ladson-Billings (1998), ao tratarem da teoria racial crítica, afirmam que, em uma sociedade racializada, a branquitude é tomada como norma e uma espécie de propriedade. No capítulo *O filtro* o narrador também discorre sobre os privilégios de se ter a pele branca, dizendo:

[E36] *Cor da pele é um patrimônio, nascer com a pele clara e o olho claro dá aos brancos um patrimônio que nós não temos. Não digo isso porque não sei o valor que temos ou podemos ter, mas porque há um mundo que diz que não valemos tanto assim.* (RAMOS, 2017, p. 134)

De acordo com a pesquisa de Piza (1998), citada no exame do excerto D, no que tange aos aspectos da branquitude, a raça é vista como hierarquia, além de diferença. Nesse âmbito, a pele como “*patrimônio*”, conforme descrito pelo narrador, constitui uma característica herdada que confere a sujeitos brancos alguns privilégios, como salários mais altos, ainda que esses indivíduos de pele clara sejam pobres, conforme demonstrado no estudo citado no exame do excerto D (GEORGES, 2018).

Piza (1998) destaca também que uma das mulheres entrevistadas em sua pesquisa disse que ser branco é não precisar refletir sobre isso, tendo a opção de ocultar ou sinalizar a própria branquitude e não se nomear branco(a). Charaudeau (2008, p. 112) afirma que nomear é “dar existência a um ser” e “perceber uma diferença”. Por esse viés, quando Piza (1998) traz um dizer no qual se afirma que ser branco é não precisar “se nomear” é reforçada a constatação do branco como padrão e, por conseguinte, do “*ator negro*” como diferença, já que este precisa ser nomeado por “escapar à normalidade” ou à visão cristalizada do profissional ator.

A branquitude constitui um dos pontos abordados pela teoria racial crítica. Mosley (2010), ao definir o letramento racial, atrela o conceito aos sujeitos brancos, afirmando que:

a perspectiva do letramento racial vai além de transcender ‘performances possíveis’, para uma avaliação crítica do privilégio branco, como ele se manifesta e é reforçado por meio de práticas de letramento. (Mosley, 2010, p. 442)

Nesse sentido, o dizer “*Obrigado, sinhazinha*”, ainda em [E35], insere a voz do sujeito escravizado que responde à “heroína branca” em mais um caso de *heterogeneidade mostrada* (AUTHIER-REVUZ, 1990). Ao se posicionar contra o fato de a ficção colocar o negro no lugar do escravo e daquele que “deve” algum tipo de gratidão ou favor ao branco, o narrador reafirma o seu posicionamento sobre a importância dos símbolos para a construção de uma identidade racial positiva. Além

disso, demonstra como a linguagem pode contribuir para a perpetuação de práticas sociais racistas e determinar papéis e lugares.

Portanto, conforme exemplificamos na análise dos enunciados supracitados, o narrador expõe como a normatividade reproduzida na ficção demonstra a hierarquização socioeconômica que coloca o negro em posições menos favorecidas no contexto brasileiro. O branco ocupa, na maioria das vezes, o lugar do sujeito economicamente favorecido, dono do poder, o dominador e o herói, enquanto o negro é, comumente, visto como um sujeito pobre ou miserável, explorado, subserviente e dependente do branco.

4.5 CARREIRA E EXCEÇÃO

Excerto F:

[EF] Tenho vinte e oito anos de carreira. Comecei aos dez anos e com vinte e três já tinha mais de trinta prêmios, nacionais e internacionais. Sou o ator negro com mais protagonistas na história da TV brasileira: juntando televisão, cinema e teatro, já são mais de quarenta. Tenho recebido carinho do público, alguns elogios da crítica e tenho trabalhado constantemente, em teatro, tv e cinema. (RAMOS, 2017, p. 96)

O excerto F, [EF] *doravante*, é proveniente do capítulo *Escolhas*. Nesta parte do livro, o narrador fala um pouco sobre sua trajetória profissional, as premiações que recebeu, a forma como é tratado pelo público e o reconhecimento nacional e internacional. A expressão “*ator negro*” é empregada quando ele diz: “*sou o ator negro com mais protagonistas na história da TV brasileira [...]*”, utilizada para descrever a si mesmo. A propósito, a mesma expressão a qual ele problematiza em outras partes do livro, como naquela destacada do excerto A.

Conforme já discutido em [EB] e [EC], o narrador também se serve da expressão “*ator negro*” para informar que Gusmão foi o “*primeiro ator negro a se formar numa faculdade de teatro na Bahia*” e para salientar que ele foi a sua “*primeira referência de ator negro*”. Em concordância com o que já foi discutido, inferimos que nestes casos, apesar de carregar uma diferenciação, a especificação “*negro*” foi necessária para completar o sentido dos enunciados, destacar dados históricos, enfatizar, quantificar e informar (primeiro ator negro a se formar na universidade, primeira referência de um negro de destaque no teatro).

No excerto ora analisado ([EF]) o emprego de “*ator negro*” gera efeitos de sentidos similares àqueles suscitados em [EB] e [EC]. Como o próprio narrador salienta no início do parágrafo, a exposição de seu currículo objetiva alcançar um “efeito de comparação” (RAMOS, 2017, p. 96). Ou seja, para ele, foi indispensável ressaltar como, na condição de “*ator negro*”, como tantos outros, ele se considera em alguns aspectos uma exceção. A ponderação sobre o lugar de “privilégio” que o narrador ocupa também é demonstrada no capítulo *Imaginário*, quando ao tratar dos estereótipos do negro na televisão ele diz que esta crítica parece ser incoerente, já que ele tem tido a oportunidade de desempenhar papéis muito diversificados e distantes desses lugares comuns: “[...]. *Veja bem: para mim, que vivi personagens tão diversos, ficar falando sobre esse assunto pode parecer incoerente*” ([E24]).

O caráter de exceção do narrador na posição de “*ator negro*” também é afirmado em [EF] por meio dos dados apresentados, como os “*mais de quarenta*” papéis de protagonistas que desempenhou, somando o teatro, o cinema e a televisão; e os “*mais de trinta prêmios, nacionais e internacionais*” recebidos. Assim, o leitor pode ser levado a se questionar sobre o número de protagonistas negros em relação ao de brancos presentes na televisão, no cinema e no teatro e, conseqüentemente, sobre a questão da representatividade.

Em [EF], assim como os quantificadores supracitados, são mencionados outros números, tais como “*vinte e oito anos de carreira*”, “*trinta prêmios*” aos “*vinte e três anos*”, dentre outros. Conforme já definido, Charaudeau (2008) considera a *quantificação* como um procedimento do *modo de organização do discurso descritivo* e acrescenta que esses números podem produzir efeitos de *subjetividade* e, por vezes, de objetividade. Dessa forma, as frases “*tenho vinte e oito anos de carreira*”, “*comecei aos dez anos*”, “*com vinte e três já tinha mais de trinta prêmios*” podem conferir efeitos de *objetividade* por trazerem dados precisos. Já os quantificadores “*mais de trinta prêmios*” e “*já são mais de quarenta*” comportam uma apreciação do narrador, evidenciada pelas expressões “*mais de*” e, por isso, produzem efeitos de *subjetividade*.

Diante da pressuposição de que o romance autobiográfico em questão possui um forte apelo argumentativo, esses números podem funcionar como dados que conferem credibilidade e assertividade ao dizer do narrador. As quantificações mais subjetivas demonstram como o narrador avalia positivamente a sua carreira, mesmo, segundo ele, diante dos limites que são impostos a ele e a outros “atores negros”.

A expressão “*sou o ator negro*”, além de cumprir uma função informacional e explicativa, também gera sentidos que vão ao encontro a questão da afirmação identitária, como aqueles verificados no exame do excerto D. Luiz Campos (2015) atesta que a afirmação da negritude compreende um projeto político-identitário que se confronta com o tópico da democracia racial que é motivo de dissenso no debate público brasileiro. Ao tangenciar esse tema, o narrador instaura seu posicionamento frente a essa polêmica e define uma tática discursiva na disputa pela superação das diferenças que respaldam tal postura.

CONCLUSÃO

Encerramos o estudo com a conclusão, dividida em dois tópicos: num primeiro momento, expomos os principais desafios manifestados no processo de produção da pesquisa, a síntese dos resultados, assim como uma reflexão sobre as escolhas teóricas e a análise; em seguida, apresentamos as considerações finais, sintetizando aspectos que apontam para a confirmação de nossa hipótese inicial - o fato de a escrita de si, permeada pelas questões de raça, ser capaz de engendrar uma forma de agência para o letramento racial. Destacamos, ainda, as possibilidades de aprofundamento da teoria e da aplicação do letramento racial em futuros estudos a serem desenvolvidos a partir de abordagens discursivas.

RESULTADOS E PERCURSO DE ANÁLISE

Nessa investigação, nos deparamos com algumas limitações, como o grande número de aspectos que poderiam ser examinados na obra e a vasta quantidade de postagens sobre o livro que seriam capazes de mensurar o seu possível funcionamento como instrumento viabilizador de letramento racial. Inicialmente, cogitamos verificar todos os excertos nos quais foi empregado o termo “negro” para observar os contextos, situações, aspectos sociais, culturais ou históricos sobre esses sujeitos aos quais o narrador se referia. Porém, desse modo, o trabalho se estenderia além do desejado. O mesmo ocorreu com as postagens nas quais identificamos entrecruzamentos com o livro que enriqueceriam, demasiadamente, o nosso estudo.

Diante desses impasses, optamos por exemplificar o teor das postagens por meio de duas publicações - uma de uma mulher negra e outra de uma mulher branca. Apesar de este ser um número muito reduzido frente à quantidade de postagens das quais dispúnhamos, avaliamos que esses exemplos eram bastante representativos por trazerem questões presentes na maioria das publicações, tais como os efeitos de identificação com a obra, manifestados pelas imagens e textos dos usuários da rede social que empregaram a *hashtag* homônima ao título do livro - *#naminhapele*.

Na *postagem 1*, da *Internauta A*, negra, distinguimos menções a processos descritos na maioria dos textos das publicações, tais como (i) movimentos de identificação com as proposições do autor; (ii) autopercepção sobre a condição racial; (iii) mudanças de comportamento ao longo da formação identitária; (iv) construção de

autoestima; e (v) valorização das características culturais e estéticas afro. A *postagem 2* também abrangeu temas tratados em outras publicações de brancos, a saber, (i) como o contato com a obra trouxe à tona questões referentes à raça, nunca antes complexificadas; (ii) a descrição de sentimentos de acolhimento e não de repulsa diante dos assuntos tratados no texto; e (iii) a problematização dos privilégios decorrentes da branquitude. Mas, sobretudo, as *postagens 1 e 2* enfatizaram como o discurso ora constituído pode proporcionar a esses leitores a oportunidade de se colocar no lugar do outro (negro), nas situações que vivencia, nas barreiras e dificuldades que lhes são impostas, de acordo com o ponto de vista do narrador. Essas constatações aproximam-se da proposta de alteridade do livro, anunciada no prólogo e na contracapa e são evidenciadas no emprego de expressões como “*eu me senti na sua pele*”, escrita pela autora da *postagem B*, uma mulher branca.

Frente às inúmeras possibilidades de análise, optamos, então, por trabalhar com as ocorrências da expressão “ator negro” por pressupormos que ela poderia interligar-se a aspectos diversos, relativos ao modo como a identidade negra pode afetar os diversos papéis desempenhados pelo sujeito da vida social, na esfera profissional, econômica, afetiva, dentre outras. E essa hipótese também se confirmou, pois, a partir dos seis excertos destacados, pudemos verificar que muitos assuntos relativos aos negros foram mencionados e, assim, conseguimos, inclusive, traçar correspondências entre esses excertos denominamos “principais” e outros trechos do livro que enriqueceram, consideravelmente, a análise, intitulados “excertos secundários”.

No exame dos excertos B e C, por exemplo, nos debruçamos sobre o fato de a expressão “*ator negro*” ser precedida de números ordinais, tais como “*primeiro*” e “*primeira*”, quando o narrador enfatiza determinados feitos realizados por negros. Constatamos que em outras partes do livro essa *enumeração* (CHARAUDEAU, 2008) se repetia, como em “*primeiro protagonista negro*” ([E17]) e “*primeiro galã negro*” ([E18]) ou em outras expressões de *quantificação* (CHARAUDEAU, 2008), tais como “*único negro*” ([E19]) e “*poucos negros*” ([E20]). Ao mesmo tempo que o destaque dado a esses lugares/posições ocupados por negros são enfatizados, criando efeitos de sentido classificação, em razão de constituírem casos atípicos, tais termos podem fortalecer o discurso meritocrático, subliminarmente, deixando a seguinte mensagem: “se esses sujeitos, mesmo diante de todas adversidades, conseguiram, todos podem conseguir. Basta que se esforcem”.

Conseguimos relacionar, ainda, ao longo da análise no quarto capítulo, outros aspectos, tais como as diversas formações com a palavra “negro” que, assim como a expressão “*ator negro*” manifestavam qualificações: “*personagens negros*” ([E7]), “*protagonistas negros*” ([E10]), “*menino negro*” ([E11]), “*amor negro*” ([E16]), dentre outras. Articulamos também expressões que notabilizaram a identidade negra, tais como “*ser negro*” ([E29]), “*éramos negro*” ([E30]), “*era negro*” ([E31]) e “*nós somos negros*” ([E32]).

Ao longo da construção do trabalho identificamos aspectos que nos fizeram retomar e reconstruir algumas partes do referencial teórico, por exemplo, quando notamos que o discurso construído por Lázaro Ramos manifestava, na maioria das vezes, explicitamente, outros dizeres. Assim, recorremos à Bakhtin (2002, 2010) e tratamos esses enunciados a partir do conceito de *voz* que perpassa a sua teoria. O fato de considerarmos também a importância da capa para discutirmos o letramento racial fez com que buscássemos uma teoria que nos fornecesse o aporte para examinar os tópicos que a constituem, tais como a parte verbal e a fotografia do rosto do autor nela estampada. Desse modo, as formulações teórico-metodológicas de Mendes (2013) a respeito da *verboiconicidade* se adaptaram satisfatoriamente aos nossos objetivos.

As concepções teóricas que alicerçaram o trabalho apresentadas, sobretudo, no primeiro e no terceiro capítulo, deixam entrever as possibilidades do estabelecimento de diálogos entre a Teoria Semiolinguística de Charaudeau (2008) com os estudos raciais, as teorias dos letramentos e os estudos sobre a linguagem verbo-imagética por nós evocados. Isso aponta para a natureza ampla e expansiva da teoria charaudeana.

Conforme pressuposto e explicitado nas análises no terceiro e no quarto capítulo, atestamos uma *dimensão argumentativa* (AMOSSY, 2011) que direciona o olhar do leitor para os pontos de vista do narrador acerca das questões raciais. Todavia, como ressalta Charaudeau (2008), a influência é um princípio da própria linguagem e alguns gêneros podem se mostrar mais ou menos persuasivos que outros. Nesse ponto, os *modos de organização do discurso* cunhados pelo linguista francês se fizeram pertinentes, uma vez que não enquadram os gêneros textuais em categorias fechadas, mas preveem que, dependendo da finalidade comunicativa, eles podem compartilhar algumas características. Isso permite respaldar a ideia de um texto narrativo tender, fortemente, à persuasão.

Assim, o texto autobiográfico, como o de *Na minha pele*, a priori narrativo, pode manifestar um propósito de convencimento, pois, os diversos *procedimentos discursivos*, do *modo de organização do discurso argumentativo*, utilizados pelo narrador podem persuadir o leitor. As *citações*, por exemplo, conferiram efeitos de veracidade e credibilidade ao seu dizer; e os *questionamentos*, reiteradamente, convocaram o leitor ao diálogo e a se posicionar diante dos temas tratados.

Esse comportamento *alocutivo* pode ter sido fundamental para o engajamento dos interlocutores de Lázaro Ramos com a obra, manifestado nas redes sociais, tendo em vista que o leitor é instado a assumir uma posição diante dos fatos relatados que envolvem o tópico racial. Essa incitação à tomada de decisões sugere que a conscientização avance para o nível acional, atestando que essas interpelações se acordam às proposições dos letramentos críticos e do próprio letramento racial por pressuporem descolamentos de sentidos sedimentados e até intervenções.

Quanto aos pressupostos teóricos inseridos no primeiro capítulo, consideramos que a delimitação das conceituações abordadas nos estudos raciais colaborou para que pudéssemos depreender os efeitos de sentido instituídos em trechos que remetiam a ideias como a de discriminação, preconceito, identidade negra e, principalmente, de raça. Esta, objeto de posicionamentos divergentes, conforme ressaltado, foi por nós entendida não pelo viés do determinismo biológico, mas sim como uma construção cultural, histórica, cultural e ideológica, assim como a noção de etnia. E, por isso, foi possível tratar o letramento racial como algo construído contextualmente, tendo como princípio norteador a apreensão da formação das identidades sociais de raça.

Já as teorizações sobre os letramentos, inseridas numa perspectiva temporal, contribuíram para demonstrarmos como os estudos sobre o letramento foram se modificando e se tornando mais especificados ao longo das últimas décadas. Nesse sentido, os novos letramentos, os multiletramentos e os letramentos críticos nos permitiram conjecturar a possibilidade de o livro *Na minha pele* e as publicações por ele suscitadas engendrarem processos de letramento racial.

As formulações teóricas sobre o letramento cunhadas por Soares (2017) dialogaram com a ideia de letramento racial por atrelarem aos letramentos alguns princípios relacionados às práticas sociais, tais como mudanças de lugares e posições sociais, modos de viver, de se relacionar e de se perceber. Essas elaborações sustentaram o entendimento do letramento racial como um estado adquirido pelo sujeito negro e

branco após o contato com práticas letradas, tais como uma narrativa de experiências individuais construída por um sujeito negro.

Conjecturamos, portanto, que o discurso ora produzido no livro *Na minha pele* foi capaz de gerar problematizações e formas de apreensão sobre o funcionamento de estruturas de poder e de sistemas de exclusão, opressão e violência física e simbólica contra os negros. Tais reflexões são viabilizadas na narrativa por meio do questionamento de construções linguístico-discursivas sedimentadas que constituem e mantêm representações negativas sobre os afrodescendentes. Um exemplo dessas formações identificadas na análise se dá com a própria expressão “ator negro”, que reforça e confere visibilidade a imaginários sobre o negro que induzem a estranhamentos e impedimentos de acesso a espaços e posições de prestígio social, como aquela ocupada pelo autor. Essa resistência é demonstrada, principalmente, quando um ator negro chega a desempenhar papéis de sujeitos “bem-sucedidos”, econômica e socialmente.

Além do mais, também a partir das formulações sobre os letramentos reiteramos que a motivação e o fornecimento de instrumentos, como a possibilidade de produção e disseminação de histórias individuais, pode permitir ao sujeito compreender como as práticas de letramento estão atreladas a desigualdades e levá-lo a reconhecer a sua identidade e o modo como a cor da pele pode determinar funções e lugares. O pensamento crítico é capaz de fazer com que o negro se torne mais questionador quanto a valores, tradições e saberes instituídos socialmente.

Ao examinar a capa do livro do livro *Na minha pele*, constatamos que ela pode condensar, simbolizar e estabelecer uma relação icônica com a narrativa, tendo em vista que o signo pele (negra), presente na imagem da fotografia do autor e na metáfora construída no título, aglutina os acontecimentos relatados, atravessados, de um modo geral, pela questão racial. Tal tangenciamento temático pode ser verificado nos excertos analisados no quarto capítulo.

Constatamos, ainda, que o título passou a funcionar como um *hiperlink*. A *hashtag* #naminhapele permite a publicação e o acesso a vários textos sobre o livro e, por conseguinte, sobre as questões por ele destacadas. Nesse sentido, tais conclusões apontam para a importância do letramento digital e do multiletramento em uma sociedade cada vez mais tecnológica, na qual o apelo à imagem se faz crescente, principalmente, no ambiente virtual.

Ainda discorrendo sobre a capa, pressupomos que o destaque dado ao rosto negro em uma capa pode ter o valor de um ato de resistência frente ao atual momento político no qual há uma intensificação de discursos de afirmação e em defesa dos subalternos, por um lado; e uma evidente ascensão de discursos conservadores de ódio e violência com tendências de extrema-direita, por outro.

Tanto a capa do livro, quanto as postagens dela decorrentes constituem textos multimodais já que apresentam formas verbais e imagéticas e evocam multiletramentos. A partir das características do multiletramento apontadas por Rojo (2012, 2013), depreendemos que a leitura e a escrita em práticas multiletradas requerem um posicionamento crítico do sujeito, que para compreender o texto multimodal deve ser capaz de apreender os sentidos ocultados, os diálogos estabelecidos com outros discursos e saberes cristalizados e perceber se o texto reforça ou contesta discursos de dominação e de poder.

A fotografia no formato de retrato também pode demonstrar ao leitor a percepção que o narrador tem de sua imagem e, conseqüentemente, de sua identidade social de raça. O título *Na minha pele* mobiliza, ainda, os sentidos constituídos por essa metáfora, reforçando o pressuposto bakhtiniano sobre o fato de os discursos de constituírem a partir de uma cadeia de sentidos.

As elaborações teórico-metodológicas de Mendes (2011) possibilitaram abordar aspectos enunciativos, retóricos, formais e discursivos sugeridos pela capa do livro. O fato de a autora calcar suas formulações na Teoria Semiociológica, atrelando, inclusive, os *modos de organização do discurso* à *verboiconicidade* alinhou-se com nosso embasamento teórico. As categorias de *factualidade* e *efeitos de real* por ela propostas, se comparadas ao conteúdo das postagens, indicam o quanto a escrita autobiográfica é tomada como um discurso que reproduz o real e gera efeitos de verdade. Nessa lógica, não encontramos nenhum texto nas publicações que contestasse a veracidade dos relatos e afirmações do narrador.

As postagens analisadas também demonstraram o quanto a escrita e os temas tratados pelo autor podem se constituir como instrumentos agenciadores de letramento racial, considerando que expressam reflexões, conhecimentos, comportamentos e ressignificações referentes às questões de raça. Tais aspectos podem ser observados no emprego de expressões como: “*aprendizado*” e “*refletir*” na *postagem 1*; e outras como “*questões que sequer tinha imaginado*”, “*cada reflexão é real*” e “*pensando em várias questões*”, mostradas na *postagem 2*. Tais formações linguísticas vão ao encontro da

noção de letramento racial proposta por Skerret (2011, apud FERREIRA, 2015) que pressupõe uma compreensão, ou seja, uma reflexão e um entendimento de aspectos relativos à raça em contextos diversos. Do mesmo modo, as pontuações feitas pela *internauta B* na *postagem 2* convergem para a proposta de letramento racial elaborada por Twine e Steinbugler (2006) que se voltam para uma leitura crítica da realidade imposta pela branquitude.

No capítulo quatro, por meio do exame dos excertos que continham a expressão “ator negro”, verificamos que, na maioria das vezes, o termo evoca imaginários e saberes compartilhados socialmente sobre o negro que incitam e justificam a qualificação e a adjetivação que se fazem presentes. Esses imaginários, decorrentes de representações de orientação depreciativa do/sobre os negros, conferem a eles as imagens de sujeitos com pouca aptidão intelectual, aptos à servidão e inaptos a ocupar posições de superioridade. Por isso, podem ocorrer estranhamentos quando um negro ocupa o lugar de ator, médico, executivo, engenheiro, arquiteto ou mesmo quando um “ator negro” representa na ficção esses sujeitos bem vistos na sociedade, tal como conta o narrador.

O “ator negro” precisa ser qualificado como “negro”, pois, constitui um deslocamento da norma social e dos meios em que circula, principalmente, quando ocupa posições de prestígio social. Dessa forma, o narrador concede visibilidade e pode produzir algum conhecimento sobre o modo como o pertencimento racial pode acarretar experiências negativas aos negros no âmbito profissional, através de estruturas de poder e exclusão. Ao mesmo tempo, a diferenciação destinada aos “atores negros” aponta para outras formas de distinção destinadas a esses sujeitos que se dão em contextos diversos, tais como padrões estéticos e formas de nomeação, como em “*protagonistas negros*” ([E10]), “*galã negro*” ([E18]) e “*meninos negros*” ([E11]).

Entretanto, nos excertos B, C e F o próprio narrador emprega o termo “*ator negro*”, o qual refuta e questiona em outros trechos. Conforme pontuado na análise, acreditamos que estes usos tenham se dado de forma consciente, pois, tanto em [EB] quanto em [EC], a qualificação “*negro*” se justifica para cumprir uma função explicativa e pontuar que o sujeito ao qual ele se refere ocupa/ocupou lugares de destaque no meio em que vive/vivia.

Em [EF], o narrador faz referência a si mesmo como um “*ator negro*” num contexto no qual descreve como seu currículo se diferencia da maioria dos atores que compartilham de sua identidade racial. Essa questão confere notoriedade ao fato de a sociedade tender a enquadrar os sujeitos em padrões, pré-conceber ideias sobre um

determinado grupo e limitar o seu espaço de atuação e mobilidade. Todavia, nomeações como a de “*ator negro*”, por vezes, se fazem necessárias para demarcar uma origem, uma posição e/ou um lugar de fala. O que se polemiza, portanto, é o fato de reduzir o sujeito a um único papel social que ele ocupa e a conjuntura decorrente das representações sociais que associa(m) a(s) identidade(s) a significados depreciativos, fazendo com que a raça funcione como um instrumento de controle social.

Também ao longo da análise no quarto capítulo averiguamos que a manifestação de outras vozes nas palavras do narrador, enquanto enunciador, é recorrente. Quase sempre esses dizeres outros são marcados com aspas, itálico e travessões e demonstram como o negro é interpelado pelo discurso normativo e como ele o assimila. Partindo da perspectiva bakhtiniana, consideramos que essas *vozes sociais* evidenciam os embates entre visões de mundo divergentes e o dissenso constitutivo das relações em sociedade sobre temas diversos tal como o racismo. A problematização da expressão “ator negro” foi capaz de demonstrar, ainda, que alguns termos que reproduzem discriminações não são complexificados pelos usuários da língua, devido ao modo como determinados saberes estão disseminados e naturalizados no imaginário e no inconsciente coletivo.

O emprego de numerais como “*primeiro*” em [EB] e [EC], por exemplo, e quantificadores como “*poucos*” ([E20]) e “*pouquíssimos*” ([E22]), acompanhando a palavra “*negro(s)*”, indicam o quanto o negro, ainda, é privado de frequentar alguns lugares, principalmente, onde se demanda certo poder aquisitivo. O fato de os negros ocuparem as classes menos favorecidas economicamente sugere, do mesmo modo, a diferença de oportunidades e remunerações entre negros e brancos, mesmo em ocupações de menor prestígio, como expõem as pesquisas citadas.

Postulamos, assim, que o livro pode se constituir como uma agência de letramento racial não só por sua constituição formal, no uso de nomeações, qualificações, enumerações, quantificadores, interpelações, metáforas, intertextos, citações, dentre outros recursos, mas, especialmente, pelos temas que aciona, relacionados à questão racial. Os mais recorrentes foram: (i) a representatividade, discutida no universo televisivo, cinematográfico, nas produções infantis e na publicidade; (ii) a autoestima e a valorização estética, tratada nos relatos da infância, nos contatos com pessoas e grupos pelos quais dispensava admiração, e na descrição da postura da atual juventude negra; (iii) a afetividade, nas exposições sobre o modo como se relacionava com os parentes mais próximos, a esposa, os filhos e também, ao discutir a desvalorização do amor entre negros e a solidão da mulher negra; (iv) a afirmação da raça e a postura de militância, quando

confessa que já recusou trabalhos que estavam em desacordo com seus princípios, quando conta sobre o seu engajamento em movimentos de negros e na maneira como tenta introduzir a pauta racial nas relações com os seus amigos e os dos filhos; (v) as decorrências do racismo, tais como os estranhamentos gerados quando o negro rompe os padrões se fazendo ator, protagonista ou ocupando um lugar de destaque, como a capa de uma revista; do mesmo modo, quando é vítima da violência policial e doméstica, de julgamentos racializados e da hipersensualização.

O fato de o narrador não estabelecer em seu discurso uma disputa interracial pode ser apontado como um aspecto que contribui para a considerável aceitação do livro também por sujeitos brancos e por pessoas que deslegitimam a questão racial. Raramente, ele se coloca, explicitamente, numa posição de comparação e embate com o branco ou com os sujeitos ou estruturas que julga responsáveis pelas situações que repudia.

O autor, mesmo ocupando, atualmente, um lugar privilegiado, relata que, ainda, experimenta o racismo. Assim, propõe, de modo geral no decurso da obra, que é preciso decolonizar o pensamento da sociedade brasileira, dar voz de comando aos negros, descentralizar as referências culturais e ler o mundo criticamente, pelo viés da raça.

Conjecturamos que no mínimo quatro movimentos de letramento se delineiam em nosso material de análise. O primeiro concerne num processo de letramento racial, constituindo-se nas experiências de vida do próprio narrador que são relatadas. O segundo é aquele que perfaz a própria construção linguístico-discursiva do livro, os temas, exemplificações e problematizações apresentados. O terceiro pressupõe práticas de leitura e escrita críticas para apreensão dos sentidos ora produzidos. Já o quarto, é evidenciado pela escrita das publicações tangenciadas pela temática racial. E, nesse *continuum* podemos apontar também um letramento racial capaz de ser concebido a partir da leitura das postagens sobre o livro, envolvendo outros usuários da rede social. Nesse sentido, ousamos afirmar que tais movimentos indicam a manifestação de processos discursivos relacionados ao que denominamos como “multiletramento racial”, tendo em vista que apontam para práticas letradas que envolvem aspectos raciais, culturais e, principalmente, semióticos diversos.

Charaudeau (2017) propõe que as representações se constituem nos discursos narrativos e argumentativos. Desse modo, o livro *Na minha pele*, agregando esses dois *modos de organização do discurso* pode constituir um contradiscurso capaz de participar de processos que envolvam inusitadas construções discursivas que proponham a

positivação da imagem do/sobre do negro e, conseqüentemente, a construção de novas representações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar o modo como a escrita de si, atravessada pelas questões raciais, pode funcionar como uma forma de agência para o letramento racial. Partindo de uma perspectiva discursiva e, portanto, contextualizada social e historicamente, buscamos explicitar, a partir da análise do livro *Na minha pele*, a autobiografia de Lázaro Ramos, como uma obra é capaz de compor processos de letramento racial. Almejamos demonstrar, sobremaneira, como a narrativa de experiências individuais, perpassadas pela raça e pelo racismo, pode suscitar a compreensão dos mecanismos de desigualdade, discriminação e opressão racial que operam na sociedade. Do mesmo modo, salientamos a propensão do discurso constituído pelo narrador para ressignificar identidades, lugares e papéis sociais.

Em relação ao nosso questionamento inicial - se a obra pode funcionar como uma ferramenta de letramento racial - a resposta é afirmativa: ela assim se delineou desde o primeiro contato que obtivemos com as postagens sobre a narrativa; também os textos publicados na rede social *Instagram* e a capa do livro sobre o rosto dos internautas já traziam relatos sobre a linguagem aproximadora e o caráter problematizador, conscientizador e formador da obra. Com o desenrolar da pesquisa e o aprofundamento no material analisado, verificamos o seu potencial agenciador e buscamos apontar quais características poderiam fazer de *Na minha pele* mais que um livro de memórias.

Consideramos que a história de vida do narrador, assim como os posicionamentos relativos à questão racial por ele assumidos, podem criar efeitos de sentido associados a formas de inspiração, orgulho da raça, autoestima e engajamento social, na disputa por equidade nas relações e nos espaços institucionais.

É importante destacar que, assim como o autor, postulamos que a distância entre o negro e relações mais justas vem se estreitando. Cada dia mais, os negros estão presentes na publicidade, nas produções para o público infantil e em outros espaços onde era ocultado. Todavia, é preciso estar atento se, porventura, essa inserção não atenda, simplesmente, a uma demanda mercadológica e/ou reproduza visões estereotipadas.

O letramento racial, assim como outros letramentos vernaculares, surge como uma tentativa de reparação e diminuição das desigualdades. Nesse domínio, as redes sociais têm propiciado a viabilização de novos letramentos, preenchendo, muitas vezes, lacunas deixadas pelo ensino regular. Ressaltamos a importância e a imprescindibilidade da inserção do letramento racial e crítico no currículo escolar. Entretanto, nos propomos a enfatizar como a produção e a leitura de histórias individuais - que podem acontecer em diversos ambientes não escolares - e o letramento digital, por nós abordado com o exemplo do uso das redes sociais, podem agenciar subversões à ordem imposta pelo discurso hegemônico e constituir espaços de reinvenção identitária e transgressão social, se operacionalizados, sobretudo, de modo crítico e estratégico, conforme propõe o letramento racial.

Reiteramos que nos empenhamos em abarcar na análise o maior número de elementos que pudessem contribuir para uma aplicação piloto do letramento racial numa dissertação de mestrado e que os resultados produzidos pela pesquisa foram satisfatórios.

Cabe pontuar, do mesmo modo, que o trabalho com o livro *Na minha pele* e com as postagens por ele suscitadas mobilizaram efeitos de sentido voltados à ideia de letramento racial na própria pesquisadora. Na condição de mulher e negra, muitas vezes, ao longo desse processo de pesquisa, refleti sobre algumas questões até então não complexificadas, tais como apelidos na infância, olhares de desconfiança e algumas dificuldades vivenciadas em relações de trabalho, afetivas, entre amigos, dentre outras. Todavia, diferentemente de muitos negros, tive oportunidades de ocupar espaços e posições negadas a muitos, como promoções a postos de chefia em alguns empregos e o ingresso no ensino superior público e na pós-graduação, por exemplo. Diante disso, tive que me atentar, constantemente, para manter um distanciamento e a objetividade requerida pela escrita acadêmica, diante dos fatos analisados. Porém sabemos que no âmbito da análise do discurso as escolhas feitas pelo pesquisador nunca são neutras e, por isso, assumimos que essa dissertação diz de uma pesquisadora comprometida com questões de seu tempo.

Por vezes, o narrador discorre sobre o fato de suas vivências configurarem um caso de exceção frente aos seus pares. Talvez essa seja a relevância da obra: mostrar que é possível romper com as barreiras impostas pela estrutura social e ocupar lugares e posições de difícil acesso para a maioria dos negros, tais como a universidade, profissões prestigiadas e bem remuneradas, destaque positivado na mídia, dentre outros.

A repercussão da obra, atestada pelos discursos que gerou, como postagens de rede social, assegura a presença de outros sujeitos que assim como Lázaro Ramos estão dispostos a expor o modo como o racismo afeta suas experiências cotidianas, bem como a contestar e complexificar a questão racial. Postulamos, ainda, que essa pesquisa também pode se inserir nessa cadeia de engendrar processos de letramento racial, tendo em vista que confere visibilidade à relação entre raça, identidades e autobiografias e demonstra, por meio das análises do livro e das postagens, como o falar sobre si pode afetar uma coletividade.

Esperamos que futuros estudos contribuam para promover, consolidar o tema e ampliar a sua sustentação teórica e, por isso, desejamos continuar pesquisando o letramento racial, tema de relevância para toda a sociedade já que o racismo é um problema institucionalizado. Apesar dos avanços nos indicadores socioeconômicos da população negra no contexto brasileiro, a busca por ações coletivas que promovam equidade e aproximem a realidade de brancos e negros ainda é necessária. Por fim, assim como sugere Lázaro Ramos em *Na minha pele*, presumimos que é preciso ampliar e qualificar o debate sobre a pauta racial, bem como o engajamento e a militância em causas que visem transformações relativas às demandas de grupos subalternizados, como os negros, de forma contínua e sistemática.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No seu pescoço**. Tradução Julia Romeu São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ALMEIDA, Sílvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Justificando, 2018.
- ALVES, C. **Virou regra?** São Paulo: Scortecci, 2010.
- AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Tradução Angela M. S. Corrêa. et al. São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, Ruth. Argumentação e análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.1, p. 129-144, nov. 2011.
- ANISTIA Internacional Brasil. **Jovens negros vivos**. 2019. Disponível em: <<https://anistia.org.br/campanhas/jovemnegrovivo/>>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- ARAÚJO, J. Z. **A negação do Brasil** (Documentário). São Paulo, 2000, 1h32min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PrrR2jgSf9M>>. Acesso em: 24 ago. 2019.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. **Por uma filosofia do ato responsável**. Tradução Valdemir Miotello; Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- BANDO de Teatro Olodum. **Literafro: o portal da literatura Afro-Brasileira**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, out. 2018. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/teatro/grupos/1101-bando-de-teatro-olodum>>. Acesso em: 06 fev. 2019.
- BAUMAN, Zigmund. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.
- BELL, Lee Ane. Telling tales: what stories can teach us about racismo. **Race Ethnicity and Education**, v. 6, n. 1, p. 3-28, 2003.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila; Eliana Lourenço da Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: Secretaria Especial de Política de Promoção de Igualdade Racial/Ministério da Educação, 2005.

BRASIL. Lei Complementar nº 150, de 1º de junho de 2015. Dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico; altera as Leis nº 8.212, de 24 de julho de 1991, nº 8.213, de 24 de julho de 1991, e nº 11.196, de 21 de novembro de 2005; revoga o inciso I do art. 3º da Lei nº 8.009, de 29 de março de 1990, o art. 36 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, a Lei nº 5.859, de 11 de dezembro de 1972, e o inciso VII do art. 12 da Lei nº 9.250, de 26 de dezembro 1995; e dá outras providências. **Planalto**, Poder Executivo, Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp150.htm>. Acesso em: 23 jun. 2019.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Planalto**, Poder Executivo, Brasília, 2003. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10639-9-janeiro-2003-493157-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 16 mar. 2019.

BRASIL. Lei nº 10.826, de 22 de dezembro de 2003. Dispõe sobre registro, posse e comercialização de armas de fogo e munição, sobre o Sistema Nacional de Armas – Sinarm, define crimes e dá outras providências. **Planalto**, Poder Executivo, Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.826.htm>. Acesso em: 26 jun. 2019.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Planalto**, Poder Executivo, Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm>. Acesso em: 15 jun. 2019.

BRASIL. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. **Planalto**, Poder Executivo, Brasília, 1989. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm>. Acesso em: 04 ago. 2019.

CAMPOS, Luiz A. “O negro é povo no Brasil”: afirmação da negritude e democracia racial em Alberto Guerreiro Ramos (1948-1955). **Caderno CrH**, Salvador, v. 28, n. 73, p. 91-110, jan./abr, 2015.

CANCLINI, Néstor G. **Leitores, espectadores e internauta**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CAPETTI, Pedro; CANÔNICO, Marco Aurélio. Denúncias de ataques a religiões de matriz africana sobem 47% no país. **O Globo**, 26 jan. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/denuncias-de-ataques-religioes-de-matriz-africana-sobem-47-no-pais-23400711>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

CARSON, Clayborne (Org.). **A autobiografia de Martin Luther King**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

CARVALHO, Ana Isabel. S. de. **A capa do livro: o objecto, o contexto, o processo**. 2008. 98f. Dissertação (Mestrado em Design da Imagem). Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto, Porto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E.; MACHADO I. L. (Org.). **As emoções no discurso**, v. 2. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Tradução André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. In: **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. Pathos e discurso político. In: MACHADO, I. L.; MENEZES, W.; MENDES, E. (Org.). **As emoções no discurso**, v. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

CLANDININ, Jean D.; CONNELLY, F. Michael. Personal experience methods. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. S. (Org.). **Collecting and interpreting qualitative materials**. London: Sage Publications, 1998, p. 150-158.

COSTA LEITE, Patrícia M. C. **Nossa! Nunca imaginei preparar uma aula desse jeito**: os letramentos críticos na formação inicial de professores de língua inglesa. 2017, 469 f. Tese (Doutorado em Letras). FALE/UFMG, Belo Horizonte, 2017.

COURTINE, Jean-Jacques; HAROCHE, Claudine. **História do rosto**: exprimir e calar as suas emoções (do século XVI ao século XIX). Tradução Ana Moura. São Paulo: Teorema, 1988.

CRUZ, Isabel C. F. A sexualidade, a saúde reprodutiva e a violência contra a mulher negra: aspectos de interesse para assistência de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 38, n. 4, p. 448-457, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução Aurélio Guerra Neto et al. v. 3, Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. (Coleção TRANS).

DIAS, Claudiene. **Hashtags sob o viés da semântica da enunciação**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

DIAS, Romar S. **Desafios enfrentados por alunos de classes sociais menos favorecidas rumo à aprendizagem de inglês**: uma questão de identidades. 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

DIAS, Romar S.; MASTRELLA-DE-ANDRADE, Mariana R. Narrativas de Professores: identidades sociais de raça e classe no processo de ensino-aprendizagem de inglês. In: **Narrativas de identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em estudos de linguagem**. FERREIRA, A. de J. (Org.). Campinas: Pontes Editores, 2015.

DIONISIO, Angela P. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita (atividades). In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (Org.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ENSI, Peter. Classes gramaticais – artigo, interjeição e numeral. **Nova gramática online** [200-?]. Disponível em:

<http://www.novagramaticaonline.com/2014/12/gramatica-online-classes-gramaticais_4.html>. Acesso em: 10 jun. 2019.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Formações de professores raça/etnia: reflexões e sugestões de materiais do ensino de português e inglês**. 2 ed. Cascavél: Assoeste, 2006.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Identidades sociais, letramento visual e letramento crítico: imagem na mídia acerca de raça/etnia. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 31, n. 1, p. 193-215, 2012.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Narrativas autobiográficas de professor/es de línguas na universidade: letramento racial crítico e teoria racial crítica. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus. (Org.). **Narrativas de identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em estudos de linguagem**. Campinas: Pontes Editores, 2015.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. **Revista da ABPN**, Uberlândia, v. 6, n. 14, p. 236-263, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura F. de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Ana Karina M. de. Psicodinâmica das cores em comunicação. **Nuclon – Núcleo de comunicação**. Limeira: a. 4, n. 12, out./dez. 2007.

FREITAS, Maria Teresa. Letramento digital e formação de professores. In: **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 335-352, jul./dez. 2010.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**, 50 ed. São Paulo: Global Editora. 2005

GANDIN, Luís A.; DINIZ-PEREIRA, Júlio E.; HIPÓLITO, Álvaro M. Para além de uma educação multicultural: teoria racial crítica, pedagogia culturalmente relevante e formação docente. (entrevista com a professora Gloria Ladson-Billings). In: **Educação & Sociedade**, v. 79, p. 275-293, 2002.

GEE, James P.; HAYES, Elisabeth. **Language and learning in the digital age**. Routledge: New York, 2011.

GELEDÉS Instituto da Mulher Negra. Questão racial: significado de blackface. **Geledés**, 20 set. 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/significado-de-blackface/>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

GEORGES, Rafael. **País estagnado: um relato das desigualdades brasileiras 2018**. Brasil: OXFAM, 26 nov. 2018. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/relatorio_desigualdade_2018_pais_estagnado_digital.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2019.

- GIL, Gilberto; ZAPPA, Regina. **Gilberto bem perto**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2013.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004 [1975].
- GOMES, Nilma L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília: MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. p. 39-62.
- GUIMARÃES, Antônio S. A. Raça e os estudos de relações raciais no Brasil. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 54, p. 147-156, jul. 1999.
- GUIMARÃES, Pedro M. No rosto, lê-se o homem: a fisiognomia no cinema – by the face we read the man: physiognomy in film. **Significação**, Campinas, v. 43, n. 46, p. 86-105, 2016.
- GUINIER, Lani. From racial liberalism to racial literacy: Brown v. Board of Education and the interest-divergence dilemma. **The Journal of American History**, v. 91, n. 1, p. 92-118, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. São Paulo: Editora DP&A, 2001.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovík. Tradução Adelaine La Guardia et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- IBGE. Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Estudos e pesquisas**: informação demográfica e socioeconômica, Rio de Janeiro, n. 38, 08 jun. 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2019.
- IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD. População. 2017. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=4>. Acesso em: 09 jun. 2019.
- IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua. 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?edicao=23841&t=destaques>>. Acesso em: 24 abr. 2019.
- ILÊ Aiyê. **Ilê Aiyê Perfil Azeviche**: sobre. [20--]. Disponível em: <<http://www.ileaiyeoficial.com/bio/>>. Acesso em: 30 jan. 2019.
- JACCOUD, Luciana; BEGHIN, Nathalie. **Brasil**: desigualdades raciais no um balanço da intervenção governamental. Brasília: Ipea, 2002.

- KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.
- KENY, Daniel. O negro na ditadura militar. **Revista Raça**, São Paulo, ed. 189, out. 2016. Disponível em: <<https://revistaraca.com.br/o-negro-na-ditadura-militar/>>. Acesso em: 29 abr. 2019.
- KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.) **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- KLEIMAN, Angela B. Processos identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento. In: CORREA, M.; BOCH, F. (Org.) **Ensino de língua: representação e letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.
- KOCH, Ingedore. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KRISTEVA, Júlia. **Introdução a semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LADSON-BILLINGS, Glória. Just what is critical race theory and what's it doing in a nice field like education? **Qualitative Studies in Education**, v. 11, n. 1, p. 7-24, 1998.
- LADSON-BILLINGS, Glória; TATE, William. Towards a critical race theory of education. **Teachers College Record**, v. 97, n. 1, p. 47-67, 1995.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LE MOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LE MOS, Mariana. **A afetividade das mulheres negras**. 2016. Disponível em: <<http://lugardemulher.com.br/a-afetividade-das-mulheres-negras/>>. Acesso em: 23 jun. 2019.
- LOPES, A. C. et al. Letramentos de sobrevivência: costurando vozes e histórias. In: **Revista da ABPN**, Uberlândia, v. 10, p. 678-703, jan. 2018. Edição especial - Caderno temático: letramentos de reexistência.
- LYSARDO-DIAS, Dylia. A Construção e a desconstrução de estereótipos pela publicidade brasileira. In: **Stockholm Review of Latin American Studies**. Issue, n. 2, november, 2007.
- LYSARDO-DIAS, Dylia. Espaços dialógicos em relatos biográficos. **Synergies Monde**, v. 10, p. 83-90, 2012.
- LYSARDO-DIAS, Dylia. O discurso do estereótipo na mídia. In: EMEDIATO, W.; MACHADO, I. L.; MENEZES, W. (Org.). **Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade**. Belo Horizonte: NAD/UFMG, 2006. p. 25-36.
- MACHADO, Ida Lúcia. A narrativa de vida como materialidade discursiva. In: **Revista da ABRALIN**, Curitiba, v.14, n.2, p. 95-108, jul./dez. 2015.

MACHADO, Ida Lúcia. **Reflexões sobre uma corrente de análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida**. Lisboa: Grácio Editor, 2018.

MACHADO, Ida Lúcia. Uma teoria de análise do discurso: a Semiologia. In: MARI, H.; MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Org.). **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Coleção NAD/FALE/UFMG, 2001, p. 39-62.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. Tradução Sírío Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Tradução Freda Indursky. 2.ed. Campinas: Pontes, 1993

MENDES, Emília. Análise do discurso e iconicidade: uma proposta teórico-metodológica. In: MACHADO, I. L. LIMA, H. e LYSARDO-DIAS, D. (Org.). **Imagem e discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, p. 393-417, jul./dez. 2010.

MORRISON, Toni. **O olho mais azul**. Tradução Manuel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MOSLEY, Melissa. That really hit me hard: moving beyond passive antiracism to engage with critical race literacy Pedagogy. **Race Ethnicity and Education**, v. 13, n. 4, p. 449-471, 2010.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994, p. 177-187.

MUNANGA, Kabengele. Negritude ou identidade negra e afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da ABPN**, Uberlândia, v. 4, n. 8, p. 06-14, jul./out. 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude, usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 2015.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: **Seminário Nacional Relações Raciais e Educação - PENESB**. Rio de Janeiro, 2003.

MURARO, Cauê. Lázaro Ramos é o autor mais vendido da Flip e Scholastique Mukasonga fica em 2º; veja lista. **G1: POP & ARTE**, Paraty, 30 jul. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/flip/2017/noticia/lazaro-ramos-e-o-autor-mais-vendido-da-flip-e-scholastique-mukasonga-fica-em-2-veja-lista.ghtml>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

NASCIMENTO, Roseli G.; BEZERRA, Fábio A. S.; HEBERLE, Viviane M. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 14, n. 2, p. 529-552, 2011.

NEW LONDON GRUOUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. **Education Review**, Harvard, v. 66, n. 1, p. 60-91, 1996.

NOGUEIRA, Isildinha B. **Significações do corpo negro**. 1998. 146 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

NOVAES, Silvia C. **Jogo de espelhos**. São Paulo: EDUSP, 1993.

ONU. **Primeira conferência mundial para combate ao racismo e à discriminação racial (WCAR)**. Genebra, 1978.

PENNYCOOK, Alastair. **Critical Applied Linguistics: a critical introduction**. New Jersey: LEA, 2001.

PIZA, Edith. **O caminho das águas: personagens femininas negras escritas por mulheres brancas**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1998.

RAMOS, Lázaro. **Na minha pele**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROJO, Roxane H. R. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, Roxane (Org.), **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**, São Paulo: Parábola, 2013, p. 13-36.

ROJO, Roxane H. R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-32.

SALMERÓN, André. **A ordem do mérito: um estudo sobre o atravessamento do discurso neoliberal no debate acerca das cotas raciais**. 2017. 157 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei, 2017.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”:** raça, hierarquia e poder na construção da identidade paulistana. 2012. 160 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia da USP. São Paulo, 2012.

SCHWARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1931**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Yuri. Estado com maior população de negros elege primeira deputada negra nas eleições 2018. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 09 out. 2018. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,estado-com-maior-populacao-negra-elege-primeira-deputada-negra-nas-eleicoes-2018,70002541336>>. Acesso em: 20 maio 2019.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SOUZA, Ana Lúcia S. **Letramentos de reexistência –poesia, grafite, música, dança: hip-hop**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

- STREET, Brian; BAGNO Marcos. Perspectivas interculturais sobre o letramento. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 8, p. 465-488, 2006.
- TATE, William F. Critical race theory and education: history, theory, and implications. In: APPLE, M. W. (Ed.). **Review of Research in Education**. Washington: American Educational Research Association, v. 22, p. 195-247, 1997.
- TEIXEIRA, Maria Aparecida S. B. **Resgatando a minha bisavó**: discriminação racial no trabalho e resistência na voz dos trabalhadores negros. 1992. 135 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1992.
- TWINE, Winddance; STEINBUGLER Amy. The gap between White and Whiteness: Interracial Intimacy and Racial Literacy. **Du Bois Review**, v. 3 n. 2, p. 341-363, 2006.
- VASCOUTO, Lara. 8 estereótipos racistas que novelas brasileiras precisam parar de usar. **Nó de Oito**. 2 ago. 2016. Disponível em: <<http://nodeoito.com/estereotipos-racistas-novelas-brasileiras/>>. Acesso em: 22 de maio de 2019.
- VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária. In: RAMA, Angela. **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 31-64.
- WAGNER, Daniel A. Studing literacy in Marocco. In: SCHIEFFELIN, B. B., GILMORE, P. (Eds.). **The Acquisition of literacy**: ethnographic perspectives. Norwood: Ablex, 1986.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015**: homicídio de mulheres no Brasil. Brasília: Flacso Brasil, 2015. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2019.

ANEXO A - Aproximações entre figuras humanas e animais

Imagem 1: As experiências de Della Porta - homem x animal.



Fonte: Banco de imagens do *Google*⁶⁶.

⁶⁶Pesquisa por meio do endereço eletrônico

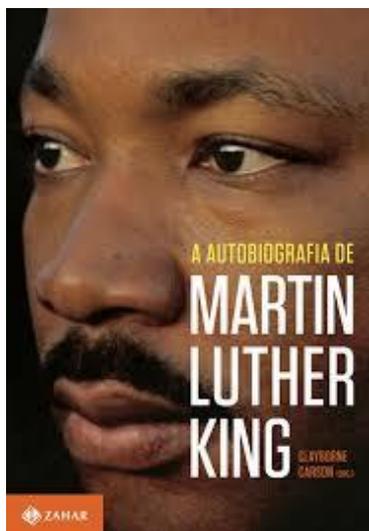
<https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=651&tbm=isch&sa=1&ei=VRIRXPejL4XDwASgxqG4AQ&q=experi%C3%A2ncias+de+della+porta+homem+animal+1586&oq=experi%C3%A2ncias+de+della+porta+homem+animal+1586&gs_l=img.3...38639.43863..44190...0.0.0.130.606.0j5.....1....1..gws-wiz-img.xHANfsD-CMo#imgrc=>>, com acesso em 12 dez. 2018.

ANEXO B - Livro *No seu pescoço* (ADICHE, 2009)Imagem 2: Capa do Livro *No seu pescoço*, de Chimamanda Adiche (2009).Fonte: Banco de imagens do Google⁶⁷

⁶⁷Pesquisa por meio do endereço eletrônico https://www.google.com.br/search?q=capa+no+seu+pesco%C3%A7o+chimamanda&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiU_7bs2LrjAhXIHbkGHR7cARsQ_AUIESgC&biw=1366&bih=655#imgc=ZugZQQB9UG8uuM:>, com acesso em 16 jul. 2019.

ANEXO C - Imagens de capas de livros com rosto negro

Imagem 3: Capa da autobiografia de Martin Luther King (CARSON, 2014).



Fonte: Banco de imagens do Google⁶⁸

Imagem 4: Capa do livro de Bell Hooks - *O feminismo é para todo mundo* (2018).



Fonte: Banco de imagens do Google⁶⁹

⁶⁸Pesquisa por meio do endereço eletrônico

<https://www.google.com.br/search?q=capa+autobiografia+martin+luther+king&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjY28TgwYrhAhW1HLkGHSTNDRMQ_AUIDigB&biw=1366&bih=651>, com acesso em 17 mar. 2019.

⁶⁹Pesquisa por meio do endereço eletrônico

<

ANEXO D - Publicações com a capa da autobiografia de Gilberto Gil - *Gilberto bem perto* (GIL; ZAPPA, 2013)

Imagem 5: *Printscreen* de postagens com a hashtag #gilbertobemperto.



Fonte: *Instagram* ⁷⁰

Imagem 6: *Printscreen* de postagens com a hashtag #gilbertobemperto.



Fonte: *Instagram* ⁷¹

⁷⁰Pesquisa por meio do endereço eletrônico
<<https://www.instagram.com/explore/tags/gilbertobemperto/?hl=pt-br>>, com acesso em 19 dez. 2018.

⁷¹*Idem* 73.

ANEXO E - Imagem da cantora Daniela Mercury no carnaval do ano de 2017, quando foi acusada de praticar *blackface*

Imagem 7: Daniela Mercury.

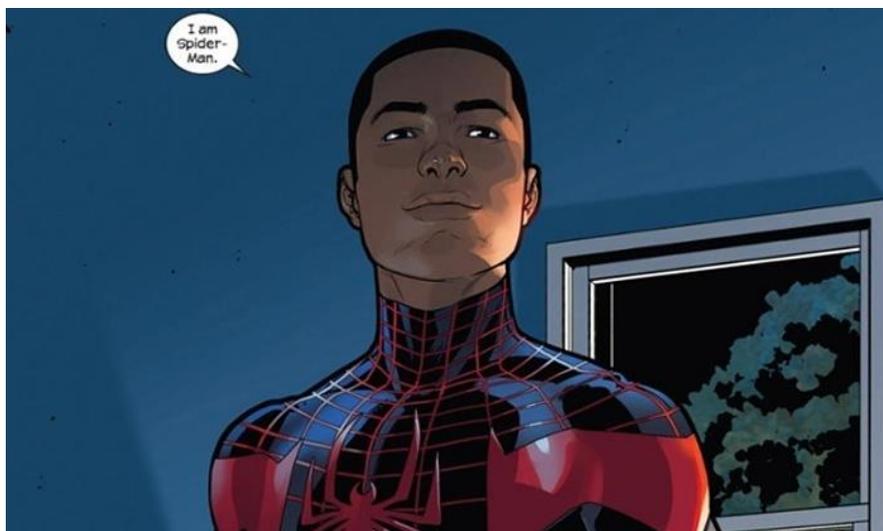


Fonte: *Correionagô - informação do seu jeito*⁷².

⁷²Pesquisa por meio do endereço eletrônico: <<https://correionago.com.br/portal/e-caricatura-sim-daniela-mercury-e-acusada-de-realizar-blackface-no-carnaval/>>, com acesso em 14 jun. 2019.

ANEXO F - Figuras do *Homem-Aranha Negro da Marvel* e da personagem *Milena*, da *Turma da Mônica*

Imagem 8: *Homem-Aranha negro da Marvel*.



Fonte: *Revista Veja* - online⁷³

Imagem 9: *Milena*, a nova personagem da *Turma da Mônica*.



Fonte: *Correio do Povo*⁷⁴

⁷³Pesquisa por meio do endereço eletrônico <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/jovem-negro-miles-morales-sera-oficialmente-homem-aranha/>>, com acesso em 21 jun. 2019.

⁷⁴Pesquisa por meio do endereço eletrônico <https://www.google.com.br/search?q=personagem+negra+turma+da+monica&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=eO_X4EFNis1ljM%253A%252CLvu3VPCM9uWexM%252C_&vet=1&usg=AI4_kSoWS07PeHyndESUkPsW26Atq8wpg&sa=X&ved=2ahUKEwjzO6bo_vAhXUB9QKHedcB4UQ9QEwCXoEAcQFg#imgrc=LbzcBOPvG4sI3M:&vet=1>, com acesso em 21 jun. 2019.

ANEXO G - Imagem publicada no *Facebook*, na página *Liberdade para Rafael Braga*, comparando Rafael Braga ao filho da desembargadora

Imagem 10: Publicação sobre o caso Rafael Braga.



Fonte: *Facebook*⁷⁵

⁷⁵Pesquisa por meio do endereço eletrônico <<https://www.facebook.com/liberdaderafaelbragavieira/photos/a.1469111449983704/2044686139092896/?type=1&theater>>, com acesso em 23 jun. 2019.

ANEXO H - Imagens publicadas no *Instagram* retratando o livro *Na minha pele* sendo utilizado na sala de aula em algumas escolas.

Imagem 11: Lázaro Ramos na escola.



Fonte: *Instagram*⁷⁶

Imagem 12: Livro *Na minha pele* na escola.



Fonte: *Instagram*⁷⁷

⁷⁶Pesquisa por meio do endereço eletrônico <<https://www.instagram.com/explore/tags/naminhapele/>>, com acesso em 05 jun. 2019.

⁷⁷Pesquisa por meio do endereço eletrônico <<https://www.instagram.com/explore/tags/naminhapele/?hl=pt-br>>, com acesso em 17 dez. 2018.

Imagem 13: Livro *Na minha pele* na escola.

Fonte: *Instagram*⁷⁸

⁷⁸Pesquisa por meio do endereço eletrônico
<<https://www.instagram.com/explore/tags/naminhapele/?hl=pt-br>>, com acesso em 17 dez. 2018.

ANEXO I - Lucas Soares, ex-servidor público, exonerado após as investigações concluírem que ele havia forjado o sistema de cotas para negros.

Imagem 13: À esquerda, a foto “real” de Lucas Soares e à direita, a que foi tirada para o concurso.



Fonte: Banco de imagens do *Google*⁷⁹.

⁷⁹Pesquisa por meio do endereço eletrônico
<https://www.google.com.br/search?q=funcionario+exonerado+cotas+juiz+de+fora&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjFv_Wiqf3jAhUKHbkGHfqJCeQQ_AUIEigC&biw=1366&bih=655#imgrc=78eDDHZe043IGM:>>, com acesso em 12 ago. 2019.